

ANTÔNIO RENATO GUSSO



OS PROFETAS MAIORES

INTRODUÇÃO FUNDAMENTAL E
AUXÍLIOS PARA A INTERPRETAÇÃO

ISAÍAS

JEREMIAS

LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS

EZEQUIEL

DANIEL



ZP
SANTOS

ANTÔNIO RENATO GUSSO



OS PROFETAS MAIORES

INTRODUÇÃO FUNDAMENTAL E
AUXÍLIOS PARA A INTERPRETAÇÃO

ISAÍAS

JEREMIAS

LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS

EZEQUIEL

DANIEL



The logo for Edições Santus, featuring a stylized 'S' and 'P' intertwined within a square frame, with the word 'SANTUS' written below it.

COPYRIGHT© 2014 POR
Antônio Renato Gusso

Todos os direitos em Língua Portuguesa reservados por:

A.D. SANTOS EDITORA
Al. Júlia da Costa, 215
80410-070 – Curitiba – Paraná – Brasil
+ 55 (41) 3207-8585
www.adsantos.com.br
editora@adsantos.com.br

Coordenação editorial:

Priscila Laranjeira

Capa:

Adilson Proc

Diagramação e projeto gráfico::

Adilson Proc

Impressão e acabamento:

Gráfica Exklusiva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

GUSSO, Antônio Renato

Os Profetas Maiores – Introdução fundamental e auxílios para a interpretação / Antônio Renato Gusso – Curitiba : A.D. Santos Editora, 2014.

ISBN 978-85.7459-338-8

CDD: 221

1. O Antigo Testamento – História do Antigo Testamento

CDD: 240

1ª Edição: Abril / 2014

Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios a não ser em citações breves, com indicação da fonte.

Edição e Distribuição:



Dedicatória

Pela graça e misericórdia de Deus, que tem me dado forças, capacidade e saúde, em meio a tantas atividades e viagens, atuando no magistério teológico e no ministério da Palavra, consegui concluir mais este livro. Assim, acima de tudo e de todos, é a Ele que eu devo gratidão, e é a Ele que eu dedico esta obra: Muito obrigado Senhor!

Também o dedico a algumas das pessoas que têm sido importantes em minha vida: Sandra, esposa e companheira; Ana e Francisco, filhos amados; Francisco e Lourdes (em memória), pais exemplares; Josélia, Luiz, Alberto, Laertes, Paulo e Clarice, irmãos e amigos; estudantes e professores da Faculdade Teológica Batista do Paraná e da Faculdade Batista Pioneira, incentivadores e propulsores de meus esforços acadêmicos; membros da igreja que pastoreio, Igreja Batista Ágape (amor), sempre um amor de igreja.

“Não havendo revelação o povo se corrompe, mas o que guarda a lei é bem-aventurado”.

(Provérbios 29.18) [\[Nota 1\]](#)

Nota da Dedicatória

Nota 1 - GUSSO, Antônio Renato. O Livro de Provérbios analítico e interlinear: curso prático para aprimorar o conhecimento do hebraico bíblico. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012. [\[Voltar\]](#)

Sumário

PREFÁCIO

INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO AO MOVIMENTO PROFÉTICO

2. O LIVRO DE ISAÍAS

3. O LIVRO DE JEREMIAS

4. O LIVRO DE LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS

5. O LIVRO DE EZEQUIEL

6. O LIVRO DE DANIEL

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .

ÍNDICE DE AUTORES E TEMAS

ÍNDICE DE PALAVRAS E EXPRESSÕES HEBRAICAS

PREFÁCIO

É um privilégio, em pleno século XXI, termos acesso aos textos dos antigos profetas de Israel. A história dá testemunho de tantas obras importantes perdidas para sempre nos escombros e ruínas dos prédios antigos, em função de guerras e calamidades naturais. A preservação destes livros proféticos é, por si só, uma bênção para a humanidade. É, para mim, um prazer escrever este prefácio ao livro OS PROFETAS MAIORES - Introdução fundamental e auxílios para a interpretação, do prof. Antônio Renato Gusso, pastor e professor das Faculdades Batista do Paraná.

Embora seja um privilégio contar com estes livros, nem sempre conseguimos interpretá-los bem, tanto em função da distância que os separa de nós no tempo, língua e cultura; quanto em função dos dois milênios de interpretação cristã destes livros, que direcionam em grande medida nosso olhar aos mesmos.

Assim, uma obra que ofereça subsídios e auxílios preciosos para a interpretação dos textos proféticos é sempre bem-vinda.

Você poderá pensar porque *mais* um livro sobre os profetas. Eu diria que nunca é demais ler um bom livro sobre um assunto relevante e apaixonante. Por que não mais um bom livro que nos ajude a ler e desvendar os mistérios sempre presentes em livros como Isaías, Jeremias e Lamentações, Ezequiel e Daniel? Um livro que nos ajude a ir além dele mesmo e nos encaminhe à leitura dos textos bíblicos, dando maior importância à Escritura do que a si mesmo. Este é um livro com tal virtude. Ler *Os Profetas Maiores* do prof. Gusso nos encaminha de volta ao texto bíblico e nos convida a estudá-lo com maior afinco, disposição e prazer espiritual.

Para os leitores e leitoras acostumados ao jargão acadêmico e às discussões introdutórias à Escritura, alguns aspectos do livro poderão chamar a atenção de modo intrigante. Lamentações e Daniel não são, propriamente dito, do ponto de vista do cânon hebraico, como do ponto de vista do gênero literário, *profetas maiores*. Estes são apenas os livros de Isaías, Jeremias e Ezequiel.

Lamentações é uma obra litúrgica e Daniel um texto apocalíptico, e ambos os livros pertencem à terceira seção canônica da Bíblia Hebraica, os Escritos. Como justificar a sua inclusão em uma introdução aos Profetas Maiores? O próprio autor justifica, de modo prático: estes livros, nas versões usadas por evangélicos, pertencem ao conjunto dos Profetas Maiores. Ou seja, ao invés de seguir a discussão acadêmica, o autor preferiu seguir o hábito de leitura dos membros de igrejas ao organizar sua obra.

Esta escolha, porém, não quer dizer que o livro não respeite os resultados das pesquisas exegéticas e históricas. O tom do livro é agradável e de leitura fácil, mas o seu conteúdo revela conhecimento do estado atual da pesquisa e cuidado no uso das fontes bibliográficas contemporâneas. Alguns dos principais tópicos de discussão acadêmica necessários ao conhecimento dos livros bíblicos estão aqui presentes de modo que o leitor e a leitora possam entendê-los sem desviar-se do foco que é ler os livros bíblicos, e não ficar atualizado em relação ao mundo acadêmico – outros livros cumprem bem essa função. O alvo deste livro é ajudar o leitor e a leitora não acadêmicos a entrar nos livros bíblicos e procurar entendê-los por si próprios.

Ao percorrer as páginas deste livro você será convidado a entrar no mundo conturbado dos profetas maiores israelitas.

Eles viveram em tempos de muito sofrimento e luta para o povo de Deus – ora por causa de sua própria infidelidade a Deus, ora pela ganância e desejo de conquista de impérios orientais e ocidentais. Em certo sentido, estes cinco livros foram escritos em uma atmosfera de *luto*. A morte, física ou simbólica, permeia os cinco escritos aqui analisados – morte como castigo, morte como inevitabilidade, morte como destino inesperado – mas, nunca, morte como a palavra final. Se a atmosfera é de luto, a esperança é abundante nos cinco livros e eles nos ajudam a entender melhor os caminhos de Deus em meio aos sofrimentos humanos.

Outro elemento presente nestes livros é o desejo de *justiça*.

Às vezes, o tom dos textos parece ser vingativo, e revela as emoções intensas de seus autores e do seu povo. Mas, acima da vingança, o que estes livros propõem é a busca e prática da justiça como meta fundamental da vida humana – pessoal e socialmente. Nós, que vivemos em uma época na qual a esperança e a justiça parecem valores distantes, somos desafiados a ler os Profetas Maiores como guias para a prática da justiça com esperança, tornando nossas vidas úteis e dignas nas mãos de Deus para agir em nossa realidade como sal e luz, como portadores e portadoras de uma nova e melhor visão da vida e do mundo.

Fica, aqui, portanto, o convite para que você leia avidamente este texto de introdução aos Profetas Maiores. O convite para que, ao ler este texto, você se sinta mais motivado e desafiado a ler os próprios textos bíblicos e fazer deles companheiros constantes na caminhada diária em busca de agradar ao Deus de toda a terra – Deus de paz, justiça e esperança.

Júlio Paulo Tavares Zabatiero

INTRODUÇÃO

Depois de ter colocado à disposição do público três livros no mesmo estilo deste, chamados de “O Pentateuco”, “Os Livros Históricos” e “Os Livros Poéticos e os da Sabedoria”, todos com o subtítulo “Introdução fundamental e auxílios para a interpretação”, agora apresento mais um: “Os Profetas Maiores”. Da mesma forma que os anteriores também este não é uma introdução nos moldes tradicionais, nem um comentário. Ele é o que o título anuncia: uma introdução fundamental, ou seja, um livro que destaca o essencial que o leitor necessita conhecer das questões que envolvem os livros bíblicos e auxílios para a interpretação deles, tratando apenas dos temas que necessitam de explicações.

A seleção dos temas e dificuldades foi feita com base nas experiências em muitos anos de sala de aula. Assim, são tratados os assuntos que, normalmente, os estudantes de cursos de Bacharel em Teologia fazem ao professor durante as aulas, depois de terem lido os livros bíblicos com atenção, em alguma de suas versões modernas. Aquilo que o estudante pode entender por conta própria, sem dificuldades, não é tratado.

Este, como os demais que o antecederam, não é um livro para, simplesmente, ser lido. É um livro para estudos. Ou, melhor ainda, um livro para orientar o estudo dos livros bíblicos. Desta forma, ele precisa ser lido acompanhado de uma boa versão bíblica. Alguns textos bíblicos são citados no livro. Quando não identificam a versão que foi utilizada o leitor deve ficar ciente que foram tirados da Almeida Século 21.

A obra é composta por seis capítulos. O primeiro capítulo discorre a respeito do movimento profético em si e serve como uma introdução geral para todos os demais. Os outros cinco capítulos, bastante parecidos na forma de apresentação, mas não idênticos, pois cada livro da Bíblia possui suas particularidades, apresenta uma introdução e os auxílios para a interpretação dos livros bíblicos de Isaías, Jeremias, Lamentações de Jeremias, Ezequiel e Daniel. Esta ordem foi adotada por se tratar da mesma que é utilizada no Cânon Evangélico atual, em sua divisão conhecida como Profetas Maiores. O Livro de Lamentações, obra essencialmente poética, foi tratado aqui e não no meu livro anterior, referente aos Livros Poéticos e Sapienciais, pela mesma razão, por estar entre os profetas neste Cânon.

As representações das palavras gregas e hebraicas com a utilização do Alfabeto Latino, as chamadas transliterações, estão baseadas na proposta que eu faço em meus livros Gramática Instrumental do Grego^[Nota 2] e Gramática Instrumental do Hebraico^[Nota 3].

Como esta é uma questão que sempre encontra alguma discordância entre os estudiosos, coloquei ao lado delas também as palavras nas línguas originais. Creio que isto ajudará os que entendem ao menos um pouco destas línguas a avançarem com maior facilidade em suas pesquisas.

Sem mais para o momento, vamos ao estudo!

Notas da Introdução

Nota 2 - GUSSO, Antônio Renato. Gramática instrumental do grego: do alfabeto à tradução a partir do Novo Testamento. 1.ed. Revisada. São Paulo: Vida Nova, 2013. [\[Voltar\]](#)

Nota 3 - GUSSO, Antônio Renato. Gramática instrumental do hebraico. 2.ed. Revisada. São Paulo: Vida Nova, 2008. [\[Voltar\]](#)

INTRODUÇÃO AO MOVIMENTO PROFÉTICO

Antes de passarmos ao estudo individual de cada um dos livros conhecidos como Profetas Maiores, é necessário um esclarecimento geral a respeito do movimento profético em si. Assim, apresentaremos neste primeiro capítulo uma introdução ao assunto.

Trataremos da localização dos livros nos cânones, destacaremos alguns profetas e algumas profetisas que são mencionados na Bíblia, no Antigo e no Novo Testamento, analisaremos alguns dos títulos que foram utilizados para estes personagens no Antigo Testamento e buscaremos uma definição, mais ou menos adequada, para ajudar a entender quem eram as pessoas que recebiam o título de profeta.

Estes detalhes ajudarão na compreensão dos conteúdos dos livros proféticos em particular que serão abordados.

1.1. A Localização dos Livros nos Cânones

A Bíblia Hebraica é dividida em três partes. A primeira, possivelmente, foi reconhecida como inspirada antes das demais e recebe o nome de *Tôrâ* (תּוֹרָה), termo este que comporta muito bem os seguintes significados: lei, preceito, instrução ou direção. [\[Nota 4\]](#)

Como se percebe, o título em si, da primeira divisão da Bíblia Hebraica, já aponta para muito mais do que apenas uma coleção de leis, ela mostra o caráter didático e orientador que estes livros possuem.

A segunda divisão da Bíblia Hebraica é chamada de *Nebî'im* (נְבִיאִים), título que comporta bem a tradução Profetas. Isto, contudo, não significa que esta parte da Bíblia Hebraica só possui livros que tratem de assuntos proféticos ou das carreiras dos profetas, nela estão também livros como Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel e 1 e 2 Reis, os quais são classificados, nas divisões modernas, entre os livros chamados históricos. Também não significa que sejam os únicos livros que narram os feitos dos profetas hebreus, pois eles surgem em outras partes, fora desta coleção.

O nome da terceira divisão da Bíblia Hebraica é *Ketûbîm* (כתובים). Normalmente é traduzido pelo termo “Escritos”, porém comporta ainda outros significados. Ela é a forma plural da palavra *Ketâb* (כתב) a qual tem, pelo menos, quatro sentidos que são: escrito, documento, registro e lista. [\[Nota 5\]](#)

O conteúdo de cada uma das divisões da Bíblia Hebraica é o seguinte:

- 1) *Tôrâ* (תורה) = Lei = Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio;
- 2) *Nebî'im* (נביאים) = Profetas Estes livros que recebem a nomenclatura “Profetas” se subdividem em dois grupos. O primeiro é conhecido como “Profetas Anteriores” e o segundo como “Profetas Posteriores”. Veja na sequência cada um deles.
 - 2.1. Profetas Anteriores = Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel e 1 e 2 Reis;
 - 2.2. Profetas Posteriores = Isaías, Jeremias, Ezequiel e o Livro dos doze, composto por Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias;
- 3) *Ketûbîm* (כתובים) = Escritos = Salmos, Provérbios, Jó, Cantares, Rute, Lamentações, Eclesiastes, Ester, Daniel, Esdras, Neemias, e 1 e 2 Crônicas.

Nesta obra que trata dos “**Profetas Maiores**”, de acordo com o Cânon Cristão, então, estudaremos alguns dos livros da segunda parte da segunda divisão da Bíblia Hebraica, a chamada de Profetas Posteriores e dois da terceira divisão. Serão abordados, na sequência, os livros de Isaías, Jeremias, Lamentações de Jeremias, que é um livro poético e se encontra entre os “Escritos” no Cânon Hebraico, Ezequiel, e Daniel. Este último também da terceira divisão do Cânon Hebraico.

Também são conhecidos no Cânon Cristão como profetas, porém menores, os livros de Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias, os quais faziam parte de um livro só, conhecido como o Livro dos Doze. Sempre é bom lembrar que estas designações “maiores” e “menores” para os livros destas divisões não estão baseadas na qualidade ou autoridade dos escritos ou dos profetas em si, mas, sim, na quantidade de material utilizado em suas composições. Os longos são chamados de maiores e os breves de menores.

1.2. Alguns Profetas Mencionados na Bíblia

Enganam-se aqueles que pensam que os profetas só aparecem nos chamados livros proféticos. Eles estão espalhados por várias partes da Bíblia, seja no Antigo ou Novo Testamento.

Vejamos, a seguir, alguns deles. A lista toda seria muito maior, temos aqui apenas uma amostra significativa.

1.2.1. Homens que foram reconhecidos como profetas na Bíblia

1) *Enoque* – O profeta mais antigo de que se tem notícia. É um personagem que aparece no Livro de Gênesis (Gn 5.22-24), mas que só é chamado de profeta no Novo Testamento, em Judas 14, uma citação de um livro apócrifo. [\[Nota 6\]](#) Veja o que o texto diz sobre ele: “A respeito deles também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: O Senhor veio com seus milhares de santos” (Jd 14).

2) *Abraão* – Enoque, levando-se em consideração o texto de Judas, é o profeta mais antigo mencionado na Bíblia, mas na sequência bíblica natural o que aparece com este título antes de todos os outros é Abrão. Veja o que diz Gênesis 20.7 a este respeito, quando Deus, em sonhos, mandou Abimeleque devolver Sara para Abraão: “Portanto devolve agora a mulher a seu marido, porque ele é profeta e intercederá por ti, e conservarás a vida; mas, se não a devolveres, sabe que certamente morrerás, tu e todos os teus”.

3) *Moisés* – Em Deuteronômio 18.15-19 e 34.10-12 percebe-se que Moisés, além de grande legislador, foi um dos profetas mais íntimos de Deus. Veja o que estes textos dizem a seu respeito:

15 O SENHOR, teu Deus, levantará um profeta semelhante a mim do meio de ti, dentre teus irmãos; a ele ouvirás;

16 conforme o que pediste ao SENHOR, teu Deus, no Horebe, no dia da assembleia: não quero mais ouvir a voz do SENHOR, meu Deus, nem olhar mais para este grande fogo, para que eu não morra.

17 Então o SENHOR me disse: Falaram bem naquilo que disseram.

18 Levantarei do meio de seus irmãos um profeta semelhante a ti e lhe porei na boca as minhas palavras, e ele lhes falará tudo o que eu lhe ordenar.

19 E pedirei contas de todo aquele que não ouvir as minhas palavras que ele falar em meu nome (Dt 18.15-19).

10 E nunca mais surgiu em Israel um profeta como Moisés, a quem o SENHOR conhecesse face a face,

11 nem semelhante em todos os sinais e maravilhas que o SENHOR o enviou para fazer na terra do Egito, ao faraó, a todos os seus servos e a toda a sua terra;

12 nem em tudo o que Moisés realizou com mão forte, nem nas coisas terríveis aos olhos de todo o Israel (Dt 34.10-12).

4) *Saul* – Saul é encontrado entre os profetas, também “profetizando”, em dois textos bíblicos. Nas duas ocasiões ele fez isto em êxtase. O primeiro texto, em 1Samuel 10.9-13, mostra Saul decidido a fazer a vontade de Deus e profetizando como cumprimento de uma palavra de Samuel como confirmação de que ele, Saul, havia sido separado por Deus para ser rei e seria transformado em outro homem (1Sm 10.1-7). No segundo texto ele profetiza, também em êxtase, dia e noite, diante de Samuel e, com isto, não comete o assassinato que procurava cometer (1Sm 19.18-24). Davi, aquele a quem Saul desejava matar, conseguiu escapar enquanto Saul profetizava (1Sm 20.1).

5) *Davi* – O rei Davi foi um personagem do Antigo Testamento claramente reconhecido como profeta no Novo Testamento. Pedro diz a respeito dele: “Irmãos, concedei-me dizer-vos com clareza que o patriarca Davi morreu e foi sepultado, e o seu túmulo está até hoje entre nós. Sendo ele profeta e sabendo que Deus lhe havia prometido com juramento que faria um dos seus descendentes assentar-se no seu trono, Davi previu isso e falou da ressurreição de Cristo, cuja vida não foi deixada no túmulo e cuja carne não sofreu deterioração” (At 2.29-31).

6) *Natã* (2 Samuel 12 e 1 Reis 1.22) – Ministério realizado junto à realeza.

7) *Aías* (1 Reis 11.29-31) – Previu a divisão do Reino de Salomão em dois.

8) *Profeta de Nome Desconhecido* (1 Reis 13.1ss; 13.18) – Profetizou contra o altar em Betel.

9) *Jeú* (1 Reis 16.1-7) – Profetizou contra a família do rei Baasa.

10) *Elias* (1 Reis 17.1; 18.36; 2 Reis 2.11) – O profeta que foi levado para o céu.

11) *Eliseu* (2 Reis 2 e 2 Reis 5.3) – Foi sucessor de Elias e desenvolveu um ministério extraordinário, marcado por sinais e milagres.

12) *João Batista* (Mateus 11.7-15; 21.26) – Mesmo sem nenhum milagre marcando seu ministério foi reconhecido por todos como profeta e, por Jesus, como o maior dos profetas.

13) *Ágabo* (Atos 11.27-28) – Estava entre os profetas de Jerusalém nos primórdios da Igreja

Cristã. Isto mostra que o ministério profético não foi encerrado com João Batista como alguns têm sugerido. É bom perceber, ainda, que entre os dons espirituais citados pelo apóstolo

Paulo na Primeira Carta aos Coríntios também está o de profecia. O texto diz assim: Na igreja, Deus designou alguns primeiramente apóstolos; em segundo lugar, profetas; em terceiro, mestres; depois os que realizam milagres; depois os que têm dons de curar, os que socorrem os outros, os que administram e os que falam variedade de línguas (1Cor 12.28).

1.2.2. Mulheres que foram reconhecida como profetisas na Bíblia

A quantidade de profetisas, proporcionalmente a dos profetas na Bíblia, é bem menor, mas algumas delas também aparecem no texto sagrado desempenhando esta função. Seguem os nomes e breves descrições de algumas:

- 1) *Miriã* (Êxodo 15.20) – A irmã de Moisés. A informação é a seguinte: “Então Miriã, a profetisa, irmã de Arão, pegou um tamborim, e as outras mulheres a acompanharam tocando tamborins e dançando”.
- 2) *Déborá* (Juízes 4.4) – Profetisa, juíza e poetisa chamada de Mulher dos Relâmpagos (*'eshet lappîdôt* – עִשֶׁת לַפִּיִּדוֹת).
- 3) *A esposa do profeta Isaías* (Isaías 8.3) – O nome dela não é conhecido, mas é chamada de profetisa, provavelmente por exercer a função profética, se assim não era chamada apenas por ser mulher de um profeta.
- 4) *Hulda* (2 Reis 22.14-20) – Profetisa que atuou na mesma época do profeta Jeremias.
- 5) *Ana* (Lucas 2.36-38) – Profetiza viúva e idosa, que servia a Deus de forma contínua no templo de Jerusalém.
- 6) *Filhas de Filipe* (Atos 21.9) – Eram em número de quatro, todas moças e profetisas.
- 7) *Desconhecidas que atuavam na Igreja de Corinto* (1 Coríntios 11.5) – Paulo as orienta a não profetizarem com as cabeças descobertas. Ele escreveu: “Mas toda mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta desonra sua cabeça, pois é como se estivesse com a cabeça rapada”.

1.2.3. Estrangeiros reconhecidos como profetas na Bíblia

O profetismo não é um fenômeno exclusivo de Israel e a própria Bíblia mostra isto apresentando alguns estrangeiros reconhecidos como profetas. Seguem alguns que foram identificados:

- 1) *Profetas de Baal* (1 Reis 18.40 e 2 Reis 10.19) – Ainda que muitos tenham atuado em Israel, eram profetas importados de Tiro por Jezabel, que era esposa do rei Acabe, oriunda da Fenícia;
- 2) *Balaão* (Números 22) – Profeta que foi contratado por Balaque, rei dos moabitas, para amaldiçoar o povo de Israel quando saiu do Egito. Ele era da cidade de Petor, na Mesopotâmia.

1.2.4. Alguns profetas que profetizaram falsamente em Israel

O Antigo Testamento nunca utiliza o termo falso profeta, tão comum na atualidade. Portanto, devemos lembrar que estes profetas eram reconhecidos como tais em suas épocas. Foram profetas que profetizaram falsamente, pensando em seus próprios interesses e não em transmitir as verdades de Deus.

- 1) *Zedequias* (1 Reis 22.11 e 24) – Atuou contra o profeta Micaías;
- 2) *Noadias* (Neemias 6.14) – Profetisa que, juntamente com outros profetas, procurou atrapalhar as atividades de Neemias;
- 3) *Hananiah* (Jeremias 28) – Desafiou o profeta Jeremias apresentando profecias falsas diante do povo de Judá;
- 4) *Profetisas e profetas citados em Ezequiel* (Ezequiel 13.17-23) – Mulheres descritas como praticantes de magia (Ezequiel 22.28) Profetas que diziam falar a mensagem de Deus quando, na verdade, ele não havia falado;
- 5) *Jezabel* (Apocalipse 2.20) – Mulher que se intitulava a si mesma como profetiza e procurava perverter a boa doutrina entre cristãos do Novo Testamento.

1.3. Títulos utilizados para os Profetas no Antigo Testamento

Vários são os títulos utilizados para os profetas no Antigo Testamento. Eles podem nos ajudar a entender um pouco melhor estes personagens tão importantes na literatura bíblica. São eles:

1) *Profeta* – Profeta, normalmente, é a tradução do termo hebraico *Nābî* (נָבִיא) e significa “aquele que fala” (No caso: fala por Deus). Se a mensagem dele não for falada em nome de Deus, sua mensagem é falsa - Deuterônimo 13.1-11 e 18.20-22;

2) *Vidente* (*Rō’eh* – רֹאֶה) – Aquele que possuía uma habilidade especial de fazer previsões. Contudo, no geral, este era apenas um aspecto do ministério. Normalmente ele falava do presente e do futuro, revelando a vontade de Deus. *Rō’eh* (רֹאֶה) era um antigo título para o *Nābî* (נָבִיא), como se vê em 1 Samuel 9.9, que diz:

“Antigamente em Israel, quando alguém ia consultar a Deus, dizia: Vinde, vamos ao vidente (*Rō’eh* – רֹאֶה) porque naquela época o profeta (*Nābî* – נָבִיא) se chamava vidente (*Rō’eh* – רֹאֶה)”;

3) *Homem de Deus* – No hebraico *’ish ’ēlōhîm* (אִישׁ אֱלֹהִים), pessoa santa ou consagrada, como, por exemplo, Samuel, Elias e Eliseu - 1 Samuel 9.6, 1 Reis 17.18, 2 Reis 4.40;

4) *Servo de Yavé* – Ainda que fossem líderes no meio do povo os profetas eram conhecidos como servos de Yavé (*’abdê Yhvh* – עַבְדֵי יְהוָה). Um exemplo está em Amós 3.7: “Certamente o SENHOR Deus não fará coisa alguma sem a revelar aos seus servos, os profetas”;

5) *Mensageiro de Yavé* – Aparece no livro de Malaquias como possível nome próprio, mas também, com boas chances, como título do profeta. Veja Malaquias 1.1 e 3.1 onde o hebraico traz *mal’ākî* (מַלְאָכִי) – o qual pode ser traduzido por “meu mensageiro” ou, ainda, ser utilizado como o nome próprio “Malaquias”;

6) *Atalaia* – Também conhecido como sentinela (*tsōfeh* – צֹפֵה), pessoa que tem a responsabilidade de avisar quando o perigo está próximo (Ezequiel 3.17 e 33.7);

7) *Filho do Homem* – O profeta Ezequiel é assim chamado (*ben-’ādām* – בֶּן־אָדָם). Este título pode estar destacando a humanidade do profeta em contraste com Deus, bem como apontando o profeta como um representante das demais pessoas (Ez 3.17 e 33.7). O significado do termo em Daniel, Capítulo 7, pode ajudar a compreender a sua utilização em relação também ao profeta Ezequiel.

1.4. Definição de Profeta

Depois de tudo o que já foi visto até aqui a respeito das atribuições e das qualidades dos profetas, expressas pelos seus títulos e modos de vida, fica claro que não é fácil de encontrar uma definição que possa conter todas as facetas destas pessoas tão populares na Bíblia. Assim, aqui serão apresentadas duas definições, de autores diferentes, apenas como demonstração da dificuldade.

Asa Routh Crabtree, falando dos verdadeiros profetas de Yavé, destacando a regra geral e não as exceções, definiu profeta assim: “O profeta é aquele que vê e entende a vontade de Deus; que recebe e reconhece a revelação divina; que distingue entre os pensamentos do seu próprio coração e a voz de Deus; que anuncia fielmente as coisas que recebe de Deus”.

Por sua vez, Jesús Maria Asurmendi, apresenta a seguinte definição: “O profeta é a pessoa que ‘fala na frente’ do outro, da parte de um terceiro, da divindade”.[\[Nota 7\]](#)

Obs.: nunca é demais lembrar que estas, assim como outras definições, são pouco precisas, pois, por exemplo, Daniel é chamado de profeta em Mateus 24.15 e em determinada ocasião não entendeu o significado da mensagem que Deus havia lhe dado (Daniel 12.8). Assim, ao contrário da afirmação de Crabtree, em sua definição, nem sempre o profeta entende a mensagem que recebe.

Também, ao tentar definir profeta ou profecia, é necessário atentar ao alerta de William S. Lasor que diz, com muita perspicácia: “Em geral, há duas concepções simplistas de profecia, uma que enfatiza a predição e outra que apresenta a mensagem conforme se aplicava à situação da época. Na profecia bíblica, ambos os elementos estão presentes”.[\[Nota 8\]](#) Contudo, eles não são os únicos que fazem de alguém um profeta, ou uma profetiza, como foi visto.

Notas do Capítulo 1

Nota 4 - KIRST, Nelson. et.al. Dicionário hebraico-português aramaico-português. 2.ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1989. p.265. [\[Voltar\]](#)

Nota 5 - KIRST, Nelson. et.al. Dicionário hebraico-português aramaico-português. 2.ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1989. p.107. [\[Voltar\]](#)

Nota 6 - GREEN, Michael. II Pedro e Judas: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1993. p.169, 170. [\[Voltar\]](#)

Nota 7 - ASURMENDI, Jesús Maria. Da proclamação ao livro aberto. In: SICRE, José Luis (org.). Os profetas. São Paulo: Paulinas, 1998. p.9. [\[Voltar\]](#)

Nota 8 - LASOR, William S.; HUBBARD, David A. e BUSH, Frederic W. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1999. p.246. [\[Voltar\]](#)

2.

O livro de Isaías

Este é um dos livros mais conhecidos do Antigo Testamento, em especial pela sua utilização no Novo Testamento e pelas passagens que apontam para o Messias. Nem por isto é um livro fácil, ao contrário, é uma obra que exige muito estudo e atenção.

Como o texto é muito longo, não é viável realizar a leitura de seu conteúdo antes da leitura das notas que aqui seguem. O melhor método é ler as informações abaixo e procurar no livro de Isaías as passagens citadas. Após a leitura atenta da parte introdutória destas anotações, ao se chegar no ponto que fornece os “destaques que ajudam na interpretação”, é que se deve passar para a leitura sequencial de Isaías, parte por parte, tomando-se por base as divisões do esboço proposto e verificando os destaques que ajudam na interpretação.

2.1. O Profeta

Ainda que esteja em debate a autoria do livro como um todo, como será visto mais adiante, é indiscutível que Isaías está intimamente ligado a esta obra. Também, ele é considerado uma das figuras mais importantes do Antigo Testamento.

Portanto, conhecer bem quem ele era poderá nos ajudar em uma compreensão melhor da Palavra de Deus aqui registrada. Vejamos alguns pontos de destaques a respeito dele.

2.1.1. O nome do profeta

O nome de Isaías no hebraico é *Yasha'yāhū* (ישעייהו). Ele é formado pelo termo “salvação” em conjunto com o nome de Deus (Yavé). Ainda que estudiosos discordem da interpretação referente à relação entre estes dois elementos, concordam com seu significado geral. Assim, seu

nome tem sido interpretado como “Yavé Salva”^[Nota 9], “Salvação de Yavé”^[Nota 10] ou “Yavé é Salvação”^[Nota 11].

Como havia outras pessoas com o mesmo nome em sua época (1Cr 25.3), ele era distinguido dos demais pelo nome de seu pai Amoz (*‘āmôts* – אָמוֹץ), como se vê em Isaías 1.1, que não deve ser confundido, atualmente, com o profeta Amós (*‘āmôs* – אָמוֹס), também personagem do oitavo século.

2.1.2. A família do profeta

No ponto anterior já foi dito algo a respeito do pai do profeta.

Aqui serão vistos mais alguns detalhes a respeito de sua família, como ascendência, descendência e esposa.

a) **Ascendência**

O nascimento do profeta Isaías deve ter acontecido por volta do ano 760 a.C., pouco antes da época em que Amós começou a pregar em Betel.^[Nota 12] Existe uma tradição rabínica que afirma ser Isaías descendente de nobres. Isto explicaria bem a influência dele no reino (capítulos 36-39).^[Nota 13] Mas, esta tradição não pode ser confirmada no livro que leva o seu nome. Iniciou seu ministério profético no ano da morte do rei Uzias (740 a.C.) e, segundo o Talmude, ele era primo deste rei.^[Nota 14]

b) **Descendência**

O profeta era casado com uma mulher a qual ele chamava de profetisa (8.3), o que leva a crer que ela também exercia a função profética. Contudo, não deve ser descartada a hipótese de que ele a chamava de profetisa, simplesmente, por ser a mulher do profeta. Eles devem ter se casado por volta do ano 740 a.C. e o livro nos mostra claramente que tinham pelo menos dois filhos (Is 7.3, 8.3,18). Nada se fala a respeito de possíveis filhas, nem do nome da esposa de Isaías.

Alguns estudiosos, como é o caso de Gottwald, por exemplo, acham que Isaías deve ter tido três filhos e não apenas dois. Segundo ele, Emanuel deve ser, também, o nome de um dos filhos do profeta (Is 7.14), ainda que isto não fique claro pela simples leitura do texto.

Os significados dos nomes dos filhos de Isaías podem estar comportando um sentido duplo. Veja as possibilidades:

a) *Maḥer shālāl hāsh baz* (מָהֵר שָׁלָל הָשׁ בַּז), que significa “rápido despojo/presa segura”, pode ser interpretado das seguintes formas: se Judá se unir à Israel e à Síria contra a Assíria, esta se apressará a destruir Judá; ou um Judá neutro estará fora do alcance de Israel e Síria.

b) *Sheār yāshûb* (שְׂאֵר יָשׁוּב), que significa “um resto voltará” pode significar que poucos sobreviventes serão deixados se Acáz persistir na sua política de alianças, ou que um resto há de edificar Judá, desde que o rei permaneça neutro em matéria de alianças.

c) *‘immānû ’el* (עִמָּנֹוֹ אֱלֹהִים), que significa “Deus conosco” e, na opinião de Gottwald, também é um dos filhos de Isaías, pode indicar que Deus está com o povo para destruí-lo ou para salvá-lo (8.8,10). [\[Nota 15\]](#)

Obs.: em Isaías 7.14 temos o seguinte: “Pois o Senhor mesmo vos dará um sinal: a virgem (*hā’almâ* – הָעַלְמָה) ficará grávida e dará à luz um filho, e ele se chamará Emanuel”. Três pontos relacionados com os detalhes desta profecia devem ser destacados, para uma melhor compreensão:

1) ainda que a palavra normalmente utilizada para virgem, no hebraico, seja *betûlâ* (בְּתוּלָה) e não a *’almâ* (עַלְמָה), como se encontra neste texto, deve-se levar em conta que a LXX a traduziu por virgem (*parthenos* – παρθένο), e que na literatura ugarítica, de acordo com Allan A. Macrae, estes dois termos são utilizados em paralelo poético, [\[Nota 16\]](#) o que, em alguns casos, os destaca como sinônimos.

2) Dentro do contexto de Isaías, o destaque não é para a virgindade da moça que haveria de conceber e dar à luz (7.14), mas para o menino que iria nascer. Ou seja, o sinal é o menino e não a virgindade da futura mãe.

3) Ainda que o texto tenha, claramente, fora de seu contexto imediato, um significado bíblico messiânico, pois o Novo Testamento mostra isto (Mt 1.18-25), a interpretação dentro de seu contexto literário não deve ser desprezada. Ele também, ou melhor, primeiramente, possui um significado para sua época, relacionado com a questão da aliança entre Israel e Síria contra Judá.

2.1.3. A profissão do profeta

Antes de seu chamado profético (Is 6.1), Isaías exerceu o ofício de cronista no reinado de Uzias. Isto deve pesar contra aqueles que encontram poucas porções no livro escritas pelo próprio profeta. Afinal, se ele era cronista, estava capacitado e devia gostar de escrever. A

informação a este respeito está em 2 Cr 26.22. Veja: “Quanto aos demais atos de Uzias, desde os primeiros até os últimos, o profeta Isaías, filho de Amoz, os escreveu”.

2.2. A Situação Histórica e a Data

O profeta Isaías atuou no oitavo século. O início de seu ministério, como já foi dito, aconteceu em aproximadamente 740 a.C., no mesmo ano em que morreu o rei Uzias (Is 6.1), e se desenvolveu durante os reinados de Jotão, Acaz e Ezequias, reis de Judá (Is 1.1), até mais ou menos 700 a.C.

Alguns pensam que ele pode ter sobrevivido até a época do rei Manassés (647 a.C.), e existe, até mesmo, uma tradição afirmando que Isaías foi morto serrado ao meio neste período. A informação que se encontra em Hebreus 11.37, a respeito de fiéis que foram serrados ao meio, tem sido considerada “uma alusão à tradição da morte de Isaías, conforme é registrada tanto por Justino quanto por Orígenes.”^[Nota 17] Além deles, também o livro apócrifo “A Ascensão de Isaías” registrou as seguintes palavras a este respeito: “E é por causa destas visões e destas profecias que Samael Satanás cortou com uma serra o profeta Isaías, filho de Amós”.^[Nota 18]

O contexto histórico no qual atuou o profeta Isaías, e onde então deve ter surgido ao menos o material inicial do Livro de Isaías, é marcado pela apostasia, mistura de cultos e profunda separação entre pobres e ricos. Junto com esta situação interna difícil, eles ainda enfrentavam o julgamento de Deus por intermédio da Assíria.

2.3. O Livro

Nesta parte veremos dois assuntos distintos: primeiramente trataremos do esboço do livro e, logo na sequência, de sua unidade.

2.3.1. O esboço do livro

O livro, como será visto um pouco mais adiante quando for tratada a sua unidade, tem sido

dividido em duas ou três partes principais, alguns o fazem em mais, dependendo da interpretação de quem o analisa. Aqui será apresentado um esboço em duas partes básicas as quais serão divididas em mais algumas. Ele está em grande parte, mas não na íntegra, baseado no esboço sugerido por LaSor. [\[Nota 19\]](#) Veja a seguir:

1. JULGAMENTO COM PROMESSA (1-39)

1.1 Os Pecados de Judá (1-12)

- 1.1.1 Acusação de Yavé Contra Judá (1)
- 1.1.2 Exaltação de Sião Após a Aplicação do Castigo (2-4)
- 1.1.3 O Cântico da Vinha e Suas Lições (5)
- 1.1.4 O Chamado de Isaías (6)
- 1.1.5 O Sinal Emanuel Dado Para o Rei Acáz (7-8)
- 1.1.6 O Anúncio do Príncipe da Paz (9.1-7)
- 1.1.7 A Ira de Yavé, a Assíria, seu Cetro (9.8-10.34)
- 1.1.8 A Esperança Futura (11)
- 1.1.9 Cântico de Ação de Graças (12)

1.2 Sentenças de Julgamento Contra as Nações (13-23)

- 1.2.1 Sentença Contra a Babilônia (13-14.23)
- 1.2.2 Sentença Contra a Assíria (14.24-27)
- 1.2.3 Sentença Contra a Filístia (14.28-32)
- 1.2.4 Sentença Contra Moabe (15-16)
- 1.2.5 Sentença Contra Damasco e Efraim (17)
- 1.2.6 Sentença Contra a Etiópia (18)
- 1.2.7 Sentença Contra o Egito (19)
- 1.2.8 Sentença Contra o Egito e a Etiópia (20)
- 1.2.9 Sentença Contra Babilônia (21.1-10)

1.2.10 Sentença Contra Dumá (21.11,12)

1.2.11 Sentença Contra a Arábia (21.13-17)

1.2.12 Sentença Contra Judá (22)

1.2.13 Sentença Contra Tiro (23)

1.3 O Propósito de Yavé no Julgamento Futuro (24-27)

1.3.1 O Julgamento das Nações (24)

1.3.2 Cântico de Louvor Pela Salvação do Povo de Yavé (25)

1.3.3 Cântico de Confiança (26)

1.3.4 O Livramento de Israel (27)

1.4 Advertência Contra Esforços Próprios Para o Livramento (28-35)

1.4.1 Advertência Contra Jerusalém (28-29)

1.4.2 Advertência Contra a Aliança com o Egito (30-32)

1.4.3 O Livramento Vem de Yavé (33)

1.4.4 O Dia da Vingança de Yavé (34)

1.4.5 A Futura Felicidade em Sião (35)

1.5 Narrativas Históricas (36-39)

1.5.1 A Assíria Invade Judá e Fracassa (36-37)

1.5.2 O Rei Ezequias Adoece e é Curado Milagrosamente (38)

1.5.3 Embaixadores da Babilônia Visitam o Rei Ezequias (39)

2. CONSOLO COM JULGAMENTO (40-66)

2.1 O Livramento (40-48)

2.1.1 O Consolo de Yavé Com o Retorno do Exílio (40-41)

2.1.2 O Servo de Yavé (42)

- 2.1.3 Yavé, o Redentor Divino (43)
- 2.1.4 Só Yavé é Deus (44)
- 2.1.5 Ciro, o Instrumento de Libertação de Yavé (45)
- 2.1.6 Julgamento Contra a Babilônia (46-47)
- 2.1.7 Israel é Censurado Por Sua Infidelidade (48)

2.2 A Expição (49-59)

- 2.2.1 O Servo de Yavé é a Luz Para as Nações (49)
- 2.2.2 O Servo de Yavé Enfrenta Oposição (50)
- 2.2.3 Yavé dá Uma Palavra de Conforto a Sião (51.1-52.12)
- 2.2.4 O Sofrimento Vicário do Servo de Yavé (52.13-53.12)
- 2.2.5 O Futuro Glorioso dos Servos de Yavé (54)
- 2.2.6 A Oferta da Graça de Yavé (55)
- 2.2.7 O Contraste Entre a Justiça e a Perversidade (56-58)
- 2.2.8 A Confissão das Transgressões das Nações (59)

2.3 A Glória (60-66)

- 2.3.1 A Glória Futura de Sião (60)
- 2.3.2 As Boas Novas Para os Arrependidos (61)
- 2.3.3 A Vindicação de Sião (62)
- 2.3.4 A Ira de Yavé Contra as Nações (63)
- 2.3.5 Oração de Arrependimento (64)
- 2.3.6 A Resposta de Yavé à Oração (65.1-16)
- 2.3.7 A Promessa de Novos Céus e Nova Terra (65.17-66.24)

2.3.2. A unidade do livro

A composição do Livro de Isaías tem sido explicada de várias formas, entre elas das seguintes:

- a) como uma unidade completa, abrangendo os 66 capítulos, escrita por um único escritor, o profeta Isaías, que viveu no oitavo século a.C.;
- b) como uma obra em duas partes, sendo a primeira chamada de Isaías (capítulos 1-39), escrita pelo profeta Isaías, que viveu em Jerusalém no oitavo século a.C., e outra denominada Dêutero-Isaías, composta pelos capítulos 40-66, e escrita por um profeta desconhecido, durante o cativeiro de Judá na Babilônia;
- c) como uma obra em três partes, sendo a primeira chamada de Isaías (capítulos 1-39), escrita pelo profeta Isaías, outra que tem sido chamada de Dêutero-Isaías, abrangendo os capítulos 40-55, escrita por um profeta desconhecido, no exílio babilônico e, ainda, uma terceira parte chamada de Trito-Isaías (capítulos 56-66), escrita durante, ou após, o cativeiro babilônico. Das três principais sugestões a respeito da unidade do livro, esta do Trito-Isaías é a que encontra mais dificuldades.

Além das propostas acima, a respeito da unidade, ainda existem autores que defendem a composição final do livro como formada por diversas fontes produzidas em várias épocas. Deve ser levado em conta, contudo, que não há conhecimento do Livro de Isaías de qualquer outra forma senão como na atualidade é conhecido. Não há nenhuma prova de sua existência em partes, diferente do conjunto formado pelos 66 capítulos como conhecidos. [\[Nota 20\]](#)

2.3.3. Pontos favoráveis e contrários ao Dêutero-Isaías

Pontos a favor e contrários à existência de um Dêutero-Isaías já foram apontados por vários estudiosos. Veja os seguintes destacados, principalmente, por Clayde T. Francisco. [\[Nota 21\]](#)

a) Pontos a Favor da Existência do Dêutero-Isaías

- 1) O exílio já está ocorrendo nesta parte do livro. Confira os seguintes textos: 42.22; 49.19; 52.9; 58.12; 61.4; em especial 64.10-11, que diz: “As tuas santas cidades se tornaram em deserto, Sião virou um deserto, Jerusalém uma desolação. A nossa santa e gloriosa casa,

onde nossos pais te louvavam, foi destruída pelo fogo; e todos os nossos lugares agradáveis se transformaram em ruínas”;

2) até mesmo Sião está no exílio (49.14-21);

3) o lugar do exílio é a Babilônia, como pode ser visto em 47.1-5, 48.14 e 48.20, que destaca: “Saí da Babilônia, fugi dos babilônios. Anunciai com voz de Júbilo, fazei ouvir isto e levai-o até o fim da terra; dizei: O SENHOR remiu seu servo Jacó”;

4) a carreira de Ciro não está prevista como algo para o futuro, é descrita como estando em andamento, conforme 41.2; 41.25; 44.24-28 e, claramente em 45.1, encontramos: “Assim diz o SENHOR a Ciro, seu ungido, a que tomo pela mão direita, para abater nações e desarmar reis; para abrir diante dele as portas, para que não sejam trancadas”;

5) o autor de Crônicas demonstra não saber que Isaías, 150 anos antes, teria previsto a libertação do povo por meio de Ciro. Se o soubesse, provavelmente, teria citado em preferência à profecia de Jeremias que é mais vaga quanto a isto. Em 2 Cr 36.22, está escrito: “No primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia: o SENHOR despertou o espírito de Ciro, rei da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do SENHOR dita pela boca de Jeremias...”;

6) quando Jeremias foi preso por ter pregado a destruição de Jerusalém foi apresentado em defesa dele o fato de Miquéias também ter pregado isto (Jr 26.16-19). Isaías, contudo, nesta segunda parte do Livro, conhecida como Dêutero-Isaías, mostra a destruição da cidade e não foi utilizado em favor de Jeremias.

b) Pontos Contrários à Existência do Dêutero-Isaías

1) Não existe nenhuma cópia do Livro de Isaías sem esta parte agora, por muitos, denominada Dêutero-Isaías;

2) a tradição sempre creditou ao profeta Isaías a escrita deste livro da Bíblia, na totalidade (1-66);

3) o Novo Testamento demonstra não conhecer este problema e o cita como sendo Isaías:

a) Mateus 12.17,18 cita Isaías 42.1;

b) Mateus 3.3 cita Isaías 40.3;

c) Lucas 3.4 cita Isaías 40:3-5;

d) Em Atos 8.30-34, o eunuco, depois de ler Isaías 53.1, pergunta a Filipe: “a quem se refere o profeta?” (isto é, a quem se refere Isaías?);

e) Romanos 10.16 cita Isaías 53.1;

f) Romanos 10.20 cita Isaías 65.1.

4) Outro ponto que tem sido utilizado como destaque para se defender a unidade de Isaías 1-66 é a ocorrência dos mesmos temas e títulos nas três partes do livro como se encontra na atualidade. [\[Nota 22\]](#) Por exemplo, entre vários outros temas, a utilização do título “O Santo de Israel” para Deus. De acordo com Raymond B Dil ard, este título ocorre apenas seis vezes fora deste livro, sendo pelo menos uma, inclusive, em palavras do próprio profeta Isaías (2Rs 19.22). [\[Nota 23\]](#) Nesta obra ele ocorre 25 vezes. Destas 25 vezes, 12 ocorrem na tradicional primeira parte (1-39, mais especificamente em 1.4; 5.19; 5.24; 10.20; 12.6; 17.27; 29.19; 30.11; 30.12; 30.15; 31.1; 37.23). Outras 11 vezes ocorrem na parte que é chamada por alguns de Dêutero-Isaías (40-55), em 41.14; 41.16; 41.20; 43.3; 43.14; 45.11; 47.4; 48.17; 49.7a; 49.7b; 54.5; 55.5. E, ainda, duas vezes ocorre no chamado Trito-Isaías (56-66), em 60.9 e 60.14.

c) Observações Finais Sobre a Existência ou não de Dêutero-Isaías

Autores ultraconservadores, como é o caso de Archer, Jr., chegam a dizer que aqueles que creem na existência de um Dêutero-Isaías confirmam a existência de erros nos escritos do Novo Testamento. [\[Nota 24\]](#) Contudo, antes de tomarmos alguma posição assim tão drástica devemos ponderar:

a) nenhuma das passagens do Novo Testamento, que se refere ao Livro de Isaías, está tratando de questão de autoria em si;

b) assim como Deus tem poder para inspirar Isaías, 700 a.C., pode inspirar alguém também na época do cativo babilônico;

c) alguns defendem que esta parte denominada Dêutero-Isaías foi escrita no cativo babilônico, outros, ainda que defendam ter sido escrita na época do profeta Isaías, 700 a.C., defendem que ele escreveu do ponto de vista do cativo. Sendo assim, tanto para os que aceitam a existência do Dêutero-Isaías quanto para aqueles que defendem ser o livro uma unidade, os textos devem ser analisados em seu pano de fundo do cativo. Isto acaba levando as duas correntes para interpretações muito parecidas das mensagens;

d) seja como for, a nossa preocupação maior deve ser com as mensagens espirituais para todas as pessoas, em todos os tempos, que se encontra no livro como o conhecemos.

2.4. Destaques que ajudam na Interpretação

Como o livro tem sido dividido por muitos em três partes gerais, para fins didáticos, veremos os destaques que ajudam na interpretação em cada uma dessas partes, ainda que não se tenha certeza absoluta a respeito desta divisão.

2.4.1. Destaques da primeira parte (1-39)

1) Em 1.9, o profeta destaca que a nação de Judá só não havia sido destruída até aquele momento, de forma semelhante às antigas cidades de Sodoma e Gomorra, por decisão divina. Mas, em 1.10, Isaías dirige-se aos líderes de Judá, e ao povo em geral, como se estes fossem os príncipes de Sodoma e o povo de Gomorra, figura que descreve os pecados da nação como tão graves quanto os pecados daqueles que foram totalmente destruídos por Deus.

2) O texto de 1.18, o chamado “convite da graça”, não pode ser interpretado corretamente sem observarmos as condições impostas nos versículos anteriores (1.10-17), principalmente 1.16 e 17 que, antes de prometer perdão exige arrependimento, e os imediatamente posteriores 1.19 e 20, os quais mostram o resultado da permanência no pecado.

3) Isaías 2.4 anuncia a mensagem de Deus nestes termos: “Ele julgará entre as nações e será juiz entre muitos povos; e estes converterão as suas espadas em lâminas de arado, e as suas lanças, em foices; uma nação não levantará espada contra outra nação, nem aprenderão mais a guerra”. Proclamar que os povos converterão suas espadas em peças de arado e lanças em foices é o mesmo que profetizar uma época de grande paz, onde as armas darão lugar às ferramentas de trabalho.

4) No texto de 3.16-24, está uma das descrições mais completas do Antigo Testamento a respeito das roupas e enfeites utilizados pelas mulheres da sociedade de Judá daquela época. O texto mostra, ainda, em que situação desesperadora as mulheres seriam levadas cativas. Entre os utensílios estão: ornamentos para os pés (16 e 18), testeiras, colares (18), pendentos, braceletes, véus (19), turbantes, tornozeleiras, cintos, caixinhas de perfumes, amuletos (20), anéis, pendentos do nariz (21), vestidos de festas, mantos, xales, bolsas (22), espelhos, vestes de linho, turbantes (23), perfumes e penteados (24).

5) A escassez de homens, certamente mortos durante a invasão inimiga, seria tão grande em Jerusalém, que os poucos que restassem seriam disputados pelas muitas (sete) mulheres sem maridos ou irmãos que as protegessem. Como está escrito em 4.1: “Naquele dia, sete

mulheres tomarão um só homem, dizendo: conseguiremos nosso próprio pão e arrumaremos nossas próprias roupas; queremos apenas ser chamadas pelo teu nome. Livra-nos de nossa desonra”.

6) Em 5.7, na conclusão do Cântico, ou Parábola da Vinha, há um jogo de palavras só perceptível no texto hebraico.

Veja como fica o texto em português, de acordo com Ferreira de Almeida Revista e Atualizada, com o hebraico deste jogo de palavras ao lado: .este desejou que exercessem juízo (*mishppāt* – מִשְׁפָּט), e eis aí quebrantamento da lei (*misppâ* – מִשְׁפָּט); justiça (*tseḏāqâ* – תְּשׁוּבָה) e eis aí clamor (*tse‘āqâ* – תְּשׁוּבָה).

7) A versão NTLH traduz o texto de 5.10 atualizando as medidas que nas versões tradicionais aparecem como “jeira”, “bato” “ômer” e “efa”. Ficou assim: “Um alqueire de parreiras dará somente uns vinte litros de vinho, e cem quilos de sementes produzirão somente dez quilos de trigo”. A ênfase do texto é que a produção será mínima. A versão Almeida Século 21 apresenta os seguintes equivalentes: *bato* = cerca de 20 litros; *ômer* = medida para secos, com cerca de 200 litros; *efa* = medida para secos, com cerca de 20 litros.

8) A interjeição “Ai!” ou “Ah!” (*hōy* – הוֹי), que aparece no lamento poético de 5.1-22, é utilizada 50 vezes nos profetas e apenas uma vez fora deles. Em quarenta das vezes que é utilizada “envolve advertências negativas ou ameaças de castigo físico por parte de Deus”.

[\[Nota 25\]](#)

9) Não há no texto nenhuma razão clara para o escritor ter colocado a visão de Isaías e seu chamado profético só no capítulo 6, como está. Ao que parece ficaria melhor no início do livro. Seja como for, está onde foi colocado e assim deve ser lido, levando-se em consideração o texto como um todo e não dividindo-o após o versículo 8, como normalmente é feito nas pregações que utilizam esta passagem. O texto de 6.9-13 está intimamente ligado aos primeiros versículo (6.1-8), apresentando a essência da mensagem que o profeta deveria pregar. Compare a passagem de sua Bíblia com as linhas abaixo e perceba que uma análise do texto mostra a seguinte estrutura:

1. Isaías percebe a grandiosidade de Deus – 1-4
2. Diante da grandiosidade de Deus, Isaías, tem uma percepção profunda de sua impureza e da impureza de seu povo – 5
3. Isaías tem seus pecados perdoados – 6-7
4. Isaías ouve a voz de Deus e se coloca à disposição – 8
5. Deus envia o profeta Isaías (envia o voluntário) e lhe dá a mensagem (9-10)

condenatória

6. Deus confirma a mensagem que foi dada ao profeta – 11-12

7. Poucos restarão – 13 (O suficiente para reviver – A doutrina do remanescente é muito clara em Isaías).

10) Em 9.1-7 há uma descrição da libertação que seria dada por Deus, pela instrumentalidade de um novo líder chamado, ou com os títulos de: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade e Príncipe da Paz. Ainda que deva haver, por parte do profeta, alguma esperança de ver esse líder atuando logo, inclusive o texto de 9.1,2 parece estar ligado a 10.17, onde a “Luz de Israel” aparece destruindo a Assíria, a potência que estava incomodando as demais nações naquela época (8-11), o Novo Testamento mostra que existe um cumprimento dessa profecia no ministério de Jesus (Mt 4.12-17 e Lc 1.32,33 e 79).

Também é bom observar que o texto de 9.1-7 está ligado aos próximos dois capítulos pelos seguintes temas:

a) Grande luz (9.2)Luz de Israel (10.17)

b) Jugo quebrado (9.4)Jugo quebrado (10.27)

c) Dia dos midianitas (9.4)Matança de Midiã (10.26)

d) Deus Forte (9.6) Deus Forte (10.21)

e) Maravilhoso Conselheiro (9.6)Espírito de conselho (11.2)

11) No capítulo 11, o profeta lança mão de linguagem altamente figurada para descrever a paz e a harmonia que segue após o castigo dos opressores de seu povo. Este texto não deve ser interpretado literalmente.

12) Antes de interpretar o texto de 14.12-15 como sendo uma referência direta a Satanás, como fizeram, por exemplo, Jerônimo e Tertuliano, [\[Nota 26\]](#) é melhor notar que ele faz parte de um conjunto de oráculos contra as nações (capítulos 13-23) e que descreve um ser humano (14.4 e 16) como representante de uma nação. O próprio texto destaca que a mensagem é contra o rei da Babilônia (14.4). J. Ridderbos lembra que Calvino e Lutero consideraram a interpretação que liga esta passagem a Satanás, como erro grosseiro. [\[Nota 27\]](#)

13) Serpente voadora (ARA) ou dragão voador (NTLH) deve ser apenas a citação de “uma criatura da imaginação popular para indicar um inimigo ainda mais perigoso que a serpente e a víbora” [\[Nota 28\]](#), já mencionadas antecedendo-a (14.29).

14) O final do capítulo 19 pode estar mostrando uma profecia que foi cumprida em parte no passado e está ainda sendo cumprida com o avanço do conhecimento do Deus verdadeiro pelo mundo gentio, aqui representado por Egito e Assíria. Não se deve esquecer, principalmente, do papel do Egito como local de uma grande comunidade judaica e de sua importância ao produzir a LXX, primeira versão do Antigo Testamento, e de seu importante papel em relação à igreja primitiva. [\[Nota 29\]](#)

15) A frase “com as nádegas descobertas” (20.4) deve estar indicando que o profeta, atuando como mensagem viva, andou certo período utilizando apenas um tipo de avental, como roupa, para transmitir a mensagem de condenação dada por Yavé.

16) O texto que aparece em 21.11-12, profecia contra Dumá, de início, parece ser um enigma, mas alguns pontos podem ser esclarecidos. Primeiro, veja o que diz o texto na versão ARA: “Sentença contra Dumá. Gritam-me de Seir: Guarda, a que horas estamos da noite? Guarda, a que horas? Respondeu o guarda: Vem a manhã, e também a noite; se quereis perguntar, perguntai; voltai, vinde”. Dumá deve ser outro nome para Edom, pois na sequência aparece relacionado com Seir, nome do monte de Edom. Talvez representantes de Edom tenham procurado o profeta para consultá-lo a respeito das dificuldades que Edom estava passando. O desespero era grande e, por isso, a pergunta se repete: “Guarda a que hora estamos da noite? Guarda, a que hora? (ARA). O guarda do texto, assim, seria o próprio profeta. Ao ser consultado pelos representantes de Edom a respeito da hora em que estavam da noite, ou seja, quanto faltava para passar o tempo da dificuldade, responde parcialmente, em duas etapas. Na primeira diz: “Vem a manhã”, o que pode significar que as dificuldades passarão. Em seguida também responde: “também a noite”, o que pode significar que o alívio era por curto espaço de tempo. Mesmo que a resposta não tenha sido tão clara, nem muito agradável, o profeta se coloca à disposição para novas consultas, dizendo: “se quereis perguntar, perguntai; voltai, vinde”. [\[Nota 30\]](#) A versão NTLH segue esta interpretação, quando traduz:

Esta é a mensagem contra Edom:
Alguém me chama do país de Edom e diz:
“Guarda, quanto falta para terminar a noite?
Guarda, quanto falta para terminar a noite?”
O guarda responde:
“A manhã vai chegar,
mas a noite voltará outra vez.
Se quiser perguntar de novo,
volte e pergunte.”

17) Em Isaías 22.13 é citado o provérbio “comamos e bebamos, porque amanhã morreremos. Paulo, séculos mais tarde, também o citou no Novo Testamento ao combater a ideia falsa de que os mortos não ressuscitam. Ele escreveu assim em 1 Coríntios 15.32: “Se

como um simples homem, lutei com feras em Éfeso, de que me adianta isso? Se os mortos não ressuscitam, comamos e bebamos, porque amanhã morreremos”.

18) Na ARA a palavra *tsî* (תִּסִּי), em 23.13, aparece traduzida por “sátiro”, um tipo de demônio. A palavra, de fato, contém o significado de demônio, [\[Nota 31\]](#) mas, também, pode ser traduzida por “animal selvagem” ou “habitante do deserto”. [\[Nota 32\]](#) Assim, o autor pode estar citando tanto um ser demoníaco das histórias populares, como faz em 34.14, quanto algum outro animal ou habitante do deserto.

19) Os setenta anos que aparecem em 23.15-17 claramente são simbólicos, pois equivalem aos dias de um rei. Ou seja, ao período de um reinado. Ainda que possa haver exceções, dificilmente alguém reinaria por tanto tempo.

20) Em 27.1 temos o seguinte: “Naquele dia, o SENHOR castigará com sua espada destruidora, grande e forte, o Leviatã, a serpente fugitiva; o Leviatã, a serpente veloz, e matará o dragão do mar”(AS21). O poeta pode estar lançando mão de figuras de linguagem populares na época para descrever as principais potências mundiais, uma delas descrita como Leviatã, a serpente fugitiva, outra como Leviatã, a serpente veloz, e outra como dragão. Uma possível explicação é a seguinte:

- a) a “serpente veloz” seria uma referência às águas rápidas do rio Tigre, representando a Assíria;
- b) a “serpente fugitiva” seria uma referência ao rio Eufrates, com suas curvas, representando a Babilônia;
- c) o “dragão que está no mar” seria um símbolo para o Egito, como aparece em 51.9 e Sl 74.14.

O importante é perceber que as potências seriam castigadas. [\[Nota 33\]](#)

A palavra hebraica “leviatã” (*liwyātān* – לִוְיָתָן), de difícil interpretação, que talvez tenha sido emprestada da língua babilônica, aparece também em Jó 3.8, 41.1 (Na BHS 40.25), e no Salmo 104.26. É possível que ela seja oriunda de uma raiz que signifique “torcer” ou “dobrar”, o que sugere um tipo de cobra ou réptil. [\[Nota 34\]](#)

Alguns têm interpretado como uma referência ao crocodilo, outros a uma baleia, mas este é o nome de um dragão mitológico de sete cabeças, pertencente à antiga mitologia cananita. O mito é anterior à presença de Israel em Canaã, mas alguns vestígios desta literatura sobreviveram no Antigo Testamento. [\[Nota 35\]](#)

21) O nome Efraim que aparece em 28.1 e 3 é uma referência a Israel, o Reino do Norte.

22) Em 28.15 e 18 é mencionado um acordo ou aliança que os líderes de Judá julgavam ter feito com a morte. Isto revela a soberba de tais líderes. Eles confiavam tanto em suas habilidades diplomáticas que pensavam estar imunes à morte, que estava prestes a chegar, por meio dos inimigos da nação.

23) O nome próprio “Ariel” (*’āriēl* -), utilizado em Isaías 29.1,2 e 7, é uma referência à cidade de Jerusalém. O significado parece ter ligação com o sentido de “o altar de Deus”. Para os tradutores da NTLH está tão claro que Ariel é um nome para Jerusalém que eles traduziram 29.1a desta forma: “Ai de Jerusalém, o altar de Deus, a cidade onde o rei Davi armou o seu acampamento!”.

24) Na versão de Ferreira de Almeida, Revista e Atualizada, voz como de fantasma, em Isaías 29.4, descreve a maneira como os médiuns comunicavam suas mensagens como vindas do mundo dos mortos. Isto não significa que o profeta está dando por certo que fantasmas existam e menos ainda que se comuniquem. Ele está apenas descrevendo a situação de aperto pela qual Jerusalém passará, como aquele que fala sufocado.

25) O desejo do povo era ouvir mensagens agradáveis e não a Palavra de Deus. Isto bem mostrava a situação espiritual precária em que estavam vivendo (Is 30.8-11).

26) O Egito é chamado de Raabe em Isaías 30.7. Este era o nome de uma fera lendária e, também, um termo utilizado para o Egito.

27) Em Isaías 34.8 encontra-se um paralelo interessante onde dia e ano significam a mesma coisa, um tempo. O texto dia assim: “Pois o SENHOR terá um dia de vingança, um ano de retribuições pela causa de Sião”.

28) Em 34.14 aparece a palavra “fantasma” (ARA) ou “bruxa do deserto” (NTLH). No hebraico é a palavra *lîlîṯ* (לִילִיִּת). Ela aparece na literatura judaica descrevendo “um demônio do sexo feminino que se cria raptar crianças e seduzir homens. Esta idéia parece estar arraigada em superstições antigas.”^[Nota 36] A utilização do termo neste livro não significa que o profeta cria em sua existência. Ao que parece ele está utilizando a figura conhecida da população para descrever o estado terrível em que ficaria aquele lugar abatido pela ira de Deus. “O fato de que essa ‘bruxa noturna’ pousa ali, caracteriza aquela região como lugar de assombrações terríficas e selvagens”.^[Nota 37]

29) Não é necessário concluir que o sol moveu-se para trás, ou que a terra o tenha feito, para entender que a sombra do relógio, como um sinal para Ezequias, retrocedeu dez graus (38.7,8), basta aceitar o milagre da sombra ter voltado, como o texto mostra. Almeida Século 21 descreve o ocorrido desta maneira: “Este será o sinal da parte do SENHOR, de que cumprirá o que prometeu: Farei a sombra no relógio de Acáz voltar atrás dez graus da distância que já avançou com o sol. E assim o sol recuou dez graus que já havia avançado”.

A percepção de quem descreve é que a sombra recuou. Existe a possibilidade, também, deste relógio de sol de Acáz ter tido a forma de uma escadaria. Por isso a NTLH traduz: “Na escadaria feita pelo rei Acáz, o SENHOR fará com que a sombra volte dez degraus. E a sombra voltou dez degraus”.

2.4.2. Destaques da segunda parte (40-55)

Não é possível ver todos os detalhes também desta segunda parte, ainda que seja mais breve. Contudo, os destaques precisam ser analisados. Aqui veremos os pontos principais, em especial, em forma de discussão dos temas.

1) Tema geral da divisão: A libertação de Israel do Cativo Babilônico.

2) Características literárias principais:

a) Presença marcante de poesia com destaque para as figuras de linguagem (exemplo: 40.15; 41.14) e a utilização do paralelismo (41.10);

b) Grande quantidade de perguntas retóricas (40.12-14; 41.2-4; 42.19,23-24; 43.9,13; 44.7-10; 45.21; 49.21; 50.1,2,8-10; 51.12,13,19; 53.1 etc.).

3) Passagens em destaque:

40.1-2 - Israel já pagou pelo seu pecado.

40.19-27 - Tentar representar Deus em forma de imagem não passa de absurdo.

40.22 - Redondeza, ou círculo da terra, como está na versão Almeida Século 21, não indica que o profeta sabia que a terra possui forma mais ou menos esférica. Isto é apenas uma referência ao círculo do horizonte.

40.27-31 - Yavé está pronto para reerguer o seu povo.

41.2 - Deve ser uma referência a Ciro, rei dos medos e persas.

41.25 - Idem.

42.1-4 - O primeiro poema do Servo do Senhor.

44.9-20 - A insensatez de adorar um ídolo.

44.27-45:6 - A soberania de Yavé vai além de Israel, é universal.

45.7 - O texto diz: “Eu formo a luz e crio as trevas; faço a paz e crio o mal; eu sou o SENHOR que faço todas estas coisas”. É bom destacar que Yavé cria o mal no sentido de desgraça e não moral.

46.1-7 - A grande diferença entre Yavé e os deuses Bel e Nebo, da Babilônia.

46.11 - Outra provável referência a Ciro.

49.1-6 - O segundo poema sobre o Servo do Senhor.

49.15 Yavé não se esqueceu de seu povo.

50.4-9 O terceiro poema sobre o Servo do Senhor.

52.7 A boa notícia da libertação do cativo.

52.13-53.12 . O quarto poema sobre o Servo do Senhor.

54.1-3 Yavé vai abençoar ricamente o seu povo.

55.1-13 Yavé convida seu povo ao arrependimento.

4) O Servo do Senhor

Um dos temas principais desta parte do livro é o que trata do Servo do Senhor. Vejamos alguns pontos sobre este assunto.

a) A identificação do Servo do Senhor Verificando-se os contextos das passagens é possível identificar o Servo do Senhor, na época das profecias, das seguintes maneiras:

1) 41.8-9Israel;

2) 42.1-9um indivíduo, talvez o profeta;

3) 42.18-22o povo;

4) 43.10o povo de Israel;

5) 44.1-2Israel como nação;

6) 44.21-22Israel como servo (mais provável o próprio Israel);

7) 44.26talvez o profeta (mais provável o próprio Israel);

8) 45.4Israel;

9) 48.20Israel;

10) 49.1-9Israel e um indivíduo?!?! (está confuso);

11) 50.10um indivíduo não identificado;

12) 52.13-53.12 ...um indivíduo (Quem é ele? – Na época do Novo Testamento religiosos tinham dúvidas quanto à identificação. Veja Atos 8.26-35 – Como Felipe sabia que era Jesus? Provável resposta: inspirado por Deus percebeu que se aplicava a Ele.);

13) 54.17 Israel.

b) Resumo a respeito do Servo do Senhor

1) Na maioria dos casos Israel é o servo;

2) o servo também é apresentado como uma pessoa;

3) Jesus se coloca no Novo Testamento como sendo o Servo do Senhor. Mais do que isto, Ele se coloca como a videira verdadeira. Sendo a videira símbolo de Israel, Jesus se apresenta como o verdadeiro Israel e, juntamente com isto, o verdadeiro Servo do Senhor.

4) Não devemos desprezar o significado primário de cada passagem em seu contexto dentro do Livro de Isaías bem como a sua identificação com o Novo Testamento;

5) devem ser observadas as diferenças marcantes que existem entre Israel e o indivíduo como Servo do Senhor, por exemplo:

a) “Israel, como o Servo do Senhor, é fraco, vacilante, frequentemente infiel, e tem que ser admoestado e encorajado para abandonar as suas dúvidas e a sua infidelidade, e confiar no socorro do Senhor (41.8-14; 44.1-2, 21), ao passo que o Servo do Senhor triunfa logo sobre qualquer desânimo momentâneo, com a fé inabalável no Senhor (49.4; 50.7-9)”[\[Nota 38\]](#);

b) Israel como servo é pecador e tinha que sofrer pelos próprios pecados (42.18-25; 43.22-28; 47.6; 48.4-5; 50.1; 54.7), já o Servo do Senhor, como indivíduo, está livre da culpa do pecado 50.5; 53.4-6,12). Ele, voluntariamente, toma sobre si os pecados de Israel (52.13-53.12).[\[Nota 39\]](#)

2.4.3. Destaques da terceira parte (56-66)

Como já foi visto, esta divisão também é tratada por alguns estudiosos como sendo um terceiro livro, o qual leva o nome de Trito-Isaías. Sem entrar na questão de aceitar esta teoria ou não, vejamos seus temas principais e alguns auxílios para a interpretação.

1) O Tema Geral

Advertências e Promessas para os Cativos na Babilônia

2) As principais características literárias

Esta parte é composta por profecias diversas (56.1-63.6), uma oração (63.7-64.12), e a resposta divina à oração (65.1-66.24).

3) Passagens em Destaque

56.1-8 Existe lugar para os estrangeiros no Reino de Deus. O reino não está limitado a Israel.

57.9 Provável vestígio de adoração a Moloque. No hebraico, sem as vogais do texto original, a palavra rei e a palavra Moloque são escritas da mesma maneira (*mlk* – מלך). Assim, neste versículo, alguns optam por uma ou outra tradução. Mas o contexto aponta para Moloque.

58 O ritual não tem valor estando separado de uma vida correta.

O tema geral deste capítulo é muito parecido com o do primeiro capítulo do livro. É interessante comparar 1.1-20 com o que está escrito em 58. Em especial o detalhe da conclusão da profecia com a frase “assim a boca do SENHOR o disse” (*kî pî yhw̄h dibbēr* – כִּי פִי יְהוָה דִּבֶּר) que ocorre em 1.20 e em 58.14.

59.1-2 O pecado separa o povo de seu Deus. Como diz o texto: “A mão do SENHOR não está encolhida para que não possa salvar; nem o seu ouvido está surdo, para que não possa ouvir; mas as vossas maldades fazem separação entre vós e o vosso Deus; e os vossos pecados esconderam o seu rosto de vós, de modo que não vos ouve”.

60.8-10 Deus mudará a sorte de seu povo.

61.1-3 Deus mudará a sorte de seu povo.

63.17 Em oração, o profeta reconhece a soberania total de Deus.

64.10,11 Em oração, o profeta descreve Jerusalém destruída.

65.8-17 a) Onde não haverá mais lembrança das coisas passadas? (Em Jerusalém – não no Céu como alguns dizem).

..... b) Quem são os servos (vs. 8, 9,13, 14, 15)? O remanescente fiel.

c) Como aplicar “Novos céus e nova terra”? Figura do Reino Messiânico, que deve ser aplicada apenas em parte para o Céu.

66.13 Esta é uma figura rara no Antigo Testamento, Yavé se colocando como a mãe de Israel. O texto diz: “Como alguém a quem a mãe consola, assim eu vos consolarei; e sereis consolados em Jerusalém”.

66.23 O culto a Yavé será regular. “E acontecerá que toda a humanidade virá adorar diante de mim, desde uma lua nova até a outra, e desde um sábado até o outro, diz o SENHOR”.

66.24 “Eles sairão e verão os cadáveres dos que transgrediram contra mim, porque o seu verme nunca morrerá, nem o seu fogo se apagará; e eles serão um horror para toda a humanidade”. Esta é uma descrição do castigo para os rebeldes (Aparece em alguns textos de Marcos 9.44 como uma figura para descrever o inferno).

Notas do Capítulo 2

Nota 9 - MONTAGNINI, Felice. Isaías 1-39: o olhar do profeta sobre os acontecimentos da história. São Paulo: Paulinas, 1993. p.5. [\[Voltar\]](#)

Nota 10 - FRANCISCO, Clyde T. Introdução ao Antigo Testamento. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979. p.139. [\[Voltar\]](#)

Nota 11 - RIDDERBOS, N. H. Isaías. In: DOUGLAS, J. D. (ed. ger.). O novo dicionário da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1983. p.756. [\[Voltar\]](#)

Nota 12 - FRANCISCO, Clyde T. Introdução ao Antigo Testamento. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979. p.139. [\[Voltar\]](#)

Nota 13 - RIDDERBOS, J. Isaías: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1990. p.9. [\[Voltar\]](#)

Nota 14 - DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2006. p.262. [\[Voltar\]](#)

Nota 15 - GOTTWALD, Norman K. Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica. São Paulo: Paulinas, 1988. p.357,358. [\[Voltar\]](#)

Nota 16 - MACRAE, Allan A. 1630 אֵלְמָהּ (‘almá) mulher jovem. In: R. Laird Harris (org.) Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1998. p.1125-1126. [\[Voltar\]](#)

Nota 17 - GUTHRIE, Donald. Hebreus: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1991. p.230. [\[Voltar\]](#)

- Nota 18 - LIVRO DA ASCENSÃO DE ISAÍAS 11.41. In: PROENÇA, Eduardo (org.) Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia. São Paulo: Fonte Editorial, 2005. p.148. [\[Voltar\]](#)
- Nota 19 - LASOR, William S.; HUBBARD, David A. e BUSH, Frederic W. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1999.. p.314-316. [\[Voltar\]](#)
- Nota 20 - Um bom e esclarecedor estudo sobre estas questões pode ser encontrado em DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2006. p.255-263. [\[Voltar\]](#)
- Nota 21 - A maior parte destes pontos estão baseados em FRANCISCO, Clayde T. Introdução ao Velho Testamento. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979. p.142,143. [\[Voltar\]](#)
- Nota 22 - DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2006. p.258-259. [\[Voltar\]](#)
- Nota 23 - DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2006. p.264. [\[Voltar\]](#)
- Nota 24 - ARCHER, Jr., Gleason L. Merece confiança o Antigo Testamento? 4.ed. São Paulo: Vida Nova, 1986. p.286. [\[Voltar\]](#)
- Nota 25 - WEBER, Carl Philip. – hōy. In: HARRIS, R. Laird (org.). Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1998,,p.349. [\[Voltar\]](#)
- Nota 26 - RIDDERBOS, J. Isaías: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1990. p.148,149. [\[Voltar\]](#)
- Nota 27 - RIDDERBOS, J. Isaías: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1990. p.149. [\[Voltar\]](#)
- Nota 28 - RIDDERBOS, J. Isaías: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1990. p.153. [\[Voltar\]](#)
- Nota 29 - RIDDERBOS, J. Isaías: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1990. p.175. [\[Voltar\]](#)
- Nota 30 - RIDDERBOS, J. Isaías: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1990. p.182-184. [\[Voltar\]](#)
- Nota 31 - KIRST, Nelson. et.al. Dicionário hebraico-português e aramaico-português. 2.ed. São Leopoldo: Editora Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1989. p.205. [\[Voltar\]](#)
- Nota 32 - HATLEY, John E. 1908 (tsi) animal selvagem, habitante do deserto. In: R. Laird Harris (org.) Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1998. p.1282. [\[Voltar\]](#)
- Nota 33 - RIDDERBOS, J. Isaías: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1990. p.207. [\[Voltar\]](#)
- Nota 34 - CHAMPLIN, Russel Norman. O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo: Dicionário. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2001. p.4636, v.6. [\[Voltar\]](#)
- Nota 35 - ANDERSEN, Francis I. Jó: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1984. p.288. [\[Voltar\]](#)
- Nota 36 - RIDDERBOS, J. Isaías: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1990. p.264. [\[Voltar\]](#)
- Nota 37 - RIDDERBOS, J. Isaías: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1990. p.265. [\[Voltar\]](#)
- Nota 38 - CRABTREE, A. R. A profecia de Isaías: texto exegese e exposição. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1967. p.35-36. v. II. [\[Voltar\]](#)
- Nota 39 - CRABTREE, A. R. A profecia de Isaías: texto exegese e exposição. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1967. p.36. v. II. [\[Voltar\]](#)

O livro de Jeremias

As notas que seguem podem ser muito úteis para a compreensão do Livro de Jeremias, mas exigem duas atitudes básicas do leitor. A primeira é procurar fazer uma leitura do texto de Jeremias, parte por parte, seguindo a sugestão de esboço aqui apresentada, antes de partir para as orientações deste escrito e, a segunda, é manter a Bíblia ao lado para ler e conferir os textos que serão indicados. Sem isto, o aproveitamento será pequeno.

3.1 O Profeta e Seu Ministério

Segue uma lista de informações gerais a respeito do profeta e de seu ministério, que podem ser úteis para a interpretação das demais partes do livro:

- 1) o nome Jeremias (*yirmeyāhû* – ירמיהו) possui vários significados como: “Yavé Estabelece”, “Yavé Exalta”, “Yavé Ajuda” ou “Yavé Derruba”. Ele pode estar relacionado com a esperança que seus pais tinham de uma intervenção favorável da parte de Yavé ou com o próprio ministério do profeta, que foi chamado para derribar e edificar, como aparece em Jeremias 1.10: “Olha, no dia de hoje te estabeleço sobre as nações e sobre os reinos, para arrancares e derrubares, para destruíres e demolires, e também para edificares e plantares”.
- 2) O profeta foi criado em uma família sacerdotal (Jr 1.1) na cidade de Anatote, próxima de Jerusalém, local para onde o rei Salomão mandou, em exílio, o sacerdote Abiatar (1 Rs 2.26-27).
- 3) Jeremias deve ter sido chamado para o ministério ainda jovem, mas a palavra hebraica *na‘ar* (נער) que significa jovem e foi utilizada no contexto de seu chamado (Jr 1.6), pode criar alguma dificuldade, pois comporta também os significados de: “menino”, “garoto”, “rapaz”, “moço,” e até mesmo um homem com 45 anos de idade.

Alguns exemplos da utilização da palavra *na‘ar* (נער) no Antigo Testamento podem ser

vistos nos seguintes textos:

- a) Êxodo 2.6 – O bebê Moisés dentro de um cesto;
- b) 1 Samuel 30.17 – Uma referência a soldados amalequitas;
- c) 2 Rs 5.20 – Utilizado para Geasi, o servo de Eliseu, na ocasião em que procurou tirar bens de Naamã.

Como é possível notar, não é fácil de descobrir a idade de Jeremias apenas pela utilização da palavra *na'ar* (נער), como alguns têm sugerido. Talvez seja bom pensar em uma idade não muito jovem, não criança, mas cedo demais para ser profeta, o que normalmente ocorria após os 30 anos. Quem sabe, apenas uma sugestão, levando em consideração também o seu tempo de ministério, o profeta estivesse entre 20 e 30 anos, no máximo. Deve ser levado em conta que a utilização da palavra *na'ar* (נער) em 1.6, pode estar descrevendo, apenas, a sua inexperiência e não a sua idade. Ou seja, ele se sentia como uma criança, inexperiente, para enfrentar uma missão tão difícil como a que recebeu de Deus.

4) O ministério de Jeremias durou mais de quarenta anos. Deve ter iniciado em torno de 626 a.C., no décimo terceiro ano do reinado de Josias (Jr 1.2) e ultrapassado o ano de 587 a.C., que marca a queda de Jerusalém ao ser conquistada pela Babilônia. Mesmo depois desta data, ao ser levado para o Egito, ainda encontram-se informações a respeito de Jeremias e suas pregações (Jr 43 e 44).

O ministério dele em Judá ocorreu na época dos reis Josias, Jeoacaz (também conhecido como Salum), Jeoaquim (que teve seu nome mudado para Eliaquim), Joaquim (também chamado de Jeconias) e Zedequias (primeiramente chamado de Matanias).

5) Jeremias, em seu ministério, repreendeu reis, profetas e sacerdotes, o que lhe trouxe sérias consequências como:

- a) perseguição (12.6; 15.15-18);
- b) conspirações (11.18-23; 18.18);
- c) aprisionamento (20.2);
- d) ser declarado digno de morte (26.10 e seg);
- e) ter suas profecias, que haviam sido escritas, destruídas (36.27-28);
- f) ser acusado de traição (38.1-13).

A reação do profeta diante destas consequências foi persistir em seu ministério:

- a) intercedendo por Judá (7.16; 11.14; 14.11, 19-22);
- b) discutindo com Deus (17.14-18; 18.18-23; 20.7-18);
- c) desmascarando e enfrentando os profetas que profetizavam falsidades (23.9-40);
- d) predizendo a destruição do Templo de Jerusalém (7.1-15);
- e) predizendo a destruição da nação (18 e seg).

Para pensar: qual tem sido a nossa reação quanto à rejeição da Palavra de Deus pregada por nós? Jeremias fazia a vontade de Deus e não a do povo.

6) O ministério de Jeremias foi marcado pela fé em Yavé. Ele chegou a comprar um terreno, de seu primo, durante o último estágio do cerco da cidade. Isto por crer que fosse da vontade de Deus (32.1-15). Como destaca Roland De Vaux, o resgatador (*gō'el* – גֹּאֵל), no caso Jeremias, diante das circunstâncias poderia abrir mão de seu direito ou, mesmo, fugir de seu dever sem ser censurado por isso, como aconteceu em Rute capítulo 4. [\[Nota 40\]](#) Se em uma época de paz, como mostra o Livro de Rute, isto foi possível, quanto mais em uma situação tão difícil quanto esta pela qual passava Jeremias, preso durante o cerco de Jerusalém. Ele poderia ter deixado de comprar o terreno de seu parente. Contudo, ele fez isto, aparentemente um péssimo negócio, crendo que esta era a vontade de Deus.

7) Jeremias foi proibido de se casar (16.1-9). Dois motivos devem ter levado Deus a exigir isto dele:

- a) para que não sofresse ainda mais com a perda dos filhos e da esposa;
- b) para ilustrar a mensagem de Deus ao povo, que haveria de viver dias de angústia, onde não haveriam casamentos e suas festas, como está escrito em Jeremias 16.9: “Pois assim diz o SENHOR dos Exércitos, o Deus de Israel: Farei cessar neste lugar, diante de vossos olhos e durante vossos dias, a voz de regozijo e a voz de alegria, a voz do noivo e a voz da noiva”.

8) A própria família do profeta estava contra as suas ações, ele era amaldiçoado por todos, como se vê em Jeremias 12.5-6.

9) Quando da conquista de Jerusalém, ele foi convidado a ir para a Babilônia, mas acabou ficando em Judá, por vontade própria (40.1-6).

10) Mais tarde foi levado, por rebeldes de Judá, para o Egito (43.1-7). No Egito continuou o seu ministério profético: a) pregando contra o Egito (43.8-13); b) pregando contra o povo de Judá que havia fugido para o Egito (44.24-30).

3.2. Baruque: O Auxiliar do Profeta

Jeremias teve o privilégio de ter um auxiliar de grande qualidade. Seu nome era Baruque (*bārûk* – בָּרֻךְ), que significa abençoado, bendito ou louvado. Ele teve um ministério atrelado ao do profeta, como é possível verificar em várias partes do livro, portanto vale a pena verificar alguns de seus detalhes como aqui será feito.

1) Quem foi Baruque

- a) Escriba de Jeremias 36.4
- b) Filho de Nerias 36.4
- c) Irmão de Semaías 51.59 - Semaías era camareiro mor do rei Zedequias (Isto mostra que ele era de família importante).
- d) Fiel servo de Jeremias - Arriscou a vida para transmitir a mensagem que Deus havia dado ao profeta.

2) O que Baruque fez

- a) Leu as profecias de Jeremias no Templo 36.10
- b) Leu as profecias diante dos líderes de Judá 36.15
- c) Reescreveu as profecias de Jeremias que foram queimadas pelo rei Jeoaquim 36.20-28
- d) Guardou as escrituras de compra do terreno em Anatote 32.11-14

3) O que aconteceu a Baruque

- a) Foi acusado de ser o mentor de Jeremias 43.3 (Isto mostra que ele não era apenas uma máquina de escrever de propriedade do profeta).
- b) Foi levado para o Egito juntamente com o profeta Jeremias 43.6
 - Tradição utilizada por Jerônimo afirma que os dois morreram no Egito.
 - Flávio Josefo afirma que os dois foram levados para a Babilônia após a conquista do Egito pela Babilônia em 583 a.C. (Não existem provas concretas).

- A tradição judaica se refere a Baruque como sendo o mestre de Esdras.
- c) Recebeu uma mensagem exclusiva de Deus por intermédio do profeta Jeremias (45.1-5)
- O texto está fora de lugar (Deveria estar logo após o capítulo 36 ou no meio do próprio 36).
 - É uma profecia do quarto ano de Jeoaquim 36.1.
 - Baruque queixava-se, pois tinha tristeza, sofrimento e cansaço.
 - Deus mostra a Baruque que ele deveria estar contente por preservar a própria vida naquela situação difícil.
 - Deus estava demolindo e arrancando em toda a terra; sobreviver em uma situação como esta era um grande negócio.
- d) Deus preservou a vida de Baruque em meio à calamidade 45.5

Observações:

- a) Baruque escolheu estar do lado certo e não ao lado da maioria;
- b) Baruque foi afligido pelo ministério profético de Jeremias;
- c) ele não era um profeta, mas fez parte do ministério profético de Jeremias.

3.3. Os Tipos Literários e a Ordem no Livro de Jeremias

São vários os tipos literários utilizados no Livro de Jeremias sendo os mais destacados: poesia, prosa biográfica e discursos.

Isto tem levado alguns estudiosos a pensar que o livro é uma coleção de pequenos [\[Nota 41\]](#) livros. O que está claro é que o livro não foi escrito seguindo um plano preestabelecido, nem mesmo dando-se importância à ordem cronológica dos fatos. [\[Nota 42\]](#)

Como no livro aparecem várias datas e descrições de fatos, em condições de serem datados, é possível perceber de forma clara esta falta de ordem cronológica na obra. Veja, a seguir, a lista de passagens datadas, ou que podem ser datadas, no livro, e como elas se encontram fora da ordem, apontando para uma compilação do material ou, ao menos, para uma escrita não contínua.

Aproveitamos aqui, na maior parte, as datas sugeridas por Raymond B. Dillard e Tremper Longman III, com pequenas adaptações.

Referência	Descrição Básica	Data Bíblica	Data Atualizada
1.1-19	O chamado de Jeremias	Ano 13 de Josias	627 a.C.
22.10-12	O exílio de Jeoacaz	Ano 1 de Jeoacaz	609 a.C.
22.13-19	Abuso de poder	Anos 1-3 (?) de Jeoaquim	608-605 a.C. (?)
22.24-30	Julgamento e exílio	Ano 1 de Joaquim	598 a.C.
24.1-10	Os figos bons e os maus	Ano 1 de Zedequias	597 a.C.
25.1-30	Cálice do furor	Ano 4 de Jeoaquim	605/604 a.C.
26.1-24	A destruição do Templo	Ano 1 de Jeoaquim (?)	608 a.C. (?)
29.1-19	Carta aos exilados	Ano 1 de Zedequias	597 a.C.
32.1-44	Jeremias compra o campo	Ano 10 de Zedequias	588 a.C.
33.1-26	Garantias de restauração	Ano 10 de Zedequias	588 a.C.
34.1-22	Profecia queda e libertação	Ano 9 (?) de Zedequias	589 a.C.
35.1-19	Bênção aos recabitas	Ano (?) de Jeoaquim	(?)
37.1-38.28	Zedequias se rende a Nabucodonosor; Jeremias na cisterna: cerco à cidade	Ano 10 (?) de Zedequias	605-603 a.C.
39.1-40.7	Queda de Jerusalém; libertação de Jeremias	Ano 11 de Zedequias	586 a.C.
40.8-41.16	Nomeação de Gedalias como governador e sua morte	Gedalias governador	586 a.C.
42.1-22	Jeremias aconselha o povo a permanecer na terra	Joanã como líder remanescente	586 a.C.

43.1-13	A fuga para o Egito	Joanã como líder remanescente	585 a.C.
44.1-30	Última pregação de Jeremias aos exilados no Egito	Joanã como líder remanescente (?)	585 a.C.
45.1-5	O Senhor poupa a vida de Baruque	Ano 4 de Jeoaquim	605/604 a.C.
46.1-49.33	Oráculos contra Egito e outras nações	Ano 4 de Jeoaquim	605/604 a.C.
47.1-7	Profecia contra a Filístia	Antes que Faraó ferisse a Gasa ⁴³	609 a.C. (?)
49.34-39	Oráculo contra o Elão	Ano 1 (?) de Zedequias	597 a.C.
51.59-64	Livro lançado no Eufrates	Ano 4 de Zedequias	594 a.C.
52.1-30	Queda de Jerusalém e contagem dos exilados	Ano 11 de Zedequias	586 a.C.
52.31-34	Evil-Merodaque liberta Joaquim	Ano 1 de Evil-Merodaque, rei da Babilônia	560 a.C.

Talvez seja importante salientar, também, que o texto de Jeremias apresentado na Septuaginta [\[Nota 43\]](#) é mais curto do que o Texto Massorético, que tem servido como base para muitas versões modernas. Não se sabe ainda a razão exata para este ocorrido, mas, de acordo com Briend, duas mil e setecentas palavras do Texto Massorético (hebraico) não possuem equivalentes nesta versão grega. [\[Nota 44\]](#)

3.4. A Autoria do Livro

Assim como acontece com outros livros do Antigo Testamento também este não apresenta de forma clara o seu autor.

Existem partes nele que foram escritas na primeira pessoa e devem estar refletindo os discursos vindos diretamente de Jeremias (1.4; 2.1; 3.6; 5.4.). Outras estão na terceira pessoa, como os capítulos 26-51, e apontam para outro autor que não o próprio profeta.

Outras, ainda, são escritas por Baruque, atendendo ordens de Jeremias (36.5,6...).

O fato de estar registrada a observação “Até aqui as palavras de Jeremias”, em 51.64 levanta a suspeita de que inicialmente o livro encerrava neste texto e que, mais tarde, recebeu a parte final, o capítulo 52. Desta forma seria bom pensar em pelo menos três pessoas como autores de partes do livro: Jeremias, seu auxiliar Baruque, e alguém desconhecido em época posterior.

3.5. O Esboço Geral do Livro

Vários tipos de esboços têm sido propostos para o Livro de Jeremias, o que segue é uma das possibilidades.

1. O CHAMADO DE JEREMIAS (1.1-19)

2. MENSAGENS GERAIS PARA O POVO DE YAVÉ (2.1-25.38)

2.1 O Povo é Acusado de Trocar Deus Pelos Deuses (2.1-3.5)

2.2 Israel e Judá, as Esposas de Yavé, adulteraram (3.1-13)

2.3 Yavé Ainda Chama Seu Povo ao Arrependimento (3.14-4.2)

2.4 A Nação de Judá é Ameaçada de Invasão (4.3-6.30)

2.5 Mensagem Proferida à Porta do Templo de Jerusalém (7.1-8.3)

2.6 O Castigo Inevitavelmente Virá (8.4-9.6)

2.7 Ameaças de Destruição e Exílio (9.7-16)

2.8 Lamento Pelo Castigo de Sião (9.17-26)

2.9 Comparação Entre Yavé e os Ídolos (10)

2.10 A Quebra da Aliança Resulta em Castigos (11.1-17)

2.11 Moradores de Anatote Procuram Tirar a Vida de Jeremias (11.18-23)

2.12 Queixa de Jeremias e Resposta de Yavé (12.1-6)

2.13 Ameaça Contra os Invasores (12.7-17)

- 2.14 A Mensagem de Yavé Simbolizada Por Um Cinto Podre (13.1-11)
- 2.15 O Simbolismo da Jarra Cheia de Vinho (13.12-27)
- 2.16 Jeremias Intercede Em Vão Para Que Yavé os Livre da Seca (14.1-15.9)
- 2.17 Jeremias Lamenta Sua Condição e Yavé o Consola (15.10-21)
- 2.18 Profecia a Respeito da Ida Para o Exílio e Também da Volta (16)
- 2.19 A Gravidade do Pecado de Judá (17.1-4)
- 2.20 Deve-se Confiar só em Yavé (17.5-18)
- 2.21 As Consequências da Santificação ou Não do Sábado (17.19-27)
- 2.22 Israel é Como o Barro nas Mãos do Oleiro (18.1-18)
- 2.23 Jeremias Ora Contra Seus Inimigos (18.19-23)
- 2.24 Jerusalém Será Quebrada Como se Quebra Um Vaso de Oleiro (19)
- 2.25 Pasur Prende Jeremias no Tronco, Mas o Liberta no Dia Seguinte (20)
- 2.26 Zedequias Consulta Jeremias por Meio de Pasur e Uma Comitiva (21)
- 2.27 Profecias Contra a Família Real de Judá (22)
- 2.28 Profecia Contra os Pastores (Líderes do Povo) (23.1-4)
- 2.29 Promessa do Renovo (23.5-8)
- 2.30 Profecia Contra os Sacerdotes e Profetas Que Ensinam Mentiras (23)
- 2.31 A Visão dos Cestos de Figos Bons e Ruins (24)
- 2.32 Os Setenta Anos de Domínio Babilônio e o Cálice do Furor de Yavé Sobre as Nações (25)

3. EVENTOS NA VIDA DE JEREMIAS (26.1-45.5)

- 3.1 A Predição da Destruição do Templo e da Cidade de Jerusalém (26.1-24)
- 3.2 A Mensagem Dramatizada com a Utilização de um Jugo (27 e 28)
- 3.3 A Carta de Jeremias aos Cativos na Babilônia (29)

- 3.4 Promessa de Retorno do Exílio (30 e 31)
- 3.5 Jeremias Preso no Pátio da Guarda (32.1-5)
- 3.6 A Mensagem Baseada na Compra de um Campo em Anatote (32.6-44)
- 3.7 Promessa de Restauração do Exílio Babilônico (33)
- 3.8 Mensagem Sobre o Destino do Rei Zedequias e de Jerusalém (34.1-7)
- 3.9 O Castigo Pela Desobediência em Relação à Escravidão (34.8-22)
- 3.10 O Exemplo de Obediência dos Recabitas (35)
- 3.11 Baruque Escreve e Lê no Templo um Livro Ditado por Jeremias (36)
- 3.12 Jeremias Preso na Casa de Jônatas Antes de Ser Levado ao Pátio da Guarda (37)
- 3.13 Jeremias é Lançado em uma Cisterna (38.1-13)
- 3.14 O Rei Zedequias Consulta Jeremias em Oculto (38.14-28)
- 3.15 O Rei Nabucodonosor Conquista Jerusalém e Liberta Jeremias (39)
- 3.16 Jeremias Fica em Mispá com o Governador Gedalias (40)
- 3.17 O Assassinato do Governador Gedalias (41)
- 3.18 Jeremias Orienta o Povo a Não Fugir Para o Egito (42)
- 3.19 Os Que Fogem Para o Egito Levam Jeremias com Eles (43)
- 3.20 Jeremias Adverte Sem Sucesso os Que Fugiram Para o Egito (44)
- 3.21 Deus Fala por Meio de Jeremias a Baruque (45)

4. PROFECIAS CONTRA CIDADES E NAÇÕES (46.1-51.64)

- 4.1 Profecia Contra o Egito (46)
- 4.2 Profecia Contra a Filístia (47)
- 4.3 Profecia Contra Moabe (48)
- 4.4 Profecia Contra Amom (49.1-22)

4.5 Profecia Contra Damasco (49.23-27)

4.6 Profecia Contra Quedar e Hazor (49.28-33)

4.7 Profecia Contra o Elão (49.34-39)

4.8 Profecia Contra a Babilônia (50.1-51.64)

5. APÊNDICE HISTÓRICO (52)

5.1 Jerusalém é Conquistada (52.1-30)

5.2 Libertação do Rei Joaquim (52.31-34)

3.6. Destaques que Ajudam na Interpretação do Livro

O conteúdo do livro é bastante diversificado. Aqui veremos partes dele tomando-se como base as divisões gerais do esboço proposto. Serão destacados alguns textos em especial e, após isto, será apresentada uma lista de fatores que podem ajudar na interpretação de outros textos, não abordados em tantos detalhes.

3.6.1. O chamado de Jeremias (1.1-19)

1-3. Introdução

Os versículos 1-3 formam uma introdução não escrita por Jeremias. A expressão “a ele veio a palavra do Senhor”, no v.2, bem mostra isto. No versículo 4 há uma nova introdução, agora sim, em primeira pessoa, refletindo um testemunho pessoal.

A “palavra do senhor”, ou seja, a mensagem da parte de Deus, veio a Jeremias em forma de visão. Um problema que tem sido levantado é o número de visões. Para Harrison, por exemplo, existem no texto duas visões. Ele divide esta parte do chamado de Jeremias em três pontos, sendo eles: um chamado de Deus, o qual não considera como visão, e duas visões ocorridas possivelmente com meses de diferença, a da vara de amendoeira e a da panela ao fogo. [\[Nota 45\]](#) Contudo, ao observarmos o texto todo com cuidado percebe-se que é apenas uma mensagem e não há por que separá-la em partes em diferentes épocas. O texto de 1.9 já está apontando para uma visão, quando há um contato da “mão de Deus” na boca do profeta e, as demais partes do texto parecem estar intimamente ligadas a este início.

4-10. Deus convoca Jeremias

- a) Deus escolheu Jeremias antes de seu nascimento5
- b) Jeremias sente-se incapaz para a tarefa6
- d) Deus capacita a Jeremias 7-9
- e) Deus entrega a missão a Jeremias10

11-12. Deus mostra que levará adiante a sua promessa

A princípio, o significado desta parte da visão parece complicada, mas observando-se o texto original hebraico ele fica claro. O profeta viu uma vara de amendoeira (*shāqēd* –), o que em si, isoladamente, pouco significa. Na continuidade é que surge o significado. Deus utilizou o símbolo, ou a figura, da amendoeira (*shāqēd* –), para expressar sua prontidão em fazer aquilo que havia prometido. Isto é possível de se perceber comparando a palavra “amendoeira” (*shāqēd* –) com o termo “velando” (*shōqēd* –), os quais são muito parecidos. Deus está dizendo a Jeremias que está alerta, vigilante, para levar adiante o que estava anunciando.

O termo (*shōqēd* –) vem da raiz (*shāqad* –) e significa “estar alerta”, “vigiar”.

13-19 Deus fala a respeito do castigo que virá

- 1) Deus mostra de onde virá o castigo – 13-15 (A boca da panela vista por Jeremias, virada da direção do norte, estava indicando de onde viria a punição para a nação. A punição viria do norte).
- 2) Deus apresenta o motivo do castigo – 16
- 3) Deus ordena que Jeremias seja fiel à mensagem e que não tema – 17
- 4) Deus garante segurança a Jeremias, no desempenhar da missão – 18-19

3.6.2. Profecias durante os reinados de Josias, Jeoacaz, Jeoaquim, Joaquim e Zedequias (2.1-25.38)

Esta parte contém um volume muito grande de texto.

Vamos abordar apenas alguns destaques, como segue, visando uma melhor interpretação.

- 1) Alguns pontos a respeito dos pecados de Judá neste período

- a) Agiam de forma absurda trocando o Deus verdadeiro por ídolos – 2.11-13
 - b) Buscavam ajuda em outras nações e não em Deus – 2.18,36
 - c) O povo de Judá demonstrou não aprender nada com o castigo imposto a Israel, o Reino do Norte – 3.6-8
 - d) Agiam como loucos, sábios apenas para fazer o mal – 4.22
 - e) Não havia um justo em Jerusalém – 5.1
 - f) Juravam falsamente – 5.2
 - g) Os profetas profetizavam falsamente, os sacerdotes eram seus aliados e o povo desejava exatamente isto – 5.31, 23.11
 - h) Viviam em meio à corrupção generalizada – 6.12-13
 - i) Criam de forma supersticiosa na proteção do templo – 7.9-10
 - j) Colocaram ídolos na Casa de Deus – 7.30
 - k) Ofereciam filhos em sacrifício a algum ídolo, provavelmente Moloque – 7.31
 - l) Não percebiam seus erros – 8.4-7
 - m) Ninguém mais era confiável – 9.4
 - n) Os líderes não buscavam orientação em Deus – 10.21
 - o) Violaram a aliança feita com Deus – 11.10
 - p) Tinham o nome de Deus nos lábios, mas Deus longe do coração – 12.1-3
 - q) Eram rebeldes contra Deus – 14.7
 - r) Não reconheciam seus pecados – 16.10
 - s) O pecado estava arraigado no povo – 17.1
 - t) Os líderes destruíam o povo – 23.1-4
 - u) Os profetas de Jerusalém agiram pior do que os de Samaria – 23.13-14
- 2) Canção fúnebre anunciando a desgraça (9.17-22)

Jeremias em sua mensagem lança mão de um artifício poderoso. Ele convoca as carpideiras, mulheres que trabalhavam nos funerais ajudando o povo a chorar “melhor”, pois era hora de grande tristeza. A morte estava chegando pronta para levar adultos e crianças e o melhor que se podia fazer era lamentar. O esboço do texto é o seguinte:

- a) o apelo às carpideiras (9.17);
- b) a urgência do lamento (9.18);
- c) o motivo do lamento (9.19);
- d) novo apelo às lamentadoras (9.20);
- e) o motivo do apelo (9.21,22).

3) A mensagem por meio do vaso do oleiro (18.1-17) Análise do texto:

- 1) ordem para ir à casa do oleiro (18.1-2);
- 2) a mensagem recebida por meio da observação do trabalho do oleiro (18.3-6);
- 3) a explicação da mensagem (18.7-10);
- 4) a aplicação da mensagem (18.11-12);
- 5) a resposta absurda do povo (18.13-16);
- 6) o castigo que virá de Deus (18.17).

Eles pensavam que Deus estava preso a algumas promessas feitas ao povo na antiguidade. Contrariando este pensamento, Deus mostra que Israel^[Nota 46] é como o barro e pode ser moldado, ou melhor, manipulado por Ele. Em resumo, o texto mostra: Deus não está nas mãos de Israel, como muitos pensavam, mas Israel está nas mãos de Deus, o controlador da situação.

4) A mensagem por meio da botija quebrada e a reação causada

O capítulo 19 de Jeremias descreve, principalmente, um ato simbólico do profeta. Ele, enviado por Deus, quebra uma botija diante de testemunhas anunciando o castigo que viria. No capítulo 20 segue a reação a esta mensagem.^[Nota 47] O profeta é ferido e preso por Pasur, filho do sacerdote Imer, presidente do templo (20.1-2), mas, mesmo diante de tanta oposição, não se abate e, ao ser liberto, amaldiçoa o sacerdote que lhe causou mal.

Veja como aconteceu, de acordo com o relato da versão Almeida Século 21:

1 Pasur, filho de Imer, o sacerdote, que era superintendente da casa do SENHOR, ouviu

Jeremias profetizar essas coisas.

2 Então Pasur feriu o profeta Jeremias, e o prendeu no tronco que está na porta superior de Benjamim, na casa do Senhor.

3 No dia seguinte, quando Pasur o soltou do tronco, Jeremias lhe disse: O SENHOR já não te chama Pasur, mas Magor-Missabibe.

4 Porque assim diz o SENHOR: Eu farei de ti um terror para ti mesmo e para todos os teus amigos. Eles cairão pela espada de seus inimigos, e teus olhos o verão. Entregarei todo o Judá nas mãos do rei da Babilônia; ele os levará cativos para a Babilônia e os matará pela espada.

5 Também entregarei todas as riquezas desta cidade, todos os seus produtos e coisas preciosas, todos os tesouros dos reis de Judá, na mão de seus inimigos, que o saquearão e tomando-os, os levarão para a Babilônia.

6 E tu, Pasur, e todos os moradores da tua casa ireis para o cativeiro; e irás para a Babilônia, e ali morrerás e serás sepultado, tu e todos os teus amigos, aos quais profetizas-te com falsidade (20.3-6).

5) A corrupção geral dos líderes de Judá

O capítulo 23 de Jeremias é uma triste amostra de como eram corruptos os líderes de Judá. Neste ponto, depois de lido o texto todo, serão levantadas e respondidas algumas questões que ajudam o leitor a entender o que estava acontecendo.

6) Roteiro para análise do capítulo 23

a) Primeiramente o texto completo deve ser lido.

b) Pergunta de direcionamento: quem são os pastores mencionados nos versículos 1-4?

Resposta: os líderes políticos da nação.

c) Pergunta de direcionamento: qual o motivo da mudança Egito por terra do norte, na fórmula de juramento utilizada pelo povo de Judá? (Versículos 5-8)

Resposta: o grande ato de Deus em favor de seu povo havia sido a libertação deles da escravidão do Egito. Israel passou a existir como nação após este acontecimento. Agora, Deus promete, mesmo em um momento de castigo, um novo êxodo, uma volta do cativeiro e um renascer da nação que haveria de praticamente desaparecer. Este acontecimento seria marcante e chegaria a influir na fórmula de Juramento praticada por eles.

d) Relação das atitudes erradas dos profetas de Judá que aparecem nos versículos 14-32.

Foram muitas as atitudes erradas dos profetas de Judá. Aqui serão relacionadas na sequência em que aparecem no texto:

- 1) Cometiam adultério – 14
- 2) Andavam com falsidade – 14
- 3) Ajudavam os malfeitores – 14
- 4) Enchiam o povo de vãs esperanças – 16
- 5) Falavam as visões de seus próprios corações – 16
- 6) Não falavam o que vinha da boca de Deus – 16
- 7) Prometiam a paz àqueles que desprezavam a Deus – 17
- 8) Prometiam paz àqueles que andavam conforme seus próprios desejos – 17
- 9) Não estiveram no conselho de Deus – 18 e 22
- 10) Não foram enviados por Deus, mas se apressaram em ir – 21
- 11) Deus não lhes falou, mas eles profetizavam – 21
- 12) Não faziam o povo voltar dos maus caminhos – 22
- 13) Proclamavam mentiras em nome de Deus – 25
- 14) Diziam: sonhei, sonhei. . – 25
- 15) Proclamavam o engano do próprio coração – 26
- 16) Faziam o povo esquecer de Deus contando-lhes sonhos – 27
- 17) Pregavam a própria palavra e diziam que era a de Deus – 31
- 18) Profetizavam sonhos mentirosos – 32
- 19) Com suas mentiras faziam o povo errar – 32
- 20) Agiam por conta própria – 32
- 21) Não traziam nenhum proveito ao povo – 32

Pergunta de direcionamento: existem profetas como estes nos dias de hoje?

Resposta: Sim, muitos. Um exemplo disto são os pregadores da prosperidade sem responsabilidade para com os reais ensinamentos da Palavra de Deus.

Pergunta de direcionamento: como distinguir o falso do verdadeiro profeta?

a) Verdadeiro = Vida correta e mensagem de acordo com a Palavra de Deus.

b) Falso = Vida errada e mensagem contradizendo os ensinamentos da Palavra de Deus.

7) A visão dos cestos de figos (24) No capítulo 24 de Jeremias está registrada uma das mensagens mais interessantes deste profeta. Não se pode determinar ao certo se haviam realmente dois cestos diante do templo a partir dos quais ele recebeu uma mensagem “casual” da parte de Deus, ou se ele, mesmo não estando no templo, nem havendo cestas de figos lá, teve uma “visão” que mostrava estas imagens. Seja como for o importante é entender a mensagem.

O profeta não precisou interpretar a visão. Deus deu a visão e ao mesmo tempo a interpretação. Foi-lhe mostrado dois cestos de figos, um com frutos muito bons e outro com frutos muito ruins. Para surpresa de muitos, o de figos bons representava os cativos que já haviam sido levados para a Babilônia e o de figos ruins o rei Zedequias e os que ficaram em Jerusalém, ou fugiram para o Egito. A mensagem prometia bênçãos para os exilados e maldições para os que escaparam de ir para o cativeiro.

Esta mensagem deve ter sido recebida por Jeremias entre os anos de 597 quando o rei Jeconias (também conhecido como Joaquim) foi levado para o cativeiro juntamente com outros líderes da nação, e o ano 587, no máximo, quando Jerusalém foi destruída. Ela também parece estar apontando para uma espécie de oferta a Deus. Os figos temporãos (v. 2) eram considerados uma iguaria em Judá. Há a possibilidade deles, na visão, estarem apontando, de forma simbólica, para uma espécie de oferta das primícias, de acordo com o prescrito em Lv 2.14; 23.9-14,17,20. [\[Nota 48\]](#) Ou seja, o melhor da nação, os cativos, que foram levados para a Babilônia antes da destruição de Jerusalém, estava sendo oferecido em sacrifício a Deus, enquanto os demais estavam sendo rejeitados.

8) Outros destaques que ajudam na interpretação

a) Em 3.16 há uma alusão à arca da aliança. Tem-se a impressão que nesta época a arca já havia sumido, e alguns lamentavam por esta grande perda. Contudo, o texto aponta para um futuro onde não haveria mais necessidade da arca. Algumas tradições procuram apontar para o destino da arca. Em 2 Macabeus 2.4 e seguintes está escrito que Jeremias salvou a arca na ocasião da destruição do Templo de Jerusalém. Já no livro Apocalipse de Baruque é mencionado um anjo que teria salvado todos os utensílios sagrados que estavam no Santo dos Santos do Templo de Jerusalém por ocasião da invasão babilônica. O texto

diz assim, falando do anjo: Eu vi então como ele desceu sobre o Santíssimo e lá recolheu o véu, o sagrado manto umeral, o propiciatório, as duas tábuas, as vestes sagradas dos sacerdotes, o altar dos incensos e quarenta e oito pedras preciosas que o sacerdote portava e todos os vasos sagrados do tabernáculo. Com voz potente, ele dirigiu-se à Terra: ‘Terra! Terra! Terra! Escuta agora a palavra do Deus Todo-Poderoso! Recebe estas coisas que à tua guarda confio! Conserva-ás contigo até os tempos novíssimos e restitui-as quando te for ordenado, para que elas não sejam roubadas pelos estranhos! Chegado é o tempo em que Jerusalém será abandonada, por um prazo, até que seja determinada a sua reconstituição, e aí será para sempre’. Então a Terra abriu a sua boca e engoliu-as. [\[Nota 49\]](#)

b) O leão mencionado em 4.7 é uma referência ou a Assíria ou à Babilônia. As duas eram representadas por este animal. Pela época do ministério de Jeremias, provavelmente, a referência indica a Babilônia. O texto narra: “Um leão subiu da sua toca, um destruidor de nações. Ele já partiu, saiu do seu lugar para arruinar a tua terra, para que as tuas cidades sejam destruídas e ninguém habite nelas.”

c) Em 5.2 temos uma fórmula de juramento utilizada na época. O texto diz assim: “E ainda que digam: Vive o SENHOR, certamente juram com falsidade”.

d) Por meio do profeta Deus deixa claro que culto litúrgico sem a prática do bem não é aceitável. O texto de 6.20 registra: “Para que me serve o incenso de Sabá, ou a melhor cana aromática de terras remotas? Vossos holocaustos não são aceitáveis, nem me agradam os vossos sacrifícios”.

e) O povo de Jerusalém confiava de forma supersticiosa na presença do Templo na cidade. Eles achavam que não seriam invadidos, mesmo não vivendo de acordo com a vontade de Deus, pois pensavam que seriam protegidos pela simples presença do templo como um amuleto no meio deles. Isto fica claro em Jeremias 7.4 onde se percebe que eles repetiam três vezes, o que aponta para a crença mágica: “Este é o templo do SENHOR, templo do SENHOR, templo do SENHOR”.

f) Rainha dos céus é um dos títulos da deusa assírio-babilônica Istar, a mesma Astarte dos cananeus. [\[Nota 50\]](#) Ela é mencionada em 7.18 e mais adiante em 44.17. Em 7.18 está registrado o seguinte: “Os filhos apanham a lenha, os pais acendem o fogo e as mulheres amassam a farinha para fazer bolos à rainha do céu, e fazem ofertas derramadas a outros deuses, a fim de me provocarem à ira”.

g) Em 7.21-23 há uma ordem de importância sendo destacada por Deus. Quando o povo foi tirado do Egito, e foi feita uma aliança com Deus, o que Ele exigiu, primeiramente, foi a obediência e não sacrifícios. Mais tarde foi dada a lei cerimonial. Seja como for, o texto não está negando que eles deveriam apresentar sacrifícios, mas está afirmando que a obediência é o mais importante e que estes separados dela não tinham nenhum valor.

h) O texto de 10.11 (“Assim lhes direis: Os deuses que não fizeram os céus e a terra desaparecerão da terra e de debaixo destes céus” – ARA), no original, está escrito em aramaico. Parece ser um provérbio popular, escrito nesta língua internacional, contra a idolatria.

i) Em 11.10 fica claro que Judá e Isral quebraram a aliança que Deus havia feito com esta dupla. O texto diz assim: “Repetiram os pecados de seus pais, que se recusaram a ouvir as minhas palavras e seguiram outros deuses para lhes cultuar. A casa de Israel e a casa de Judá quebraram a minha aliança, que fiz com seus pais”.

j) Cálice da consolação, aqui pelo pai ou pela mãe, conforme aparece em Jeremias 16.7, é uma expressão que, segundo Harrison, “no judaísmo posterior, era um copo especial de vinho que o enlutado principal bebia. A escritura não menciona esta prática em nenhuma outra passagem. O profeta tinha de evitar tristeza e alegria, porque ambas cessariam muito breve”. [\[Nota 51\]](#)

k) O anel de selo era algo muito importante para o governante. Ele servia para autenticar as ordens escritas do rei. Deus demonstra muito do seu descontentamento com as atitudes de Jeconias ao afirmar que o lançaria fora mesmo que ele fosse o seu próprio anel de selar (22.24).

l) O texto de Jeremias 23.33-40 utiliza um jogo de palavras, provavelmente, baseado na pergunta maliciosa do povo a respeito da mensagem de Deus. A palavra em destaque é *massā*’ (מַסָּא) que tem os significados de sentença, oráculo, pronunciamento, mas, também, entre outros, os significados de “peso, carga, fardo ou sofrimento”. Ao que parece, ainda que não se possa ter certeza, os habitantes de Jerusalém consultavam o profeta lançando mão de zombaria, como se perguntassem: Qual é a desgraça de hoje da parte de Deus?

m) A expressão “setenta anos”, que aparece em Jeremias 25.11-12, deve ser entendida como um período completo, perfeito, e não literalmente. O texto diz assim:

Toda esta terra se tornará em desolação e ruína; e estas nações servirão ao rei da Babilônia durante setenta anos. Acontecerá, porém, que quando se cumprirem os setenta anos, castigarei a maldade do rei da Babilônia e a sua nação, diz o SENHOR. Também tornarei a terra dos babilônios em assolação para sempre.

3.6.3. Eventos na vida de Jeremias (26.1-45.5)

Esta terceira parte do livro mostra diversos eventos na vida de Jeremias. Aqui serão destacados

alguns deles.

1) Capítulo 26 – Jeremias arriscando a vida em nome de Deus

1. A mensagem (1-6)

2. A reação à mensagem (7-9)

3. O julgamento do profeta (10-24)

3.1. A acusação (10-11)

3.2. A defesa própria (12-15)

3.3. A defesa por parte de outros (17-19) 3.4. A acusação (20-23)

3.5. A defesa da parte de Aicão [\[Nota 52\]](#) (24)

2) Capítulos 27 e 28 – Jeremias – O homem mensagem

a) Parte de Judá já estava no cativeiro babilônico.

b) Zedequias era vassalo da Babilônia.

c) Deus transforma Jeremias em homem mensagem. Ele recebe a ordem: “Assim me disse o SENHOR: Faze para ti um jugo com cordas e pedaços de madeira e coloca-o sobre o pescoço” (27.2).

d) Havia um esboço de conspiração em Judá (27.3).

Estavam em Jerusalém representantes de Edom, Moabe, Amom Tiro e Sidom.

e) O rei da Babilônia é chamado em 27.6 de “servo de Yavé”, literalmente “meu servo” (*‘abddî – אַבְדִּי*),

mesmo título que é utilizado em Isaías 49.3; 52.13 e 53.11.

f) Jeremias prega a submissão à Babilônia (27.11-12).

g) Jeremias é contestado (28.1-3, 10).

h) Jeremias anuncia que Deus fará jugo de ferro (28.12-13).

i) Jeremias profetiza a morte de Hananias e esta acontece dois meses mais tarde, mostrando a veracidade de sua mensagem (verificar a data em 28.1 e 28.17).

3) Capítulo 29 - Jeremias ministra por meio de cartas (Como pode ser visto Paulo, no Novo Testamento, não foi o primeiro a utilizar este meio).

4) Capítulos 30 e 31 - Mensagem de livramento.

Como destaque principal desta parte, está a profecia a respeito da nova aliança. A seguir serão demonstradas algumas de suas características.

A NOVA ALIANÇA

Texto base – Jeremias 31.31-40

a) É Para o Futuro 31

b) É Diferente da Antiga 32

c) Será Impressa na Mente do Povo 33

Não podemos pegar os detalhes deste texto e transportá-los para o Novo Testamento, mas é bom perceber que Jesus aplicou esta aliança para o seu tempo.

Veja estes textos do Novo Testamento que falam a respeito da Nova Aliança: Mt 26.28; Mc 14.24; Lc 22.20; I Co 11.25; II Co 3.6; Hb 8.7-13, 9.15 e 10.16-17.

5) Capítulo 38.14-28 - O rei Zedequias consulta em secreto o profeta Jeremias

a) O rei jurou que não faria mal a Jeremias – v. 16

b) Jeremias, como sempre, aconselha submissão à Babilônia – vs. 17-18

c) O rei demonstra que tem medo do povo – v. 19

d) Jeremias garante que o rei estaria em segurança – v. 20

e) Jeremias mostra ao rei o perigo da desobediência – vs. 21-23 (O rei seria o culpado pelas mortes que haveriam de ocorrer – v. 23)

f) O rei pediu segredo a Jeremias. Colocou uma história falsa nos lábios do profeta e se retirou vs. 24-26

g) Jeremias obedeceu ao rei dizendo aos líderes aquilo que o rei havia mandado dizer.

Para pensar: o profeta agiu certo ou errado? Será que o conceito atual de mentira, onde todo e qualquer engano é classificado como tal, não é diferente do conceito bíblico?

3.6.4. Profecias contra cidades e nações (46.1-51.64)

Alguns destaques desta parte do livro:

1) Jeremias não foi chamado para profetizar apenas para o seu povo. Deus o constituiu profeta às nações (1.5). Nesta parte do livro, então, se encontram profecias contra várias nações. Com certeza elas não foram proferidas todas na mesma ocasião, devem ter sido agrupadas por causa do assunto em comum.

2) Jeremias profetizou contra o Egito, Filisteia, Moabe, Amom, Edom, Damasco, Quedar (Arábia) e Hazor, Elão e Babilônia.

3) Nestas profecias Jeremias apresenta Yavé como o Senhor da guerra, seu controlador. Yavé é quem castiga as nações como pode ser visto na lista a seguir:

Egito - 46.10,25

Filistéia - 47.7-7

Moabe - 48.35

Amom - 49.2

Edom - 49.13

Damasco - 49.27

Quedar e Hazor 49.28 - Elão

49.35 - Babilônia 50.18

4) É importante perceber que nas mensagens para as nações também se encontram algumas palavras de salvação, como as seguintes:

a) para o Egito: “E os entregarei nas mãos dos que procuram matá-los, nas mãos de Nabucodonosor, rei da Babilônia, e nas mãos dos seus servos; mas depois será habitada, como nos dias antigos, diz o SENHOR” (Jr 46.26);

b) para Moabe: “Contudo, nos últimos dias mudarei o destino de Moabe, diz o SENHOR”. (Jr 48.47a).

c) para Amom: “Mas depois disso mudarei o destino dos amonitas, diz o SENHOR” (Jr 49.6);

d) para Elão: “Mas, nos últimos dias, acontecerá que mudarei o destino de Elão, diz o SENHOR” (Jr 49.39).

5) A expressão “o teu poderoso” (*'abbîreykâ* – אֲבִירַיִךָ), ou como traduziu a S21 “o teu guerreiro”, em Jeremias 46.15, de acordo com Briend, pode ser uma referência ao deus Ápis do Egito. Este era um touro, símbolo do poder, manifestação do deus Ptah, adorado em Mênfis. [\[Nota 53\]](#) Jeremias o ironiza perguntando e respondendo: “Por que o teu guerreiro está caído? Ele não ficou em pé, pois o SENHOR o abateu”.

6) Jeremias mostra que Deus pode usar as nações como quiser e isto não retira delas a culpa pelas suas ações.

Veja o texto de 51.20-26:

a) Babilônia foi instrumento de Deus;

b) quem de fato feriu foi Deus;

c) Babilônia cometeu maldade.

Como explicar este desenvolvimento acima? Talvez não se possa entender, mas o texto mostra que Deus tem poder para controlar o universo e todas as coisas sem precisar retirar de nós o livre arbítrio.

7) Jeremias manda mensagens para a Babilônia (51.59-64).

Veja a sequência:

a) Jeremias manda uma mensagem para a Babilônia por Seraías – v. 59;

b) Jeremias escreveu o mal que viria sobre Babilônia – v. 60;

c) Seraías recebeu ordens para ler a mensagem na Babilônia – v. 61;

d) Seraías recebeu ordens para, depois de ter lido a mensagem, lançar o livro no rio Eufrates, v. 63 (Isto fazia parte da mensagem – v. 64).

A mensagem foi enviada no 4º ano do reinado de Zedequias, sete anos antes da queda de

Jerusalém. Provavelmente o conteúdo da mensagem seja o que temos no Livro de Jeremias nos capítulos 50 e 51.

3.6.5. A queda de Jerusalém (52.1-34)

1) Como o capítulo anterior, 51.64, termina com a informação: “Até aqui são as palavras de Jeremias”, conclui-se que este capítulo 52 não vem do profeta.

2) O côvado, conforme aparece em Jeremias 52.21 e 22, era uma medida que equivalia a, aproximadamente, 45 centímetros.

Notas do Capítulo 3

Nota 40 - VAUX, Roland de. Instituições de Israel no Antigo Testamento. São Paulo: Editora Teológica, 2003. p.44. [\[Voltar\]](#)

Nota 41 - DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2006. p.289. [\[Voltar\]](#)

Nota 42 - HARRISON, R. K. Jeremias e Lamentações: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1980. p.22-26. [\[Voltar\]](#)

Nota 43 - Segundo Harrison, a referência cronológica “antes que faraó ferisse a Gaza”, que aparece em Jeremias 47.1 é obscura, além de não constar do texto da LXX. Não há certeza, mas pode estar apontando para um ataque ocorrido na época do Faraó Neco, quando este marchou para Harã em 609 a.C. (HARRISON, R. K. Jeremias e Lamentações: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1980. p.137. [\[Voltar\]](#)

Nota 44 - BRIEND, Jaques. O Livro de Jeremias. São Paulo: Edições Paulinas, 1987. p.29. [\[Voltar\]](#)

Nota 45 - HARRISON, R. K. Jeremias e Lamentações: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1980. p.38-42. [\[Voltar\]](#)

Nota 46 - O leitor deve lembrar que, neste contexto, “casa de Israel” é um título dado ao povo de Judá, pois Israel, como nação, não existia mais. [\[Voltar\]](#)

Nota 47 - O texto de 20.1, ao destacar que Pasur ouviu Jeremias “profetizar essas coisas”, mostra claramente que a divisão dos capítulos não está correta. A expressão “essas coisas” é uma referência aos acontecimentos do capítulo anterior. [\[Voltar\]](#)

Nota 48 - CRAIGIE, P. C.; KELLEY, P. H. e DRINKARD Jr., J. F. Jeremiah 1-25. In: HUBBARD, D. A. (ed. ger.). Word biblical commentary. Dallas: Word Books Publisher, 1991. p.358. [\[Voltar\]](#)

Nota 49 - APOCALIPSE DE BARUCH. In: PROENÇA, Eduardo. (org.). Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia. São Paulo: Fonte Editorial LTDA, 2005. p.777. [\[Voltar\]](#)

Nota 50 - HARRISON, R. K. Jeremias e Lamentações: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1980. p.69,133. [\[Voltar\]](#)

Nota 51 - HARRISON, R. K. Jeremias e Lamentações: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1980. p.83. [\[Voltar\]](#)

Nota 52 - O defensor de Jeremias naquela ocasião foi Aicão, filho de Safã. Ele deve ser o mesmo Aicão que foi enviado por Josias, fazendo parte de uma delegação, consultar a profetisa Hulda (2 Rs 22.12-20. Ele era pai de Gedalias que, mais tarde, seria indicado governador de Judá, pelo rei Nabucodonosor (2 Rs 22.22). [\[Voltar\]](#)

Nota 53 - BRIEND, Jaques. O Livro de Jeremias. São Paulo: Edições Paulinas, 1987. p.73. [\[Voltar\]](#)

O livro de Lamentações de Jeremias

Este livro é um dos mais impressionantes de toda a Bíblia. Nele, como em nenhum outro lugar, pode-se atestar a manifestação da Ira de Deus. Contudo, desde o início, é bom atentar para o fato de que isto não faz de Deus um ser que gosta de castigar. Ao mesmo tempo em que o texto mostra a ação destruidora de Deus sobre Jerusalém, castigando, também aponta para os culpados da tragédia, e para a bondade de Deus que castigou alguém do que eles mereciam.

Bem! Antes de prosseguir na leitura das notas que seguem é indispensável que seja feita uma leitura atenta do texto bíblico em si. Portanto, boa leitura.

4.1. O Título

O nome deste livro sofre pequenas variações de versão para versão. Vejamos as principais, no Texto Massorético, na Septuaginta, na Vulgata e em algumas versões modernas.

Como acontece com vários outros livros da Bíblia Hebraica, também este, inicialmente, não possuía um título propriamente dito. Assim, o Texto Massorético acaba utilizando como se fosse um título, para identificá-lo, a primeira palavra do livro. Mesmo expediente utilizado, por exemplo, para os primeiros cinco livros da Bíblia. Neste caso específico do livro que hoje se conhece como “Lamentações”, no Texto Massorético, o título é *'êkâ* (עֵקָה), o qual pode ser traduzido pela expressão de lamento “oh, como!”, o que acaba por descrever muito bem o conteúdo da obra.

Na Septuaginta, considerada a primeira versão bíblica, a qual foi feita do hebraico para o grego, o título utilizado é *Thrēnoi Ieremiou* (ῥήνοι Ιερειμίου), e significa “Lamentos de Jeremias”.

Este título está fortemente ligado a uma introdução que lhe foi colocada antes do primeiro versículo. Na Septuaginta, também conhecida pelo número LXX, antes do texto do livro em si diz, como uma introdução: “Depois de Israel ter sido levado cativo e Jerusalém ficado deserta, o profeta Jeremias assentou-se a chorar e pronunciou esta lamentação sobre Jerusalém, e disse:...”.

A palavra *Thrēnoi* (qrhñoi) utilizada no título do livro na Septuaginta é o plural de *thrēnos* (qrh ^noj) que, entre outros significados, possui o de lamento fúnebre.

Na Vulgata, versão em latim, ainda que baseado na LXX, o título ficou mais explicativo. O título utilizado foi: “São as Lamentações de Jeremias”. Já nas versões modernas, seguindo em parte as versões grega e latina, têm sido utilizados os títulos de “Lamentações de Jeremias” (NVI, AS21) ou, simplesmente, “Lamentações”^[Nota 54]. Harrison ainda lembra que os autores talmúdicos ou rabínicos se referiam à obra, principalmente, pelo termo hebraico *qînôt*, que significa lamentações, ou, às vezes pelo termo *’êkâ* (oh, como!).^[Nota 55]

4.2. O Pano de Fundo Histórico

Percebe-se claramente que o contexto histórico dos escritos é a destruição e desolação de Judá, em especial da cidade de Jerusalém, levada a efeito pelo conquistador babilônio Nabucodonosor, em cerca de 587 a.C. Isto é confirmado, ainda, na sequência da História Judaica, pelo costume de ser feita a leitura pública deste livro na data em que é relembrada a destruição do Templo de Jerusalém.

4.3. O Tema Central

O tema central do livro está muito claro, é a “Ira de Deus”. A descrição poética da destruição de Jerusalém mostra isto em todas as partes do livro. Confira, por exemplo, os textos que seguem, com destaques em negrito apontando para o causador da destruição e suas ações:

“Seus adversários a dominam, seus inimigos prosperam; **porque o SENHOR a afligiu** por causa das suas muitas transgressões; seus filhinhos marcharam para o cativeiro na frente do adversário” (Lm 1.5).

“Vós que passais pelo caminho, não vos comoveis? Olhai e vede se há sofrimento maior do que o que estou passando, com que o SENHOR **me afligiu, no dia do furor da sua ira**” (Lm 1.12).

“1 Como **o Senhor cobriu** a cidade de Sião de nuvens na sua indignação! **Derrubou** a glória de Israel do céu à terra e **não se lembrou** do estrado de seus pés no dia da sua ira. 2

O Senhor devorou todas as moradas de Jacó sem piedade, **derrubou** as fortalezas da cidade de Judá no seu furor; **lançou por terra** e **desonrou** oreino e os seus príncipes. 3 No furor da sua ira **destruiu** todo o poder de Israel; **retirou a sua mão** direita da frente do inimigo. **Queimou** Jacó como fogo ardente que destrói tudo em redor. 4 **Armou seu arco** como inimigo, **firmou a mão** direita como adversário e **matou** todos os de boa aparência; **derramou sua indignação** como fogo contra a tenda da cidade de Sião. 5 **O Senhor se tornou como inimigo; devorou** Israel, **devorou** todos os seus palácios, **destruiu** suas fortalezas e **multiplicou o pranto** e alimentação na cidade de Judá. 6 **Demoliu** com violência a sua tenda, como se fosse uma horta; **destruiu** o lugar da sua comunidade; **o SENHOR entregou ao esquecimento** as assembleias solenes e o sábado em Sião, e **rejeitou com desprezo** o rei e o sacerdote na indignação da sua ira. 7 **O Senhor desprezou o seu altar, detestou o seu santuário, entregou** os muros dos seus palácios na mão do inimigo; deram gritos no templo do SENHOR, como em dia de reunião solene. 8 **O SENHOR decidiu destruir** o muro da cidade de Sião; **estendeu a corda, não impediu** sua mão de fazer estragos; **fez gemer** o antemuro e o muro; juntos eles se enfraquecem” (Lm 2.1-8).

“O jovem e o idoso caem por terra nas ruas; as minhas moças e os meus moços caíram à espada; **tu os mataste no dia da tua ira; massacraste-os sem misericórdia**” (Lm 2.21).

“Eu sou o homem que viu **a aflição causada pela vara do seu furor**” (Lm 3.1).

“**Tu** te cobriste de **ira** e nos perseguiste; mataste, **não tiveste piedade**” (Lm 3.43).

“**O SENHOR cumpriu o seu furor**, derramou **o ardor da sua ira** e acendeu um fogo em Sião que consumiu os seus fundamentos” (Lm 4.11).

“**A ira do SENHOR** os espalhou” (Lm 4.16a).

“21 **Restaura-nos** a ti para que voltemos a ti, SENHOR; renova os nossos dias como antigamente; 22 se é que não nos rejeitaste totalmente, **se é que não estás irado demais contra nós**” (Lm 5.21-22).

4.4. O Conteúdo Geral e o Esboço Básico do Livro

O livro é composto por quatro poemas que contam as dificuldades e sofrimentos do povo de Judá durante o cerco da cidade de Jerusalém e, logo após, a destruição da mesma, é um cântico de confissão dos pecados da nação. Isto será visto com mais detalhes no próximo ponto que trata da

estrutura. O seu esboço é simples e claro, pois cada poema, ou lamento, corresponde a um capítulo nas versões modernas. Uma proposta pode ser a seguinte:

1. PRIMEIRO POEMA ALFABÉTICO (1)

1.1 Jerusalém Destruída e Solitária (1.1-7)

1.2 A Destruição Foi Consequência do Pecado (1.8-11)

1.3 Pedido de Consolo (1.12-22)

2. SEGUNDO POEMA ALFABÉTICO (2)

2.1 A Ira de Deus se Manifestou Contra Jerusalém (2.1-9)

2.2 Descrição dos Sofrimentos Causados Pela Fome (2.10-13)

2.3 A Palavra de Deus Foi Realizada (2.14-17)

2.4 Apelo Para Que Clamem ao Senhor (2.18-22)

3. TERCEIRO POEMA ALFABÉTICO (3)

3.1 Um Lamento Já Sem Esperanças (3.1-21)

3.2 Lembrança do Que Pode Dar Esperança (3.22-39)

3.3 Chamado à Conversão (3.40-42)

3.4 A Consequência do Pecado (3.43-54)

3.5 Pedido de Socorro e Vingança Contra os Inimigos (3.55-66)

4. QUARTO POEMA ALFABÉTICO (4)

4.1 Lembrança dos Dias Passados (4.1-12)

4.2 O Pecado e Seus Resultados (4.13-20)

4.3 Promessa de Castigo Também Para Edom (4.21-22)

5. QUINTO POEMA (ÚNICO NÃO ALFABÉTICO) (5)

5.1 Pedido de Misericórdia (5.1)

5.2 As Consequências do Castigo (5.2-18)

5.3 Súplica Final Pedindo Restauração (5.19-22)

4.5. A Estrutura

Como já foi destacado no esboço, os quatro primeiros poemas estão na forma conhecida como poesia alfabética, também denominada por alguns, de forma incorreta, como acrósticos.

O quinto, diferindo dos anteriores, é semelhante a um salmo de lamento. É uma oração confessando os pecados nacionais e não está em forma alfabética.

Veja um resumo da estrutura de cada um deles:

- a) o primeiro capítulo: composto por vinte e dois versículos, cada um deles começando com uma letra do alfabeto hebraico em sua ordem natural;
- b) o segundo capítulo: muito parecido com o primeiro diferenciando-se apenas na sequência de dois versículos que, seguindo a ordem alfabética natural, deveriam começar com $\nu(')$ e $\varepsilon(p)$ nesta ordem, e aparecem invertidos, primeiro $\varepsilon(p)$ depois $\nu(')$.
- c) O terceiro capítulo: a grande diferença deste para com os dois primeiros é que mesmo seguindo a ordem alfabética, ele divide os versículos em grupos de três para cada letra. Assim ele é três vezes mais longo do que os demais. Talvez tenha sido considerada pelo autor como a parte mais importante do livro. Daí a utilização tríplice.
- d) O quarto capítulo: tem a mesma forma do capítulo dois, também trocando a ordem natural $(') (p)$ pela $(p) (')$.
- e) O quinto capítulo: este é bem diferente dos demais. O número de linhas, ou versículos, equivale à quantidade de letras do Alfabeto Hebraico, mas não segue nenhuma ordem alfabética. Não se pode ter certeza de qual foi o motivo desta parte tomar outra forma, não utilizando a ordem alfabética. Alguns têm sugerido que se trata de um acréscimo, mas isto vai contra a ordem natural do restante do livro que ficaria incompleto sem esta última parte. Pode ser que, simplesmente, o autor compunha sua poesia e só mais tarde trabalhava os pormenores, como a ordem alfabética. Algum imprevisto pode ter impedido o autor de completar o seu trabalho. Seja como for, estas são apenas tentativas de desvendar um mistério que, no geral não tem muita importância, pois a mensagem continua a mesma, em ordem alfabética ou não.

O esquema geral do livro fica assim:

Número dos capítulos	1	2	3		
Quantidade de versículos	22	22	66	22	22
Forma poética	Alfabética	Alfabética	Alfabética	Alfabética	Livre

4.6. A Autoria e a Data

A autoria do livro tem sido atribuída ao profeta Jeremias, tanto pela tradição judaica quanto pela tradição cristã. Existe mesmo esta possibilidade. Contudo, o livro em si é anônimo, não nos dando certeza de quem o tenha escrito, ainda que em 2 Crônicas encontremos a informação a respeito de um lamento escrito por Jeremias, naquele caso em homenagem ao rei Josias, por ocasião de sua morte (2Cr 35.25). Talvez seja bom também lembrar que na época de Jeremias, e trabalhando com ele, estava um bom escritor chamado Baruque, com certeza, capacitado para este tipo de obra.

Mesmo que a autoria não seja do profeta Jeremias, as evidências internas apontam claramente para o tempo da destruição de Jerusalém, época em que o profeta estava nessa cidade. Provavelmente, quem escreveu deve ter sido testemunha ocular dessa tragédia ocorrida em 587 a.C., como Jeremias o foi, quando a Babilônia deu um fim no Reino de Judá.

4.7. A Teologia

São cinco os temas teológicos que mais se destacam no livro:

- a) o sofrimento a nível nacional como castigo da parte de Deus;
- b) a justiça de Deus (1.18);
- c) Deus como soberano e figura central da história;

d) a fidelidade e a misericórdia de Deus (3.19,39);

e) a ira de Deus.

4.8. Destaques que Ajudam na Interpretação do Livro

1) Como o tema central do livro é a Ira de Deus é bom definir este termo. Ira de Deus deve ser entendida como a manifestação punitiva da justiça de Deus.

2) É bom lembrar que a ira de Deus não afeta em nada a bondade, o amor ou a misericórdia de Deus, como bem mostra o texto de Lamentações 3.22-25. Veja o que ele diz, de acordo com a versão Almeida Século 21:

22 A bondade do Senhor é a razão de não sermos consumidos, as suas misericórdias não têm fim;

23 renovam-se cada manhã. Grande é a tua fidelidade.

24 Digo a mim mesmo: A minha herança é o SENHOR, portanto esperarei nele.

25 Bom é o SENHOR para os que esperam nele, para quem o busca.

3) A ira de Deus se manifestou sobre Jerusalém por causa dos pecados do povo. O reconhecimento destes pecados está por todo o livro. Veja alguns exemplos: “. .O SENHOR a afligiu por causa das suas muitas transgressões. .” (1.5); “Jerusalém pecou gravemente... (1.8); “O SENHOR é justo, pois me rebelei contra os seus mandamentos. .” (1.18); “Olha SENHOR! Estou angustiada! Estou angustiada no íntimo! O meu coração está transtornado em mim, porque me rebelei gravemente..” (1.20); “. .por causa de todas as minhas transgressões. .” (1. 22); “Os teus profetas te anunciaram visões falsas e insensatas e não denunciaram o teu pecado para evitar o teu cativeiro; mas anunciaram profecias inúteis e palavras que te levaram ao exílio” (2.14); “Nós transgredimos e fomos rebeldes, e tu não perdoaste” (3.42); “Pois maior é o pecado do meu povo do que o pecado de Sodoma, que foi destruída num instante, sem que ninguém lhe ajudasse” (4.6); “Isso aconteceu por causa dos pecados dos seus profetas e das maldades dos seus sacerdotes, que derramaram o sangue dos justos no meio dela” (4.13); “Caiu a coroa da nossa cabeça. Ai de nós, porque pecamos” (5.16).

4) Sião, Jerusalém, filha de Sião e filha de Judá, são sinônimos, neste livro, que indicam o mesmo local onde ocorreu a calamidade (1.4, 6, 7, 8, 15, 17).

5) O autor, para dar mais cor à sua poesia, em partes da obra, lança mão do artifício de

personificar a cidade. Ou seja, fala como se fosse a cidade falando, então, faz com que ela assuma características de pessoa e passe ela mesma a narrar a sua tragédia, como em 1.11b que diz: “Olha, SENHOR, pois estou desprezada”.

6) A palavra hebraica *'āhab* (אָהַב), que aparece em 1.19, pode ser traduzida por amante ou por amigo. Neste lugar deve ser uma referência aos aliados de Israel que deixaram de prestar ajuda a Jerusalém no momento da invasão. [\[Nota 56\]](#) O texto diz: “Chamei os meus amantes, mas eles me enganaram; os meus sacerdotes e os meus anciãos morreram na cidade enquanto buscavam mantimento para si, para refazerem as forças”.

7) Em 2.3 aparece a palavra hebraica *qeren* (קֶרֶן) que, em vários contextos tem o significado de chifre. Mas neste versículo é melhor traduzido por força, ou poder, do qual, em muitos casos, é um símbolo no Antigo Testamento.

8) O pano de saco (*śaq* – שָׂק), mencionado em 2.10, era um pano grosseiro de cor escura, feito, principalmente, de pelos de cabras, mas também de pelos de camelos. Com este pano eram feitas roupas utilizadas por pessoas enlutadas, ou que desejavam mostrar a sua tristeza. [\[Nota 57\]](#)

9) Em 2.12, crianças pedindo pão e vinho, pode parecer estranho para os dias atuais, mas é uma referência à alimentação normal da época. Elas pediam comida. [\[Nota 58\]](#) Almeida Século 21 traduziu assim: “11...os meninos e as crianças de peito desfalecem pelas ruas da cidade. 12 Quando desfalecem como os feridos pelas ruas da cidade, ou quando deixam escapar a vida no colo de suas mães, perguntam a elas: Onde estão o trigo e o vinho?” (Lm 2.11b-12).

10) Na teologia do autor do livro, da mesma forma como de outros no Antigo Testamento, tanto o bem quanto o mal vem de Deus. Dai as palavras de 3.38: “Acaso não procede do Altíssimo assim o mal como o bem?”.

11) A estrutura do livro aponta para o capítulo três como sendo o clímax da composição. Sua posição central na obra, dividida em cinco partes, e o fato de possuir três vezes mais material do que os demais, com 66 versículos e não 22 como os outros, destaca esta ênfase dada pelo autor.

12) A referência ao ungido do Senhor (*meshiah. yahweh* – מָשִׁיחַ יְהוָה) em 4.20, parece que não tem nada de profecia messiânica. É uma referência histórica a respeito da prisão do rei, o ungido, que foi levado cativo para a Babilônia.

13) A referência aos perseguidores que estão sobre o pescoço (5.5) pode ser uma alusão à prática de se pisar no pescoço dos inimigos vencidos, como sinal de vitória completa. Esta prática aparece em Josué 10.22-27.

Nota 54 - BÍBLIA, Português. Bíblia Hebraica: Antigo Testamento. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer Ltda, 2006. [\[Voltar\]](#)

Nota 55 - HARRISON, R. K. Jeremias e Lamentações: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1980. p.155. [\[Voltar\]](#)

Nota 56 - HARRISON, R. K. Jeremias e Lamentações: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1980. p.168. [\[Voltar\]](#)

Nota 57 - COHEN, Gary G. (s'aq) pano de saco, saco. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER, Jr. Gleason L. e WALTKE, Bruce K. Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1998. p.1489. [\[Voltar\]](#)

Nota 58 - HARRISON, R. K. Jeremias e Lamentações: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1980. p.172. [\[Voltar\]](#)

5.

O livro de Ezequiel

O Livro de Ezequiel possui algumas passagens muito difíceis. Para melhor entendê-lo é importante que o leitor das notas que seguem esteja bastante atento e sempre conferindo os textos bíblicos citados. Aqui será apresentada uma introdução geral e, na sequência, uma abordagem parte por parte da obra seguindo o seu esboço. Uma leitura do livro todo, parte por parte, acompanhada da leitura dos auxílios para a interpretação, mais adiante, será de grande ajuda para a compreensão das mensagens de Ezequiel.

5.1. O Profeta

Como pode ser observado já no início do livro, em 1.3, o profeta Ezequiel era de família sacerdotal. Ele é identificado como sendo filho do sacerdote Buzi. Assim diz o texto: “veio a palavra de Yavé para Ezequiel filho de Buzi, o sacerdote” (*hāyâ debar yhwh 'el-yehiezquē'l ben buzî hakkōhēn* – הָיָא דְבַר יְהוָה אֶל-יְהִיעֶזְקֵל בֶּן-בּוּזִי הַכֹּהֵן). Seu nome, Ezequiel, significa “Deus fortalecerá”.

O profeta foi para o exílio na Babilônia juntamente com a aristocracia de Judá em 597 a.C., dez anos antes da destruição do Templo e da conquista de Jerusalém. Ele era casado, mas ficou viúvo antes da queda final desta cidade (24.15-27). Foi um grande líder entre os cativos fazendo, inclusive, de sua casa, um local de reuniões para os anciãos que estavam no cativeiro, como pode ser visto em 8.1, que diz: “No sexto ano, no sexto mês, no quinto dia do mês, estando eu assentado em casa, e os anciãos de Judá assentados diante de mim, sucedeu que a mão do SENHOR Deus caiu ali sobre mim”.

Seu ministério deve ter se desenvolvido por um período de pelo menos 23 anos. Seu chamado profético ocorreu em 593 a.C., no quinto ano do exílio do rei Joaquim, e a última data que aparece no livro é a de 571 a.C., vigésimo sétimo ano de cativeiro deste mesmo rei. [\[Nota 59\]](#)

Ele pregava, principalmente, através de discursos, mas utilizou ações simbólicas em grande escala. Ao que parece, ele foi levado cativo antes de ter exercido as funções de sacerdote. Existe uma boa possibilidade de ter recebido o chamado profético com a idade de trinta anos, quando,

se estivesse em Jerusalém, seria a época de assumir as suas funções sacerdotais. Isto é deduzido do primeiro versículo do livro que apresenta uma data, de certa forma enigmática, onde afirma que a palavra de Yavé veio a ele no trigésimo ano, contudo, sem explicar a partir do que (Ez 1.1). Talvez, no trigésimo ano de sua vida.

5.2. A Autoria e a Unidade do Livro

Existem pelo menos seis razões principais pelas quais o livro pode ser considerado uma unidade, proveniente de um único autor, possivelmente o próprio Ezequiel. São elas:

- 1) a estrutura do livro é equilibrada não apresentando interrupções em sua sequência.
- 2) O livro possui consistência interna tendo como ponto principal a queda de Jerusalém.
- 3) O livro revela unidade de estilo e de linguagem.
- 4) O livro possui uma sequência cronológica clara, com poucas exceções, diferindo de muitos outros livros proféticos (Aparecem datas em 1.1-2; 8.1; 20.1; 24.1; 26.1; 29.1 e 17; 30.20; 31.1; 32.1 e 17; 33.21; 40.1).
- 5) O livro é escrito em forma autobiográfica em quase a sua totalidade. A exceção está na introdução, deixando-se de fora o primeiro versículo (1.2-3).
- 6) O caráter e personalidade do profeta aparecem de forma consistente em todas as partes do livro. [\[Nota 60\]](#)

Segue um quadro com as datas que aparecem no livro, atualizadas com o calendário em uso em nosso meio. Ele está baseado em boa parte na proposta de La Sor, [\[Nota 61\]](#) com adaptações e complementos, e dá uma boa visão da ordem da obra.

Referência	Descrição Básica	Data Bíblica	Data Atualizada
1.1	O chamado de Ezequiel	Dia 5, mês 4, ano 30. O ano, talvez, seja uma referência à idade do profeta.	31/07/593 a.C.
1.2	O chamado de Ezequiel	Dia 5, mês 4, ano 5 do cativo do rei Joaquim.	31/07/593 a.C.
8.1	A visão da idolatria praticada no Templo de Jerusalém	Dia 5, mês 6, ano 6.	17/09/592 a.C.
20.1	Mensagem aos anciãos	Dia 10, mês 5, ano 7.	14/08/591 a.C.

24.1	Relato do cerco da cidade de Jerusalém	Dia 10, mês 10, ano 9.	15/01/588 a.C.
26.1	Profecia contra Tiro	Dia 1, ano 11. Tem sido entendido que o mês é o 1.	23/04/587 a.C.
29.1 – Fora de ordem cronológica	Profecia contra o Faraó	Dia 12, mês 10, ano 10.	07/01/587 a.C.
29.17 – Fora de ordem cronológica	Profecia para Babilônia a respeito do Egito	Dia 1, mês 1, ano 27.	26/04/571 a.C.
30.20	Profecia contra o Faraó	Dia 7, mês 1, ano 11	29/04/587 a.C.
31.1	Profecia contra o Faraó	Dia 1, mês 3, ano 11	21/06/587 a.C.
32.1 - Fora de ordem cronológica	Lamentação sobre o Faraó	Dia 1, mês 12, ano 12	03/03/585 a.C.
32.17	Lamentação sobre o Egito	Dia 15, mês 1, ano 12.	27/04/586 a.C.
33.21	Relato da queda de Jerusalém	Dia 5, mês 10, ano 12.	08/01/585 a.C.
40.1	Visão do templo restaurado	Dia 10, mês 1, ano 25.	28/04/573 a.C.

O Conteúdo Geral e o Esboço Básico do Livro

Na época do Novo Testamento, semelhante ao Cântico dos Cânticos, a leitura deste livro sofria restrições. O capítulo um não podia ser lido nas sinagogas e a leitura particular do restante dele estava proibida para menores de trinta anos.^[Nota 62] Esta atitude bem demonstra o grau de dificuldade encontrado na interpretação do mesmo. Ele pode ser dividido em seis partes principais e várias subdivisões que mostram o geral de seu conteúdo, como segue neste esboço:

1. O CHAMADO PROFÉTICO DE EZEQUIEL (1-3)

1.1 Introdução (1.1-3)

1.2 A Visão do Carro-trono de Deus (1.4-28)

1.3 Ezequiel Recebe a Ordem Para Falar a Israel (2.1-3.15)

1.4 Ezequiel é Colocado Como Ataláia Sobre Israel (3.16-27)

2. MENSAGENS DE JULGAMENTO CONTRA JERUSALÉM (4-24)

2.1 O Cerco Simbólico de Jerusalém (4-5)

2.2 Profecia Contra os Montes de Israel (6)

2.3 Ezequiel Deve Anunciar Que o Fim Está Chegando (7)

2.4 Ezequiel é Transportado Em Visão da Babilônia à Jerusalém (8-11)

2.5 Mensagens Dramatizadas Apontando Para o Cativo (12.1-20)

2.6 Profecias Contra os Profetas e Profetizas (12.21-13.23)

2.7 Os Idólatras Serão Castigados (14.1-11)

2.8 Deus é Justo em Seu Juízo (14.12-23)

2.9 A Parábola da Videira (15.1-8)

2.10 Jerusalém, a Esposa Infiel (16)

2.11 A Parábola das Duas Águias e da Videira (17)

2.12 A Responsabilidade Individual (18)

2.13 Lamento Sobre os Chefes de Israel (19)

2.14 Retrospectiva da História de Israel e os Planos de Deus (20.1-44)

2.15 Profecia Contra a Floresta do Sul (20.45-49)

2.16 A Espada de Deus Contra Israel (21)

2.17 Três Profecias Sobre as Abominações de Jerusalém (22)

2.18 A Parábola das Irmãs Oolá e Oolibá (23)

2.19 A Parábola da Panela Enferrujada (24.1-14)

2.20 A Mensagem Por Meio da Morte da Esposa do Profeta (24.15-27)

3. PROFECIAS CONTRA CIDADES E NAÇÕES (25-32)

3.1 Profecia Contra Amom (25.1-7)

3.2 Profecia Contra Moabe (25.8-14)

3.3 Profecia Contra Filisteia (25.15-17)

3.4 Profecias Contra Tiro (26.1-28.19)

3.5 Profecia Contra Sidon (28.20-26)

3.6 Profecias Contra o Egito (29-32)

4. PROFECIAS RELACIONADAS COM A QUEDA DE JERUSALÉM (33-37)

4.1 Reafirmação dos Deveres do Atalaia (33.1-20)

4.2 O Castigo de Israel Não Traz Arrependimento (33.21-33)

4.3 Os Pastores Infiéis e o Pastor Fiel (34)

4.4 Profecia Contra o Monte Seir (35)

4.5 Profecia Contra os Montes de Israel e a Restauração da Nação (36)

4.6 A Visão do Vale de Ossos Secos e o Anúncio do Renascimento (37)

5. PROFECIA CONTRA GOGUE (38-39)

5.1 A Invasão do Exército de Gogue (38.1-16)

5.2 A Ira de Deus Contra Gogue (38.17-39.24)

5.3 A Restauração Futura de Israel (39.25-29)

6. O NOVO TEMPLO E A NOVA JERUSALÉM (40-48)

6.1 A Visão do Templo Restaurado (40-44)

6.1.1 Visão Geral do Templo (40)

6.1.2 O Santuário (41)

6.1.3 As Salas Sagradas (42)

6.1.4 A Glória de Deus (43.1-9)

6.1.5 O Altar dos Holocaustos (43.10-27)

6.1.6 O Ministério do Santuário (44.1-45.8)

6.1.7 As Ofertas e Outros Regulamentos (45.9-46.24)

6.2 As Águas Purificadoras (47.1-12)

6.3 A Partilha da Terra (47.13-48.35)

5.4 Destaques que Ajudam na Interpretação do Livro

Seguiremos neste ponto o esboço geral do livro apresentado acima, oferecendo alguns comentários, quando se fazem necessários, na tentativa de esclarecer as passagens de destaque.

5.4.1. O chamado profético de Ezequiel (1-3)

O chamado profético de Ezequiel aconteceu em duas ocasiões separadas por um período provavelmente breve, mas indeterminado de tempo. A primeira ocasião foi junto ao rio Quebar, na Babilônia, no quinto dia do quarto mês no quinto ano de cativeiro do rei Joaquim (Ez 1.1-3), o que Taylor apresenta como sendo o dia 31 de julho de 593 a.C. [\[Nota 63\]](#), onde o profeta teve uma visão da parte de Deus. A segunda ocasião foi na cidade de Tel-Abibe, próxima ao rio Quebar (3.15), em outra visão, que começa na cidade e termina em um vale próximo (3.22-23), onde o seu chamado profético é reafirmado e esclarecido.

Em sua primeira visão, 1.4-3.14, ouviu sons aterradores (2.24), teve de comer um livro (3.1-3), viu animais estranhos, rodas com vida, trono e outras coisas que o deixaram assombrado, principalmente a visão da “glória de Yavé” (*kebôd yhwh* – כבוד יהוה – 1.28; 3.12). Ao se ajuntar ao povo em Tel-Abibe ele permaneceu sete dias atônito, sem saber exatamente o que havia acontecido, [\[Nota 64\]](#) como nos informa o texto de 3.15: “E fui aos exilados que moravam em Tel-Abibe, junto ao rio Quebar, e fiquei onde eles moravam; e durante sete dias permaneci atônito no meio deles”.

Na segunda visão vem a explicação do que havia ocorrido (3.16-27), não que não estivesse clara a essência da primeira visão, mas, provavelmente, para confirmar ao profeta o seu chamado.

Ezequiel havia sido colocado por Deus como um atalaia sobre o povo, o qual deveria estar pronto para avisar os culpados de seus pecados, sendo, inclusive, responsabilizado perante Deus por aqueles que, ao se desviarem dos caminhos de Deus, não fossem exortados ao arrependimento pelo profeta.

A missão que lhe foi dada era muito dura. Ele estaria pregando para um povo rebelde (2.5, 6b, 7, 8; 3.9b, 26b e 27b), mas, mesmo assim, não deveria desanimar. Yavé lhe daria a mensagem e ao profeta caberia apenas pregar, quer o povo ouvisse ou deixasse de ouvir (2.7, 11, 27). Enquanto Deus não falasse ele deveria permanecer calado, quando Deus falasse o profeta também deveria falar e, assim, repreender o povo (3.26-27).

5.4.2. Mensagens de julgamento contra Jerusalém (4-24)

1) Embora Ezequiel estivesse entre os cativos na Babilônia sua mensagem era dirigida, principalmente, contra Jerusalém. De alguma forma suas mensagens deveriam chegar até este lugar, caso contrário não haveria razões plausíveis para que fossem pregadas.

2) Nos capítulos 4 e 5, Ezequiel encena quatro mensagens envolvendo o destino de Jerusalém e seus habitantes. Na encenação, que deve ter sido feita próxima de sua casa, onde o povo do exílio poderia ver, ele apresenta:

- a) como aconteceria o cerco de Jerusalém (4.1-3);
- b) qual seria a duração do castigo (4.4-8);
- c) a situação de fome que viria sobre a cidade (4.9-17);
- d) a situação final dos habitantes de Jerusalém (5.1-17).

Não seria viável imaginar que ele ficou deitado imóvel o tempo todo, o que importava era o símbolo. Se estivesse sempre deitado, inclusive, não poderia ter realizado outras partes de sua mensagem simbólica que fazem parte do texto.

A contagem dos anos do castigo de Israel e Judá ainda é assunto sem solução. Alguns preferem o texto da LXX que dá para Israel um período de 190 anos de castigos e não 390 como está no Texto Massorético. Cento e noventa está mais fácil de harmonizar com os fatos ocorridos com Israel, seria mais ou menos o período que iria da queda de Samaria até

a queda da Babilônia. Contudo nada se pode afirmar.

O ato simbólico para ilustrar ou transmitir uma mensagem não foi exclusividade de Ezequiel, outros profetas assim também aparecem agindo na Bíblia como foi o caso de: Aías (1 Rs 11.30), Zedequias (1 Rs 22.11), Eliseu (2 Rs 13.17), Isaías (Is 20.2-4), Jeremias (Jr 13.1-14 e 19.1-10), no Antigo Testamento, e Ágabo (Atos 21), no Novo Testamento.

3) O termo Israel nos capítulos 6 e 7 está sendo utilizado para todo o território de Judá. Sempre é bom lembrar que Israel, também chamado Reino do Norte, já havia perdido o status de nação há muito tempo, desde que foi conquistado pelos assírios.

4) Seguem alguns detalhes a respeito do transporte do profeta, em visão, de Jerusalém para a Babilônia (8-11):

a) o profeta estava em sua própria casa em companhia de outros líderes de Judá no exílio (8.1);

b) o profeta foi transportado, em visão, até o templo de Jerusalém. Já na entrada deparou com um ídolo aqui descrito como “imagem dos ciúmes” (8.3). Deve ser entendido como um ídolo que provoca ciúmes, pois está em um lugar que pertence a Yavé, o Deus “ciumento” (Êxodo 20.5), que não tolera rival;

c) viu o que estava sendo praticado no Templo de Jerusalém (8.5-18);

d) viu o castigo que foi ordenado (9.1-11);

e) viu novamente a glória de Deus (10.9-22). Estavam presentes os mesmos seres da visão do início do livro. Aqui os seres são chamados de querubins;

f) profetizou contra os líderes de Judá (11.1-13). Na visão, enquanto profetizava, morreu Pelatias. Fica a dúvida: Teria isto acontecido naquele momento ou era uma previsão do que aconteceria em futuro próximo (11.13)?;

g) recebe uma promessa de dias melhores (11.14-25), algo semelhante à Nova Aliança profetizada por Jeremias (v. 19);

h) foi transportado novamente, agora de volta para a Babilônia (11.24). Nisto a visão se foi e ele se encontrou onde, de fato, fisicamente sempre esteve durante a visão, diante dos líderes de Judá que estavam no exílio. Tudo pode ter ocorrido em questão de segundos, no campo mental ou na esfera celestial, onde ocorrem as visões.

i) encerra a reunião com os líderes contando-lhes o que Deus lhe havia revelado (11.25).

5) No capítulo 12 aparecem duas mensagens simbólicas a respeito do cativo e, também, a

correção de um dito popular. O conteúdo geral é o seguinte:

- a) Ezequiel é o sinal da ida do povo para o exílio 12.1-16;
- b) o medo pelo qual iriam passar 12.17-20;
- c) correção do dito: “Prolongue-se o tempo e não se cumpra a profecia” (12.21-28).

Um destaque especial neste capítulo é a profecia que afirma que o rei será levado para a Babilônia, lá morrerá, mas não a verá. Isto se cumpriu literalmente, conforme Jeremias 52.9-11, que mostra o rei Zedequias tendo seus olhos furados antes de ser levado para a Babilônia. O texto diz assim:

9 Então, prenderam o rei e o levaram para Ribla, na terra de Hamate, ao rei da Babilônia, que lhe pronunciou a sentença. 10 E o rei da Babilônia matou os filhos de Zedequias diante dos seus olhos; e também matou todos os chefes de Judá em Ribla. 11 Então cegou os olhos de Zedequias e o acorrentou; o rei da Babilônia o levou para a Babilônia e o manteve aprisionado até o dia da sua morte.

6) Profecia contra os profetas que profetizavam falsamente (13)

- a) Profetizavam as mensagens próprias e não de Deus 13.1-7
- b) O castigo é certo 13.8-16
- c) Também havia profetizas enganando o povo 13.17-23

Não está claro o que seriam os invólucros feiticeiros e véus utilizados pelas mulheres para prenderem pessoas, mas demonstram que elas utilizavam a magia para tirar vantagem do povo (13.18). Segundo Monari, elas fabricavam e vendiam faixas para os pulsos e véus para as cabeças, amuletos, com os quais prendiam o povo na superstição. Desta forma, elas faziam exatamente o contrário daquilo que os profetas deveriam fazer. Não confirmavam o justo em seu comportamento nem admoestavam o ímpio a que se arrependesse. [\[Nota 65\]](#)

7) Em 14.1-11, fica claro que idólatras não são aceitos diante de Deus. Líderes do povo procuram a Palavra de Deus por meio do profeta Ezequiel. Contudo, não recebem a resposta que desejavam. Ainda que não se possa dizer que eles eram idólatras declarados, ao que parece, eles já estavam contaminados pela idolatria da Babilônia. Havia lugar para os ídolos no íntimo deles, em seus corações (14.3,4 e 5). Sendo assim, eles não estavam em condições de consultar a Deus, nem o profeta de atendê-los neste pedido. Se insistissem receberiam resposta enganadora que os levasse à desgraça (14.8-10).

8) A passagem de 14.12-23 fala de personagens da antiguidade, como Noé, Daniel e Jó. Daniel (*Dāniyye'l* – דַּנְיֵאֵל) do exílio ainda era muito jovem na época destas palavras de Ezequiel e,

difícilmente, poderia ser a pessoa citada nesta passagem. Inclusive, o nome que aparece neste versículo é um pouco diferente do Daniel que conhecemos do livro que leva este nome. Aqui, em Ezequiel 14.14, é citado alguém de nome *Dāni'el* (דניאל) que, possivelmente, seria o personagem de uma história cananita de 1400 a.C., onde aparece como justo, ao julgar a causa da viúva e do órfão. [\[Nota 66\]](#)

O texto no todo está mostrando a responsabilidade individual. Ou seja, só o justo deverá ser salvo e ninguém mais com ele.

9) Em dois capítulos de Ezequiel, Jerusalém é personificada como uma meretriz (16 e 23). Vejamos alguns detalhes:

a) capítulo 16 – Deus a salvou (16.4-6), criou (16.7), casou com ela (16.8), engrandeceu-a (16.8-14), e acabou traído (16.15. .).

b) capítulo 23 – As irmãs Oolá e Oolibá são retratadas como esposas de Deus. Uma representa Samaria (Oolá), outra Jerusalém (Oolibá). A primeira errou e foi castigada. A segunda deveria ter aprendido a lição, mas não aprendeu. De acordo com H. L. Elisson *Oolá* ('ohōlā – אהלה) significa “Sua tenda” e *Oolibá* ('ohōlibā – אהליבה) “Minha tenda está nela”. [\[Nota 67\]](#)

De acordo com os padrões da época, se elas adulteraram deveriam ser castigadas.

Os textos que seguem, provavelmente, são alguns dos responsáveis pela proibição da leitura de Ezequiel para menores de trinta anos, no primeiro século. Eles continuam ainda hoje sendo uma grande dificuldade para o uso público. São extremamente chocantes para o leitor atual e assim o foram para os leitores do passado.

Parece que a mensagem tinha mesmo o objetivo de envergonhar o povo. Veja a descrição:

16.15 – se oferece a qualquer pessoa;

16.25 - abriu as pernas para qualquer que passava;

16.26 – filhos do Egito, com grandes membros;

16.33 – meretriz diferente que não precisa pagar, ao contrário, dá presentes;

23.19-21 – amantes com membros como jumentos e fluxo como o de cavalos.

O bom senso deve continuar prevalecendo quanto ao uso público destas passagens. A NTLH é uma tradução que alivia um pouco as descrições acima, sendo melhor para a leitura pública.

10) O capítulo 18 trata da responsabilidade pessoal. Uma tradução melhor, ou mais

compreensível, do que: “A alma que pecar, essa morrerá”, utilizada por algumas versões, poderia ser: O pecador sofrerá as consequências de seu pecado e não de outro, ou outro por ele.

11) O capítulo 19 contém duas parábolas em forma de lamento. São elas:

a) a parábola do leão engaiolado – Uma canção de lamento representando a situação dos reis de Judá.

b) a parábola de vinha destruída - Mostrando a situação da nação e do último rei de Judá, Zedequias.

12) De acordo com nota de rodapé da Versão Almeida Século 21, o termo Bamá (*bāmâ* – בָּמָה), de difícil tradução, que aparece em 20.29, significa altar nas colinas.

13) A expressão “passar sob a minha vara” (*tahiat hashshābet.i* – תַּחַת הַשֶּׁבֶט) tem sido entendida como uma figura para “disciplinar” (20.37).

14) O termo hebraico *hikkêti kappî* (הִכִּיתִי כַפִּי), de 22.13, que literalmente pode ser traduzido por “bato palmas”, é uma figura para a demonstração de ira. A S21 traduziu da seguinte forma: “E eu bato palmas contra o lucro desonesto que ganhaste, por causa do sangue que houve no meio de ti”.

15) A figura de linguagem utilizada em 22.30, “um homem que levantasse o muro e se pusesse na brecha” diante de Deus em favor da cidade, para que ela não fosse destruída, muitas vezes tem sido entendida como alguém em oração, intercedendo pelo livramento. Contudo, à luz do contexto próximo (22.23-31), é melhor entender que, entre as autoridades, não havia ninguém justo o suficiente para que impedisse a destruição da cidade. Como destacou Taylor, Deus, diante daquele quadro geral de corrupção, procurou em vão por um homem que tente interpor-se para cessar a ruína nacional. Não havia, porém, ninguém com a coragem moral para lutar contra a maré; os líderes eram ímpios, e os que deveriam ser piedosos haviam comprometido a sua posição. Presumivelmente Jeremias era uma exceção à condenação geral feita por Ezequiel, mas não tinha posição de realeza e poucas pessoas escutavam suas palavras. [\[Nota 68\]](#)

16) Em Ezequiel 23 é utilizada uma alegoria como mensagem. Surgem duas irmãs, Oolá e Oolibá. Oolá representa Samaria, a capital do Reino do Norte (Israel), e Oolibá representa Jerusalém, a capital do Reino do Sul (Judá). As duas são apresentadas como adúlteras representando a condição do povo diante de seu Deus.

17) Em 23.25 encontra-se a seguinte terrível declaração: “Tirarão teu nariz e as orelhas”. Esta era uma prática comum entre os persas, babilônios e egípcios. As adúlteras eram punidas com o corte das orelhas e nariz, como uma marca do delito cometido. [\[Nota 69\]](#)

5.4.3. Profecias contra cidades e nações (25-32)

1) Era costume dos profetas de Judá e Israel também profetizar contra outras nações além de seu próprio país.

Isto, provavelmente, devido à consciência que tinham de que Yavé era Deus de todo o universo e não apenas de Judá e Israel. Além de Ezequiel também Isaías, Jeremias e Amós profetizaram contra outras nações. Veja os textos:

a) Isaías 13-23

b) Jeremias 46-51

c) Amós1-2

2) No Livro de Ezequiel aparecem profecias endereçadas a sete localidades. São elas:

a) Amom 25.1-7

b) Moabe25.8-11

c) Edom 25.12-14

d) Filisteia 25.15-17

e) Tiro 26.1-28:19

f) Sidom 28.20-26

g) Egito 29.1-32.32

O número sete em foco pode ser uma forma representativa, demonstrando a soberania de Deus sobre todas as nações. Algo parecido, guardando-se as proporções, com as sete cartas às igrejas da Ásia Menor no Livro de Apocalipse.

O fato da Babilônia não ser destacada com profecias semelhantes tem levantado duas hipóteses:

a) era perigoso para Ezequiel profetizar abertamente contra Babilônia, pois ele estava vivendo lá. Contudo, deve ser levado em conta que Ezequiel não era homem que demonstrava algum tipo de medo. Ao que tudo indica, se Deus o mandasse falar contra a Babilônia ele o teria feito.

b) Babilônia não foi incluída na lista por ser o instrumento principal de Deus para a destruição ou castigo das outras nações.

Ezequiel apresenta o motivo para que cada uma das nações citadas fosse castigada. Eles são os seguintes:

a) Amom: 25.3 e 25.6 – Se alegrou com a queda de Israel e Judá;

b) Moabe: 25.8 – Dizer que Judá era um povo como outro qualquer;

c) Edom: 25.12 – Agiu de forma vingativa contra Judá;

d) Filisteia: 25.15 – Agiu de forma vingativa contra Judá;

e) Tiro: 26.2 – Se alegrou com a queda de Jerusalém, pois isto poderia trazer lucros;

f) Sidom: 28.24 – Tratava Israel com desprezo;

g) Egito: 29.3 e 29.8-10 – Faraó desejou se fazer como Deus, pecado semelhante ao cometido pelo rei de Tiro, conforme Ezequiel 28.2.

Obs.: o Faraó, ou rei, são também figuras representativas da nação. Assim, em 31.2-3, Faraó e Egito são comparados com a Assíria.

3) Meseque e Tubal, citados em 27.13 e 32.26, são nações praticamente desconhecidas para os estudiosos na atualidade, mas, certamente, foram importantes na antiguidade. Taylor as descreve como “tribos da Ásia menor, conhecidas pelas inscrições cuneiformes e pela história de Heródoto, onde aparecem juntas como Moscoi e Tibarenoi. Estavam envolvidas em um nascente tráfico de escravos com Tiro”, [\[Nota 70\]](#) como também se confirma em 27.13, que diz: “Javã, Tubal e Meseque eram teus mercadores; trocavam escravos e objetos de bronze pelas tuas mercadorias”.

4) O rei de Tiro e Satanás Alguns autores defenderam no passado que o capítulo 28 de Ezequiel narra a queda de Satanás. Provavelmente fizeram isto desconsiderando o contexto da passagem e se apegando a algumas expressões como: a afirmação “Eu sou deus” (28.2, 9); o querer se passar por Deus (v. 6); a “informação” de que ele estava no Jardim do Éden (v. 13); o ter sido chamado de “querubim da guarda ungido” (v. 14); e o ter sido lançado fora do monte de Deus (v. 16). Contudo, estas expressões devem ser entendidas mais como zombaria contra o rei que se achava exageradamente grande, do que como informações exatas a respeito dele.

Deve ser levado em conta ainda, entre outros detalhes, contra esta interpretação, que:

a) Não haveria motivo para um relato a respeito da queda de Satanás estar entre profecias contra nações;

- b) o próprio texto afirma que a mensagem é endereçada ao príncipe de Tiro (28.2);
- c) o texto se refere ao príncipe de Tiro como sendo homem (28.2);
- d) o texto prevê a morte deste personagem (vs. 8-10).

O destaque maior do texto é o perigo da soberba que enganou o príncipe de Tiro. Ele se deixou levar pelo poder adquirido pela sua própria sabedoria, pensando ser tão grande quanto Deus, quando, na realidade, não passava de um pobre mortal.

Obs.: o texto de 31.8-11 e 18 também traz elementos que podem dar a impressão de que a Assíria tinha algo relacionado ao reino espiritual (Éden). É o mesmo caso da suposta relação do rei de Tiro e Satanás.

5) A palavra *sheol* (*she'ól* – שְׁאוֹל), que é utilizada em 31.15, 16, 17 e 32.27, é de difícil tradução. Algumas versões, na dúvida, não a traduzem, preferem apenas transliterar, mantendo a leitura do hebraico. Dependendo do contexto ela tem sido entendida como “mundo dos mortos”, “morte”, “profundezas”, “sepulcro” ou “sepultura”.

5.4.4. Profecias relacionadas com a queda de Jerusalém (33-37)

1) O dever do atalaia, que aparece em 33.1-20, deve ser comparado com o texto de 3.16-27. Ambos mostram a responsabilidade daquele que é chamado por Deus para advertir o povo. Os destaques principais são: a) o justo não pode confiar em seus atos de justiça para vir a praticar o mal (33.13); b) existe a possibilidade do perverso se converter. Isto acontecendo ele será perdoado (33.14-16); c) o profeta é obrigado a transmitir a mensagem. Se não pregar será tido como culpado pela desgraça do outro (33.8).

Em resumo: todos devem procurar andar segundo a vontade de Deus como se vê em 33.18-19, que diz: “Quando o justo se apartar da sua justiça, praticando a maldade, morrerá nela; e quando o ímpio se converter da sua maldade e praticar a retidão e a justiça, viverá por estas”.

2) O povo gostava de ouvir as mensagens de Ezequiel, iam ouvi-lo e apreciavam sua fala como a canção de artistas, mas não as colocavam em prática (33.30-33). O texto de 33.32 apresenta o seguinte: “Mas tu és como uma canção romântica para eles, canção de quem tem voz suave e canta bem; pois ouvem as tuas palavras, mas não as praticam”.

3) O maior destaque do capítulo 34 é o fato de Ezequiel, da mesma forma que Jeremias, depois de Judá estar totalmente derrotada, passar a pregar esperança. O texto é messiânico. Ele fala de

um futuro líder da descendência de Davi que teria um reino de paz.

4) Existe uma discussão teológica a respeito do significado da palavra sangue (*dām* – דָּם) no Antigo Testamento. Alguns defendem que significa vida, enquanto outros defendem que significa morte. [\[Nota 71\]](#) Com certeza, o que define o significado, não só desta palavra, mas de qualquer uma, é o contexto. Assim, por exemplo, em Ezequiel 35.6 é, claramente, uma figura para a morte. Veja o texto: “.tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, eu te entregarei ao sangue, e o sangue te perseguirá; como não odiaste o sangue, ele te perseguirá”.

5) Nos capítulos 35 e 36 é registrada outra profecia contra nação, mais diretamente contra o monte Seir, Edom.

Edom também seria castigado por Deus e os motivos eram os seguintes:

- a) não ajudou Israel (35.5);
- b) pensavam em se aproveitar e possuir a terra (35.10 e 12);
- c) se apropriaram de Judá com alegria (36.5).

Obs.: no capítulo 36.16-38 encontra-se uma promessa de retorno do cativo e uma alusão à Nova Aliança (36.26, 27), conforme também havia sido prevista por Jeremias e, anteriormente, por Ezequiel em 11.16, 20, ainda que o termo aliança, ou Nova Aliança, não seja utilizado no Livro de Ezequiel. Confira estes textos!

6) O texto de 37.1-14 tem sido entendido por alguns como referência à ressurreição física, isto porque é tomado fora de seu contexto. Na verdade os capítulos 36 e 37 mostram de forma muito explícita uma promessa de restauração do povo de Judá, e assim devem ser entendidos. Também há neles uma referência messiânica clara (37.24-28).

5.4.5. Profecia contra Gogue (38-39)

É bom lembrar que o capítulo anterior (37) parece ser um final adequado para o livro (Judá e Israel estão unidos e em paz, como se vê em 37.15-22).

Os capítulos 38 e 39 estão em forma de literatura apocalíptica que é:

- a) simbólica;
- b) obscura;

c) enigmática.

O que os torna difíceis para a interpretação na atualidade.

A presença do número sete na passagem também é um elemento que aponta para a literatura apocalíptica. O texto é formado por sete oráculos que iniciam com a fórmula “Assim diz o senhor Deus” (38.3, 10, 14 e 17; 39.1, 17 e 25. Também são citados “sete anos” (39.9), “sete meses” (39.12, 14). Estas particularidades dos dois capítulos parecem apontar, como diz Taylor, para “uma composição separada, escrita num gênero literário diferente, e acrescentados a 1-37 como um pós-escrito, e de que 40-48 eram um apêndice posterior desenvolvido sobre o capítulo final da obra original, 1-37.” [\[Nota 72\]](#)

As interpretações quanto a Gogue são diversas e estranhas ao texto em si, indo desde países da época de Ezequiel até modernos como a Rússia e a China. Ver Taylor p.217-218. Mesquita chega à incrível conclusão de que “Meseque, ou Mosheque”, cidade governada por Gogue, “está, indiscutivelmente, relacionado com Moscou”. [\[Nota 73\]](#)

Um complicador a mais é que a invasão acontece quando Israel está seguro (38.14-16), mas a derrota é para mostrar a Israel que Yavé é Deus e para as nações que eles, o povo de Israel, foram castigados por causa de suas iniquidades.

A passagem termina com uma promessa de volta do cativo (39.25-29).

Tudo isto pode ser uma forma figurada de relatar a volta de Israel e seu futuro glorioso. Os detalhes não podem ser levados muito em conta.

5.4.6. O novo templo e a nova Jerusalém (40-48)

A descrição deste templo não bate com a de nenhum que já existiu, seja o de Salomão, Zorobabel ou Herodes. Existem, pelo menos, quatro interpretações que podem ser consideradas principais. São elas:

- 1) *Profética Literal* – Ezequiel profetiza a respeito de um novo templo que deve ser construído após o exílio (Há elementos impraticáveis: faltam detalhes na planta e o terreno seria de 75Km²).
- 2) *Cristã Simbólica* – Teve seu cumprimento na Igreja Cristã.
- 3) *Dispensacionalista* – Refere-se aos últimos dias, quando se supõem que todas as

profecias acerca do futuro glorioso de Israel serão cumpridas literalmente (Haveria volta do sacrifício? Esta pergunta deve ser feita).

4) *Apocalíptica* – Devem ser observados apenas os aspectos gerais como: a perfeição do plano de Deus para o seu povo; a centralidade da adoração; a presença de Deus com o seu povo; as bênçãos de Deus que fluirão para o seu povo; o povo tem privilégios, mas também deveres.

Esta última parece ser mais coerente.

Notas do Capítulo 5

Nota 59 - LASOR, William S.; HUBBARD, David A. e BUSH, Frederic W. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1999. p.387. [\[Voltar\]](#)

Nota 60 - TAYLOR, John B. Ezequiel: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1984. p.14- 16. [\[Voltar\]](#)

Nota 61 - LASOR, William S.; HUBBARD, David A. e BUSH, Frederic W. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1999. p.389. [\[Voltar\]](#)

Nota 62 - LASOR, William S.; HUBBARD, David A. e BUSH, Frederic W. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1999. p.388. [\[Voltar\]](#)

Nota 63 - TAYLOR, John B. Ezequiel: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1984. p.34. [\[Voltar\]](#)

Nota 64 - O termo sete dias pode ser simbólico o que estaria descrevendo um período completo indeterminado. Talvez, no caso, suficiente para que o profeta se recuperasse dos efeitos causados pela visão que teve. [\[Voltar\]](#)

Nota 65 - MONARI, Luciano. Ezequiel: um sacerdote profeta. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 53-54. [\[Voltar\]](#)

Nota 66 - TAYLOR, John B. Ezequiel: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1984. p.118. [\[Voltar\]](#)

Nota 67 - ELISSEN, H. L. Oolá e Oolibá, In: J. D. Douglas (ed. ger.). O novo dicionário da Bíblia. São Paulo: Vida Nova, 1983. p.1146, v.II. [\[Voltar\]](#)

Nota 68 - TAYLOR, John B. Ezequiel: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1984. p.154. [\[Voltar\]](#)

Nota 69 - CHAMPLIN, Russel Norman. O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo. 2.ed. São Paulo: Editora Hagnos, 2001. p.3268. [\[Voltar\]](#)

Nota 70 - TAYLOR, John B. Ezequiel: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1984. p.175. [\[Voltar\]](#)

Nota 71 - HAMILTON, Victor P. 436 (dâm) sangue. In: R. Laird Harris (org.) Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1998. [\[Voltar\]](#)

Nota 72 - TAYLOR, John B. Ezequiel: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1984. p.217. [\[Voltar\]](#)

Nota 73 - MESQUITA, Antônio Neves de. Estudo no livro de Ezequiel. 2a ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1980. p.129. [\[Voltar\]](#)

O livro de Daniel

O livro de Daniel possui mensagens muito atuais. Além de mostrar que Deus está no controle de tudo, mesmo quando seu povo está passando por muitas dificuldades, destaca, pelo exemplo de vida do personagem humano principal (Daniel) e de seus amigos, que é possível manter-se íntegro mesmo no convívio com uma cultura pagã e opressora como era a sociedade babilônica.

O livro é de extrema beleza literária e religiosa. Para melhor aproveitamento das orientações que seguem não se esqueça, leia-as conferindo os textos na Bíblia. Melhor ainda, antes de ler estas notas leia o livro todo de uma só vez. Isto lhe será de grande ajuda na compreensão do escopo geral da obra.

6.1. O Personagem de Destaque

O personagem de destaque do livro, como em outros livros da Bíblia, é Deus, mas o humano é o próprio Daniel. Ele não pode ser classificado como um profeta típico, pois em nenhum momento transmite mensagens de Deus ao povo. Ele aparece no livro mais como um político fiel a Yavé do que propriamente um profeta.

Seu nome (Daniel – דַּנְיֵאל – *dāniyye’l*) significa “Meu Juiz é Deus”. Daniel foi um dos cativos levados para a Babilônia no ano 605 a.C. Ele era da linhagem real ou, ao menos, de família nobre, como está registrado em Dn 1.1-4: Veja o que o texto diz:

1 No terceiro ano do reinado de Jeoaquim, rei de Judá, Nabucodonosor, rei da Babilônia, veio a Jerusalém e a sitiou.² O Senhor entregou nas suas mãos Jeoaquim, rei de Judá, e parte dos utensílios do templo de Deus; ele os levou para a terra de Sinar, para o templo do seu deus, e os pôs na casa do tesouro do seu deus. ³ Então o rei disse a Aspenaz, chefe dos seus oficiais, que trouxesse alguns dos israelitas da família real e dos nobres, ⁴ jovens sem defeito algum, de boa aparência, dotados de sabedoria, inteligência e instrução, e com capacidade para servir no palácio do rei; e disselhe que lhes ensinasse a cultura e a língua

dos babilônios.

Algumas de suas características pessoais marcantes desde a juventude eram: ser sem defeito (1.4); ser instruído (1.4); ter boa aparência (1.4); ser forte (1.15); ser sábio (1.20); ser corajoso e fiel a Yavé.

6.2. Data e Autoria do Livro

Tanto a data de composição quanto a autoria do livro são assuntos de muitas controvérsias. A maioria dos eruditos atuais tem pendido para aceitar que o livro foi escrito na época dos Macabeus (167 a.C.), por algum autor desconhecido. Contudo, muitos outros ainda defendem que o autor é o próprio Daniel, que deve ter vivido até cerca de 90 anos de idade em plena atividade. Clyde T. Francisco apresenta vários dos argumentos que os estudiosos do assunto levantam em favor da autoria na época dos Macabeus, ou a favor da época do exílio. O que segue é um resumo das ponderações deste autor.

1. Argumentos a favor da autoria na época dos Macabeus:

1.1 os capítulos 7-12 têm o seu interesse principal centralizado no tempo de Antíoco Epífanes.

1.2 Daniel não está entre os profetas no cânon hebraico, mas sim na terceira parte deste cânon, entre os Escritos, divisão que pode ser o último estágio na formação do cânon.

1.3 As predições no capítulo 2 são diferentes em suas características de qualquer profecia do Antigo Testamento. Elas se apresentam como uma história literária do período.

1.4 O texto de 2.4-7.28 está escrito em aramaico, tendo nele 15 palavras persas e três gregas (as gregas são nomes de instrumentos musicais).

1.5 A teologia tem sido considerada por alguns como sendo a mais avançada do Antigo Testamento. Por exemplo, ela apresenta uma hierarquia entre os anjos e, ainda, rudimentos da doutrina da ressurreição (12.2), algo desconhecido nas outras partes das Escrituras veterotestamentárias.

1.6 O livro é muito parecido com outros apocalípticos da época dos Macabeus.

2. Argumentos a favor da autoria na época do exílio:

2.1 Jesus se refere a uma passagem em Daniel (Mt 24.15).

2.2 Houve tempo para Daniel adquirir um vocabulário persa de 15 palavras.

2.3 Se o livro é da época dos Macabeus deveria ter mais de três palavras gregas.

2.4 A teologia é avançada, porém não mais do que Zacarias e Jó.

2.5 O Capítulo 11 é um milagre de inspiração.

2.6 Daniel está entre os Escritos porque é literatura sapiencial.

2.7 Sua inclusão no Cânon pode ter demorado por causa de sua porção em aramaico. [\[Nota 74\]](#)

A questão não é simples, mas parece sensato perceber o seguinte: a história de Daniel, sem dúvida, é da época do cativo babilônico. Se ela foi colocada, por escrito, logo após o cativo ou só na época dos Macabeus não é tão relevante quanto alguns tentam fazer parecer. É normal que acontecimentos históricos sejam escritos bem mais tarde, quando se percebe melhor a sua influência para o futuro. Se já havia o conhecimento da história de Daniel, na época de Macabeus, ainda que ela não estivesse na forma escrita, nada mais natural que, naquele período de crise, alguém aproveitasse a antiga história, colocando-a em forma escrita para, utilizando-a como um bom exemplo de fidelidade diante de provações, levantar o ânimo do povo que estava sendo subjugado.

Daniel aparece muitas vezes no livro na terceira pessoa (1.6; 2.17; 4.19; 5.17, etc.), mas o leitor também não deve deixar de perceber que em outras partes as narrativas aparecem na primeira pessoa, identificando Daniel como o autor de, pelos menos, aquelas passagens (2.2-21; 12.5-8). Veja estes dois exemplos: 1) “Porém Daniel decidiu não se contaminar com a porção das iguarias do rei, nem com o vinho que ele bebia. Então pediu permissão ao chefe dos oficiais para não se contaminar” (Dn 1.8); 2) “Só eu, Daniel, vi aquela visão; os homens que estavam comigo não a viram: apesar disso, caiu sobre eles um grande temor, e eles fugiram para se esconder” (Dn 10.7).

6.3. O Esboço Geral do Livro

O livro que chamamos de Daniel é composto por duas partes principais bem distintas. A primeira pertence ao gênero literário conhecido como narrativa, que abrange os capítulos 1-6, e apresenta um panorama da história de Daniel, e a segunda, totalmente diferente da primeira, escrita em forma de literatura apocalíptica, conforme se encontra nos capítulos 7-12, é composta pelo relato das visões de Daniel. Um esboço sintético pode ser apresentado como segue:

1. A HISTÓRIA DE DANIEL (1-6)

1.1 Juventude e Educação de Daniel (1)

1.1.1 Daniel e amigos são preparados para servir diante do rei (1.1-7)

1.1.2 Daniel e seus amigos pedem alimentação diferenciada (1.8-16)

1.1.3 Deus capacitou Daniel e seus amigos e o rei aprovou (1.17-21)

1.2 Daniel Interpreta o Sonho de Nabucodonosor (2)

1.2.1 Nabucodonosor quer saber o que sonhou e o significado (2.1-16)

1.2.2 Deus revela o sonho e sua interpretação a Daniel (2.17-45)

1.2.3 Nabucodonosor reconhece que o Deus de Daniel é grande (2.46-59)

1.3 Os Amigos de Daniel São Jogados na Fornalha (3)

1.3.1 Nabucodonosor faz uma estatua e exige adoração a ela (3.1-7)

1.3.2 Os amigos de Daniel se recusam a adorar e são condenados (3.8-23)

1.3.3 Deus livrou os amigos de Daniel da morte na fornalha (3.24-30)

1.4 Daniel Prevê a Queda e o Retorno de Nabucodonosor (4)

1.4.1 O rei Nabucodonosor tem outro sonho (4.1-18)

1.4.2 Daniel interpreta o sonho do rei (4.18-27)

1.4.3 Cumpre-se a interpretação do sonho do rei Nabucodonosor (4.28-37)

1.5 Daniel Interpreta a Mensagem de Deus Para Belsazar (5)

1.5.1 A mensagem escrita na parede (5.1-12)

1.5.2 A interpretação do sonho de Belsazar (5.13-31)

1.6 Daniel é Lançado na Cova dos Leões (6)

1.6.1 Daniel é envolvido em uma trama e condenado (6.1-18)

1.6.2 Deus livra Daniel dos leões (6.19-24)

1.6.3 O rei Dario exalta o Deus de Daniel (6.25-28)

2. AS VISÕES DE DANIEL (7-12)

2.1 A Visão dos Quatro Animais, do Ancião e do Filho do Homem (7)

2.1.1 Os quatro animais (7.1-8)

2.1.2 O Ancião e o Filho do Homem (7.9-14)

2.1.3 A interpretação da visão (7.15-28)

2.2 A Visão do Carneiro e do Bode (8)

2.2.1 O relato da visão (8.1-14)

2.2.2 Gabriel interpreta a visão para Daniel (8.15-27)

2.3 A Oração de Daniel e a Visão das Setenta Semanas (9)

2.3.1 A oração de Daniel (9.1-19)

2.3.2 A visão das setenta semanas (9.20-27)

2.4 Visão de um Mensageiro de Deus e Revelações Finais (10-12)

2.4.1 A visão de um homem vestido de linho (10.1-21)

2.4.2 O futuro do império Medo-Persa e da Grécia (11.1-4)

2.4.3 Profecias sobre a guerra do rei do sul e o rei do norte (11.4-45)

2.4.4 Profecia sobre o tempo do fim (12)

6.4. Destaques que Ajudam na Interpretação do Livro

Aproveitando o esboço apresentado no item anterior, a partir daqui, estaremos apresentando alguns pontos que auxiliam a interpretação do Livro de Daniel seguindo cada uma de suas divisões principais.

6.4.1. Auxílios para a interpretação da primeira parte do livro: a história de Daniel

Como se vê, sem muito esforço, esta primeira parte do Livro de Daniel é formada por seis episódios escritos em forma de narrativa, que seguem a divisão exata dos atuais capítulos que os separam. Pode-se dizer que nestes poucos capítulos (1-6) encontra-se um resumo da história de Daniel na Babilônia.

Vejamos os destaques ponto a ponto.

1) O Capítulo 1 – Juventude e Educação de Daniel

a) Duas datas aparecem no texto. A primeira (1.1) indica o ano em que Daniel, juntamente com outras pessoas, foi levado para a Babilônia^[Nota 75]. Isto ocorreu no ano 606 a.C. Ela marcou a primeira intervenção de Nabucodonosor em Judá quando obrigou a nação a transferir sua lealdade do Egito, de quem eram tributários, para a Babilônia. Como garantia de que cumpririam o “acordo”, foram levados utensílios do templo e reféns, dentre a família real e dos nobres, para a Babilônia. A segunda data que surge no texto está no último versículo (1.21), onde se encontra a seguinte informação: “Daniel continuou até ao primeiro ano do rei Ciro”, o que corresponde ao ano 539 a.C., o que aponta para um período de 67 anos, aproximadamente, de permanência ativa de Daniel na Babilônia.

b) Não está claro em que consistia a contaminação provinda das “finas iguarias do rei”, mas deve estar envolvida alguma questão de fé. Por isso Daniel pediu ao chefe dos eunucos que lhe permitisse não se contaminar (1.8).

c) Daniel e seus amigos Hananias, Misael e Azarias, que já eram jovens instruídos e competentes (1.4), foram selecionados para, depois de um treinamento de três anos (1.5), passarem a servir diante do rei. Após o treinamento foram apresentados ao rei, juntamente com outros jovens, certamente de várias nações, e se destacaram dentre eles (1.18-20).

d) Ainda que Daniel e seus amigos se destaquem no capítulo, o personagem principal, claramente, é Deus. Ele surge como sendo aquele que entregou Judá para a Babilônia (1.2), como aquele que faz com que o chefe dos eunucos tenha misericórdia e compreensão em relação ao pedido de Daniel: não se contaminar (1.9) e, ainda, como aquele que deu conhecimento, inteligência e sabedoria para Daniel e seus amigos, além de capacidade para a interpretação de sonhos e visões para Daniel (1.17).

e) Já no primeiro capítulo do livro, em seu último versículo, encontra-se a informação a respeito da permanência de Daniel na Babilônia até o reinado de Ciro (1.21).

2) O Capítulo 2 – Daniel Interpreta o Sonho de Nabucodonosor

a) O ano 539 a.C. já havia sido mencionado no final do capítulo anterior (1.21), agora o autor passa a narrar algo que aconteceu no “segundo ano do reinado de Nabucodonosor” (2.1), ou seja, voltou até o ano 603 a.C.

b) Neste capítulo, mais exatamente em 2.4, o texto deixou de ser escrito em hebraico e passou a ser escrito em aramaico. Segue nesta língua até 7.28, passando assim para a segunda parte do livro. Sem dúvida, ainda que as duas partes principais do livro, 1-6 e 7-8, sejam compostas por gêneros literários diferentes, narrativas e literatura apocalíptica, a porção aramaica, nas duas partes, aponta para a unidade da obra. Também é bom destacar que esta é a porção mais longa em aramaico que se encontra no Antigo Testamento.

c) O problema básico apresentado no segundo capítulo foi um sonho que o rei Nabucodonosor teve e, ao que parece, esqueceu. Esquecer o sonho era sinal de mau presságio na cultura babilônica. Isto, na crença supersticiosa do rei, poderia estar indicando que o seu deus estava zangado. [\[Nota 76\]](#) Seja como for, o episódio deu a Daniel a oportunidade de agir junto ao rei e alcançar uma posição de grande prestígio no império.

d) A descrição e a interpretação do sonho estão nos versículos 31-45. Mesmo que Nabucodonosor tivesse lembrado do sonho e contado para Daniel, sua interpretação não seria simples. Veja o esboço básico do sonho e da interpretação:

1. O SONHO (31-35)

1.1 O Rei Viu Uma Estátua Muito Grande Em Pé Diante Dele 31

1.2 A Descrição da Estátua (32-33)

1.2.1 A cabeça da estátua era de ouro 32

1.2.2 O peito e os braços da estátua eram de prata 32

1.2.3 O ventre e os quadris da estátua eram de bronze 32

1.2.4 As pernas da estátua eram de ferro 33

1.2.5 Os pés da estátua eram de ferro e barro misturados 33

1.3 O Que Aconteceu Com a Estátua (34-35)

1.3.1 Uma pedra destruiu os pés da estátua 34

1.3.2 Na sequência toda a estátua foi destruída 35

1.3.3 A destruição não deixou vestígios da estátua 35

1.4 A Pedra que Destruiu a Estátua se Tornou uma Montanha

35

2. A INTERPRETAÇÃO DO SONHO (36-45)

2.1 A Cabeça de Ouro Representava Nabucodonosor 38

2.2 As Outras Partes do corpo Representavam Outros Reinos 39-43

2.3 Deus Iria Levantar um reino Para Destruir os Demais 44-45

e) Daniel foi engrandecido por Nabucodonosor naquela ocasião (2.46-49), contudo, mais uma vez, aos olhos do autor do livro, o herói não é outro senão Deus.

Veja como ele se destaca na narrativa:

1. os astrólogos ao serem consultados para adivinhar qual era o sonho e apresentar sua interpretação declararam: “Não há ninguém sobre a terra que possa cumprir a determinação do rei. Nenhum rei, por grande e poderoso que fosse, jamais exigiu de um mago, adivinho ou astrólogo algo parecido com isso. O que o rei exige é difícil, e ninguém é capaz de declará-lo ao rei, senão os deuses, que não moram junto aos mortais” (2.10-11);

2. Daniel, diante da dificuldade imposta pelo rei, convocou seus companheiros para que pedissem misericórdia a Deus e pudessem escapar da condenação (2.17-18);

3. Deus revelou o mistério a Daniel por meio de uma visão (2.19);

4. Daniel reconhece que foi Deus quem lhe revelou o sonho e a interpretação, e o louva por isso, dizendo:

20 . .Seja bendito o nome de Deus para todo o sempre, porque a sabedoria e a força pertencem a ele.

21 Ele muda os tempos e as estações; remove e estabelece os reis; é ele quem dá sabedoria aos sábios e entendimento aos que conhecem.

22 Ele revela o profundo e escondido; conhece o que está em trevas, e a luz mora com ele.

23 Ó Deus de meus pais, a ti dou graças e louvor porque me deste sabedoria e força; e agora me revelaste o que te pedimos; pois nos revelaste este assunto do rei (2.20-23);

5. Daniel declara ao rei que o seu pedido era impossível de ser realizado por qualquer ser humano, mas que para Deus isto era possível (2.27-28); 6. a revelação do sonho mostra que Deus é soberano entre as nações e dá o poder a quem ele quiser (2.44);

7. ainda na interpretação fica claro que Deus pode revelar o futuro, afinal, ele mesmo comanda o futuro (2.44-45);

8. após revelado o sonho e a interpretação o próprio rei declara reconhecer que o Deus de Daniel é “Deus dos deuses e Senhor dos reis” (2.47).

Estas observações mostram, claramente, que Deus é o grande herói do acontecimento, ainda que Daniel tenha participação especial no ocorrido.

3) O Capítulo 3 – Os Amigos de Daniel são Jogados na Fornalha

a) Este capítulo 3 pode ser dividido em três partes principais: a primeira destaca a confecção de uma imagem de ouro que deveria ser adorada por todos (3.1-7); a segunda apresenta a recusa de três judeus de participarem deste culto idólatra (3.8-18); e a terceira mostra como aconteceu o livramento dos três insubordinados (3.19-30).

b) Nabucodonosor, provavelmente, desejando unir seu império em torno de uma religião comum, ou ao menos de um determinado culto comum, fez uma imagem de ouro em forma de obelisco com cerca de 27m de altura e 2,70m de largura e exigiu que todos a adorassem. Ele já conhecia a importância política da religião e fazia uso desta para seu próprio benefício. É mais viável pensar em uma estátua feita de algum outro material e apenas recoberta de ouro do que uma totalmente deste material.

c) A forma de condenação, envolvendo fogo, àqueles que não cumprissem o decreto de Nabucodonosor, não é novidade, em Jeremias 29.21 e 22, por exemplo, já se encontra o relato de duas pessoas que, como castigo de Deus por profetizarem falsamente, passariam por isto nas mãos deste rei. Veja o que diz o texto:

21 Assim diz o SENHOR dos exércitos, o Deus de Israel, acerca de Acabe, filho de Colaías, e de Zedequias, filho de Maaseias, que voz profetizam mentiras em meu nome: Eu os entregarei na mão de Nabucodonosor, rei da Babilônia, e ele os matará perante vós.

22 E por causa deles será pronunciada uma maldição sobre todos os exilados de Judá que estão na Babilônia, dizendo: O SENHOR te faça como a Zedequias, e como a Acabe, os quais o rei da Babilônia queimou no fogo (Jr 29.21-22).

d) Os três amigos de Daniel, Sadraque, Mesaque e Abede-Nego, ou Hananias, Misael e Azarias, como eram conhecidos pelos seus nomes hebraicos, não cumpriram o decreto do

rei Nabucodonosor que os obrigava a adorar a estátua. O motivo desta desobediência não era traição ao rei, mas fidelidade ao Deus verdadeiro. Isto aponta para a necessidade de se desobedecer às leis que vão contra a Palavra de Deus. De fato, nem tudo que é legal, e está dentro da lei, é moral, correto, e possível de ser cumprido por aqueles que desejam ser fiéis a Deus. Um ponto que chama a atenção do leitor mais atento é a total falta de menção do personagem Daniel. Onde estaria ele? Por que Daniel não foi condenado com seus amigos? Não há nada no texto que aponte para isto. Simplesmente não sabemos como foi que ele escapou desta dificuldade, embora, com certeza, levando-se em conta o restante do livro, possamos afirmar que ele não participou do culto à estátua.

e) A ordem de condenação foi cumprida, os três foram lançados na fornalha, mas o livramento aconteceu, o que levou o rei a reconhecer a superioridade do Deus adorado pelos hebreus (3.29b). Contudo, não dá para, a partir deste texto, concluir que Deus sempre irá livrar o seu povo e, menos ainda, que ele tem a obrigação de livrar. A declaração dos três amigos que se encontra em 3.17 e 18, aponta claramente para isto. Veja o que ela diz segunda a versão ARA: “Se o nosso Deus, a quem servimos, quer livrar-nos, ele nos livrará da fornalha de fogo ardente e das tuas mãos, ó rei. Se não, fica sabendo, ó rei, que não serviremos a teus deuses, nem adoraremos a imagem de ouro que levantaste”.

f) Os três amigos foram fiéis e, com certeza, esta atitude tem servido como exemplo positivo para muitos que creem e são colocados em situações que necessitam provar a fé. Tenha sido o livro colocado por escrito na época da opressão causada por Antíoco Epifâneo, ou não, provavelmente esta história incentivou a muitos a permanecerem fiéis naquela ocasião, quando os judeus eram obrigados a prestar culto a ídolos.

g) O livramento dos três foi tão incrível que, na atualidade, a maioria dos comentaristas tem certa resistência para aceitar o relato como literal. Para muitos, ele não passa de uma alegoria. O que não diminui sua importância, pois continua sendo Palavra de Deus, ensinando que a fidelidade deve ser a toda prova e que Deus, se assim o quiser, pode salvar.

É bom perceber que se os três tivessem sido mortos na fornalha teriam sido tão fiéis quanto o foram. Não diminuiria em nada a importância da atitude deles. Da mesma forma, Deus continuaria sendo Deus como sempre foi e sempre será.

h) Mais uma vez o autor destaca Deus como o personagem principal da história. Basta vermos as referências que o texto faz a ele para percebermos isto:

1. Nabucodonosor levanta uma estátua, um deus para ser adorado, mas esta adoração é forçada (3.6);
2. alguns judeus preferem morrer a servir a outro deus que não o verdadeiro (3.12-18);

3. Deus aparece como aquele que, querendo, pode livrar (3.17);

4. o rei, inicialmente, declara que não há deus que possa livrar os três amigos do castigo que ele vai aplicar (3.15b), mas, depois do livramento, referindo-se ao Deus verdadeiro declara: “não há outro Deus que possa livrar como este” (3.29b);

5. Deus livrou aqueles que desobedeceram ao rei e até o rei louvou a Deus, concordando que eles estavam corretos ao obedecer a este Deus e adorar somente a ele, mesmo arriscando as próprias vidas (3.28).

4) O Capítulo 4 – Daniel Prevê a Queda e o Retorno de Nabucodonosor

a) O capítulo 4 é o último relato do Livro de Daniel envolvendo o rei Nabucodonosor, o próximo capítulo já estará tratando de Belsazar, que deve ter reinado juntamente com seu pai Nabonido, depois de três outros reis terem passado pelo trono da Babilônia. Isto mostra que existe um período de tempo entre este e o próximo capítulo de Daniel de, pelo menos, vinte anos.

b) Não há nada nos anais da Babilônia, conhecidos na atualidade, que venha a confirmar a doença de Nabucodonosor, sua perda momentânea de poder ou, ainda, sua conversão ao Deus verdadeiro. Tudo isto só aparece no livro de Daniel.

c) O texto é uma unidade completa em si e pode ser dividido em seis partes principais:

1. apresentação de quem fala e seus destinatários 4.1-4;

2. a dificuldade para a interpretação do sonho de Nabucodonosor 4.5-9;

3. a descrição do sonho 4.10-18;

4. a interpretação do sonho e o chamado ao arrependimento 4.19-27;

5. o cumprimento da ameaça contida no sonho 4.28-33;

6. arrependimento, cura, e exaltação de Deus 4.34-37;

d) O texto tem a forma de uma declaração de confissão pública. Nela, o rei, agradecido pela cura que recebeu, declara seu pecado e o reconhecimento da autoridade de Deus sobre todas as nações da Terra.

e) A expressão “sete tempos” (*shib’â ‘iddānîn* – שִׁבְעָה עֲדָנִין), que aparece em 4.16 (4.13 no TM), 4.23 (4.20 no TM), 4.24 (4.22 no TM) e 4.32 (4.29 no TM), indica uma duração indeterminada. Ela foi traduzida na LXX como “sete anos”, ainda que a palavra utilizada no texto original não indique exatamente isto. Ela aparece neste mesmo livro de Daniel com

os significados de “tempo” (2.8) e “momento” (3.5). A diferença na numeração dos versículos do texto na língua original e das versões latinas acontece, principalmente, porque o texto aramaico considera os três primeiros versículos deste capítulo, de acordo com as versões latinas, como sendo do capítulo anterior. Ou seja, no Texto Massorético (TM), o capítulo 4 de Daniel inicia onde nossas versões marcam 4.4.

f) O tema geral do capítulo mostra que “Deus é o verdadeiro soberano mundial e dá os reinos da Terra para quem ele quiser” (4.17, 25 e 32).

g) Os destaques que apontam para Deus como o grande herói do texto são:

1. Nabucodonosor escreve para que todos fiquem conhecendo os sinais e maravilhas que Deus tem feito para com ele (4.2-3);

2. o rei, depois de curado, louva a Deus e reconhece que é ele quem domina (4.3, 34, 35, 37);

3. o relato todo mostra que o grande rei Nabucodonosor foi castigado por Deus;

4. o texto mostra que Deus castigou Nabucodonosor por causa do orgulho do rei (4.29-31 e 37).

5) O Capítulo 5 – Daniel Interpreta a Mensagem de Deus Para Belsazar

a) Ainda que este capítulo tenha ligações com o anterior, deve ser levado em conta que muitos anos se passaram entre os acontecimentos de um e outro. O autor pula da época de Nabucodonosor, pelo menos 20 anos atrás, para a última noite do reinado de Belsazar.

b) No capítulo anterior, o rei Nabucodonosor aparece, depois de castigado e arrependido, exaltando o Deus de Daniel, neste, o rei Belsazar, ao contrário, surge como alguém que desafia o poder de Deus. Ele não aprendeu a lição com o sofrimento e a queda de Nabucodonosor (5.17-22).

c) Há no texto um destaque especial para o erro que ele cometeu: ele utilizou utensílios trazidos do Templo de Jerusalém, portanto pertencentes a Deus, para cultuar outros deuses (5.2-4, 23).

e) A rainha que aconselhou Belsazar neste capítulo 5, indicando Daniel como pessoa capaz de decifrar enigmas, deve ser a mãe do rei e não uma de suas esposas, pois o texto mostra que ela já vivia na corte a muito tempo.

f) Ainda que Belsazar seja chamado várias vezes, em algumas versões, de filho de Nabucodonosor como, por exemplo, em Daniel 5.11, é melhor entender a figura

deste famoso rei como sendo um predecessor de Belsazar, pois ninguém de sua linhagem deu continuidade ao seu governo. O pai de Belsazar, de fato, era Nabonido, que ainda reinava na época destes acontecimentos. Parece que Belsazar apenas o substituíra por um temo em que ele se encontrava fora da Babilônia. [\[Nota 77\]](#)

g) O grande destaque do texto é a mensagem escrita na parede. As palavras “mene” (מֵנֵי), “tequel” (תְּקֵל) e

“parsim” (פָּרְסִים), não eram desconhecidas. Elas são aramaicas e significam na ordem: “mina”, “ciclo” e “metades”, termos que indicam medidas. O problema era entender que mensagem havia nestas palavras, o que Daniel revelou ao rei. As palavras mostravam que Deus havia julgado o reino de Belsazar e, encontrando-o em falta, havia determinado a sentença: ele seria dividido e dado aos medos e persas (5.24-28).

h) O tema geral do capítulo 4, “Deus é o verdadeiro soberano mundial e dá os reinos de Terra para quem ele quiser” (4.17, 25 e 32), reaparece no capítulo 5 (5.21 e 28).

i) Também neste capítulo 5, o herói de destaque é Deus. Ele foi desafiado, mas não se deixou vencer. Demonstrou seu poder castigando o rei insensato transferindo o poder para os medos e persas.

6) O Capítulo 6 – Daniel é Lançado na Cova dos Leões

a) No capítulo 5 ficou registrada a queda do Império Babilônico, aqui, no capítulo 6, aparecem informações a respeito do novo império que toma o seu lugar, o Medo/Persa. Daniel que havia se destacado no reinado de Nabucodonosor, e sido esquecido na época de Nabonido e seu filho Belsazar, volta à ativa na época de Dario (que alguns têm defendido ser o mesmo Ciro). Aparece atuando de forma tão destacada que atrai a inveja de seus “colegas” de administração (6.4).

b) Ainda que existam muitas diferenças entre este capítulo e o terceiro deste mesmo livro, envolvendo os três amigos de Daniel, as semelhanças entre eles, tanto de estrutura como de vocabulário, são óbvias. Nos dois podemos perceber, pelo menos:

- 1) um decreto que colocava os adoradores de Deus em dificuldades;
- 2) a desobediência ao decreto;
- 3) a execução da pena;
- 4) o livramento da condenação;
- 5) um decreto exaltando a Deus.

c) No capítulo três não é mencionada a atitude do jovem Daniel, neste não se fala em seus velhos amigos. Deve ser levado em conta que muitos anos já se passaram entre estes dois acontecimentos e, provavelmente, os amigos do agora idoso Daniel já haviam falecido por esta época.

d) O grande destaque do capítulo, mais uma vez, é o Deus de Daniel. Veja:

1. os inimigos de Daniel sabiam que ele era fiel à lei de seu Deus (6.5);
2. o rei demonstra esperança de que o Deus de Daniel o livre dos leões (6.16, 20);
3. Daniel afirma que Deus o livrou (6.21-22);
4. o autor afirma que nada aconteceu com Daniel porque ele creu em Deus (6.23);
5. o rei fez um decreto exaltando a Deus (6.26-27).

e) No último versículo do capítulo surgem os nomes de Dario e Ciro como que este sucedendo aquele.

Contudo, deve-se levar em conta a possibilidade da conjunção *wav* (w – e), que aparece na língua original, também poder significar “ou seja”, “a saber”, ou “isto é”, o que estaria explicando que Dario e Ciro seriam a mesma pessoa. [\[Nota 78\]](#)

6.4.2. Auxílios para a interpretação da segunda parte do livro: As visões de Daniel

Esta segunda parte é bastante diferente da primeira, ela está, claramente, escrita na forma de literatura apocalíptica. Contudo, continua ligada à primeira parte por meio dos temas gerais.

1) O capítulo 7 - A Visão dos Quatro animais e do Filho do Homem

a) Este primeiro capítulo da segunda parte tem sido um problema para os estudiosos em relação à unidade do livro. Ele faz parte do mesmo estilo, ou gênero literário, da segunda parte do livro, mas ainda está escrito em aramaico, da mesma forma que a primeira parte. Até o momento isto se constitui em um enigma, ninguém apresentou uma resposta coerente e clara sobre esta questão.

b) O destaque do texto é a presença de um semelhante ao “Filho do Homem”, que assim como os semelhantes aos animais, representa um reino. Este um como Filho do Homem é

o representante dos santos do altíssimo, ou seja, representante do povo de Deus, do reino que permanecerá para sempre.

c) Os quatro animais (Dn 17.7) têm sido entendido de muitas formas, mas, tradicionalmente, têm sido interpretados pela maioria como figuras que representam os impérios da Babilônia, dos Medos-Persas, dos Gregos, e dos Romanos. [\[Nota 79\]](#)

2) O Capítulo 8 – A Visão do carneiro e do Bode

a) O texto pode ser dividido em três partes principais, quais sejam:

- 1) a Visão (8.1-14);
- 2) a Interpretação (8.15-26);
- 3) as consequências Para Daniel(8.27).

b) Daniel é o único livro do Antigo Testamento onde anjos são apresentados pelos seus nomes. Isto é uma característica comum na literatura do período intertestamentário e no Novo Testamento. Aqui o anjo se chama Gabriel, que significa “Herói de Deus”.

c) Daniel é chamado no texto de Filho do Homem. Neste caso o significado é bem diferente do capítulo anterior onde mostrava o representante do povo de Deus. Aqui, como em Ezequiel, deve ser apenas uma referência à humanidade de Daniel em contraste com o anjo. Está indicando que ele é humano.

d) O tempo do fim que aparece no capítulo pode ter duas interpretações:

1. fim da opressão (v. 13) – Assim estaria na mente do autor o fim dos tempos com o fim da opressão após o período grego;
2. fim dos tempos (do mundo), conforme transparece no v. 26.

e) Quanto à interpretação geral do capítulo não há muita dificuldade, é uma das mais claras, pois o livro mesmo a dá. Difícil fica saber a razão de Daniel, o grande intérprete, e provavelmente outros para quem ele a contou, não conseguir entendê-la (v. 27).

3) O Capítulo 9 – A Oração de Daniel e a Visão das Setenta Semanas

a) Daniel, ao perceber que o fim do cativo estava próximo, faz uma longa oração a Deus (9.4-19).

b) Para ver algumas das possibilidades levantadas de interpretação das setenta semanas (9.20-27), indico a leitura do livro de Joyce G. Baldwin, *Daniel: introdução e comentário*, p.

182-188. Nesta parte de sua obra, a autora faz um resumo das interpretações praticadas que ela chamou de interpretação histórica, interpretação em Qumran, interpretação do Novo Testamento, interpretação judaica e do cristianismo primitivo, e interpretações atuais, a respeito do significado das Setenta Semanas. Creio que a quantidade de itens que ela cita já mostra bem que não há um mínimo de consenso a respeito do assunto.

4) Os Capítulos 10-12 – Visão de Um Mensageiro de Deus e Revelações Finais

a) Esta parte do livro forma uma unidade que é datada do terceiro ano do reinado de Ciro (10.1). Daniel estava em jejum por três semanas^[Nota 80] quando um anjo lhe apareceu para mostrar-lhe o que iria acontecer com seu povo (10.14). No capítulo 10, ele acaba não declarando nada, nos próximos, sim, o fará, só que a data já é outra (11.1).

b) Quatro pontos devem ser destacados no texto:

1. é narrada, resumidamente, a história de Alexandre o Grande e seus sucessores;
2. é dado uma ênfase especial ao reinado de Antíoco Epifâneo;
3. é prometida uma vitória final ao povo de Deus;
4. aparece uma promessa de ressurreição (12.2), única passagem clara a esse respeito no Antigo Testamento.

Observação: alguns têm defendido que o termo muitos (*rabbîm* – רבים) que é utilizado para aqueles que irão ressuscitar (12.2), também pode significar todos. A base para isto é tirada de Deuteronômio 7.1, onde muitas nações pode significar todas as nações, e Isaías 2.2-3, onde aparece em paralelo com o pronome indefinido todos (*kol* – כָּל). O versículo 2 apresenta *kol-haggôyim* (כָּל-הַגּוֹיִם) e o 3 *‘amîm rabbîm* (עַמִּים רַבִּים).

Dois destaques ainda devem ser feitos:

1. Daniel demonstrou não ter entendido nada, quando disse: “Eu ouvi, mas não entendi; por isso perguntei: Meu senhor, qual será o fim destas coisas?” (12.8);
2. ele recebeu a promessa de que também iria ressuscitar. “Tu, porém, vai-te, até que chegue o fim; pois descansarás, e receberás a tua herança no final dos dias” (12.13).

Sobre a questão da promessa de ressurreição para Daniel, neste texto, Joyce G. Baldwin diz o seguinte: A última palavra é endereçada a Daniel. Ele também deve ir em frente, apesar de ser já homem velho.

Descansarás implica em que isto aconteça ‘no túmulo’, como em Isaías 57.2 (ARA, ‘leitos’); mas, ele está contado entre os ‘sábios’ (12.3) que ressuscitarão dentre os mortos para receber uma

herança já para eles reservada. Não se lhe deu esperança de que o fim dos tempos chegaria antes do fim do seu próprio tempo de vida, mas ele haveria de experimentar a vida da ressurreição (cf. Mt 28.20), e nesta esperança podia ficar contente. [\[Nota 81\]](#)

Notas do Capítulo 6

Nota 74 - FRANCISCO, Clayde T. Introdução ao Velho Testamento. 2.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979. p.193-195. [\[Voltar\]](#)

Nota 75 - Babilônia, aqui, é chamada de “terra de Sinear” (‘erets shin‘ār –), o lugar da torre de Babel, de acordo com Gênesis 11.1-9. Talvez esta referência em Daniel seja para lembrar que eles foram levados para um lugar de rebeldia. [\[Voltar\]](#)

Nota 76 - BALDWIN, Joyce G. Daniel: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1983. p. 93. [\[Voltar\]](#)

Nota 77 - WALLACE, Ronald S. The message of Daniel: the Lord is king. Leicester, England; Downers Grove, Illinois, USA: Inter-Varsity Press, 1973. p.86-87. [\[Voltar\]](#)

Nota 78 - BALDWIN, Joyce G. Daniel: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1983. p.140. [\[Voltar\]](#)

Nota 79 - DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. Introdução ao Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2006. p.336. [\[Voltar\]](#)

Nota 80 - Ao que parece Daniel não manteve a dieta vegetariana por todo o período do cativo, pois menciona em 10.3 que, naquelas semanas, não comeu carne. [\[Voltar\]](#)

Nota 81 - BALDWIN, Joyce G. Daniel: introdução e comentário. São Paulo: Vida Nova, 1983. p.222-223. [\[Voltar\]](#)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSEN, Francis I. *Jó: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1984.

APOCALÍPSE DE BARUCH. In: PROENÇA, Eduardo. (org.).

Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia. São Paulo: Fonte Editorial Ltda., 2005.

ARCHER, Jr. G. L. *Merece confiança o Antigo Testamento?* 4.ed. São Paulo: Vida Nova, 1986.

ASURMENDI, Jesús Maria. *Da proclamação ao livro aberto*.

In: SICRE, José Luis (org.). *Os profetas*. São Paulo: Paulinas, 1998.

BALDWIN, J. G. *Daniel: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1983.

BÍBLIA, Português. *A Bíblia Sagrada*. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2.ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

BÍBLIA, Português. *Bíblia Sagrada. Almeida Século 21: Antigo e Novo Testamento*. 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 2010.

BÍBLIA, Português. *Bíblia Hebraica: Antigo Testamento*. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer Ltda, 2006.

BÍBLIA, Português. *Nova tradução na linguagem de hoje*.

Barueri,SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

BRIEND, Jaques. *O Livro de Jeremias*. São Paulo: Paulinas, 1987.

BRIGTH, J. *História de Israel*. 3a. ed. São Paulo: Paulinas, 1985.

BRUCE, F. F. *Israel and the nations*. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1983.

CHAMPLIN, Russel Norman. *O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo*. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2001.

CHAMPLIN, Russel Norman. *O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo: dicionário*. 2.ed. São Paulo: Hagnos, 2001.

CRAIGIE, P. C.; KELLEY, P. H. & DRINKARD Jr., J. F. Jeremiah 1-25. In: HUBBARD, D. A. (ed. ger.) *Word biblical commentary*. Dallas: Word Books Publisher, 1991.

COHEN, Gary G. (śaq) pano de saco, sacco. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER, Jr. Gleason L. e WALTKE, Bruce K.

Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1998.

CRAIGIE, P. C.; KELLEY, P. H. & DRINKARD Jr., J. F. Jeremiah 1-25. In: HUBBARD, D. A. (ed. ger.) *Word biblical commentary*. Dallas: Word Books Publisher, 1991. v.26.

CRABTREE, A. R. *A profecia de Isaías: texto, exegese e exposição*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1967.

DILLARD, Raymond B. e LONGMAN III, Tremper. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2006.

ELISSEN, H. L. Oolá e Oolibá, In: J. D. Douglas (ed. ger.). *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1983 v.II.

FRANCISCO, Clyde T. *Introdução ao Antigo Testamento*. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1979.

GOTTWALD, Norman K. *Introdução socioliterária à Bíblia Hebraica*. São Paulo: Paulinas, 1988.

GREEN, Michael. *II Pedro e Judas: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1993.

GUSSO, Antônio Renato. *Gramática instrumental do grego: do alfabeto à tradução a partir do Novo Testamento*. 1.ed. Revisada. São Paulo: Vida Nova, 2013.

GUSSO, Antônio Renato Gusso. *Gramática instrumental do hebraico*. 2.ed. Revisada. São Paulo: Vida Nova, 2008.

GUSSO, Antônio Renato. *O Livro de Provérbios analítico e interlinear: curso prático para aprimorar o conhecimento do hebraico bíblico*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.

GUTHRIE, Donald. *Hebreus: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1991.

HARRISON, R. K. *Jeremias e Lamentações: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1980.

MACRAE, Allan A. 1630 ('almâ) mulher jovem. In: R. Laird Harris (org.) *Dicionário*

internacional de teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HAMILTON, Victor P. 436 (*dām*) sangue. In: R. Laird Harris (org.) *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HATLEY, John E. 1908 (*tsî*) animal selvagem, habitante do deserto. Em: R. Laird Harris (org.) *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

KIRST, Nelson. et.al. *Dicionário hebraico-português & aramaico-português*. 2.ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1989.

LASOR, William S.; HUBBARD, David A. & BUSH, Frderic W. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1999.

LIVRO DA ASCENSÃO DE ISAÍAS 11.41. IN: PROENÇA, Eduardo (org.). *Apócrifos e pseudo-epígrafos da Bíblia*. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

MACRAE, Allan A. 1630 (*'almâ*) mulher jovem. In: R. Laird Harris (org.) *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.

MESQUITA, Antônio Neves de. *Estudo no livro de Ezequiel*. 2a ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1980.

METZGER, M. *História de Israel*. São Leopoldo: Sinodal, 1972.

MONARI, Luciano. *Ezequiel: um sacerdote profeta*. São Paulo: Paulinas, 1992.

MONTAGNINI, Felice. *Isaías 1-39: o olhar do profeta sobre os acontecimentos da história*. São Paulo: Paulinas, 1993.

MONARI, L. *Ezequiel: um sacerdote profeta*. São Paulo: Paulinas, 1992.

RIDDERBOS, J. *Isaías: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1990.

RIDDERBOS, N. H. Isaías. In: DOUGLAS, J. D. (ed. ger.) *O novo dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1983.

SCHULTZ, S. J. *A história de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1988.

TAYLOR, J. B. *Ezequiel: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1984.

WALLACE, Ronald S. *The message of Daniel: the Lord is king*.

Leicester, England; Downers Grove, Illinois, USA: Inter-Varsity Press, 1973.

WEBER, Carl Philip. – *hôy*. Em: HARRIS, R. Laird (org.).

Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 1998.

VAUX, R. De. *Instituições de Israel no Antigo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2003.

Índice de Nomes e Temas

Números

1 e 2 Crônicas 9

1 e 2 Reis 8

1 e 2 Samuel 8

A

Abiatar 48

Abraão 10

Acaz 21, 23, 24, 40

Ágabo 12, 99

Ageu 9

Aías 12, 99

Alexandre o Grande 136

Amom 59, 72, 74, 75, 96, 106, 107

Amós 9, 16, 20, 23, 106

Ana 13

Anatote 48, 52, 57, 58

anel de selo 70

Antíoco Epifâneo 128, 136

apócrifo 10, 23

arca da aliança 68

Assíria 21, 24, 25, 35, 36, 38, 69, 107, 109

Atalaia 16, 96

B

Baal 14

Babilônia 25, 26, 27, 28, 35, 38, 41, 44, 49, 51, 52, 55, 58, 59, 64, 67, 68, 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 86, 89, 91, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 106, 107, 115, 116, 121, 122, 126, 127, 129, 131, 134

Balaão 14

Baruque 51, 52, 53, 55, 56, 58, 68, 86

Belsazar 119, 129, 131, 132

Bíblia Hebraica 2, 7, 8, 9, 22, 79, 80, 139, 141

bruxa do deserto 39

C

Canaã 39

Cânon 6, 9, 117

cânones 7

Cantares 9

Cântico dos Cânticos 94

Cativeiro Babilônico 40

Ciro 26, 28, 29, 41, 121, 122, 132, 133, 136

D

Damasco 25, 59, 74, 75

Daniel 1, 2, 6, 9, 16, 17, 102, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 142

Davi 11, 12, 110

Débora 13

Deus Forte 35

Dêutero-Isaías 27, 28, 29, 30, 31

Deuteronomio 8, 10, 15, 137

Dumá 25, 36

E

Eclesiastes 9

Edom 36, 37, 72, 74, 75, 83, 106, 107, 110

Egito 11, 14, 25, 36, 38, 49, 51, 52, 55, 58, 59, 65, 67, 70, 74, 75, 94, 96, 104, 106, 107, 121

Elão 55, 59, 74, 75

Elias 12, 16

Eliseu 12, 16, 48, 99

enfeites 32

Enoque 10

Escritos 2, 8, 9, 116, 117

Esdras 9, 52

Ester 9

Ezequias 23, 25, 40

Ezequiel 1, 2, 6, 9, 15, 16, 91, 92, 93, 95, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 105, 106, 107, 108, 110, 111, 112, 113, 135, 142

F

fantasma 39

figos 54, 67, 68

Filhas de Filipe 13

Filho do Homem 16, 120, 134, 135

Filistia 25

G

Gedalias 54, 58, 72

Gênesis 8, 10, 121

Gogue 96, 111, 112

H

Habacuque 9

Hananiah 15, 73, 122, 127

Hazor 59, 74, 75

Homem de Deus 16

Hulda 13, 72

I

Ira de Deus 79, 81, 83, 86, 96

Isaías 1, 2, 6, 9, 13, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 43, 44, 72, 99, 106, 137, 140, 142

Israel 1, 11, 14, 16, 21, 22, 25, 26, 30, 35, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 50, 56, 57, 61, 63, 65, 70, 80, 81, 82, 88, 95, 96, 99, 100, 106, 107, 110, 111, 112, 113, 126, 140, 142, 143

J

Joaquim 49, 51, 52, 54, 55, 61, 116

Jeremias 1, 2, 6, 9, 13, 15, 29, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 85, 86, 88, 89, 99, 100, 101, 105, 106, 110, 111, 126, 140, 141

Jerusalém 12, 13, 25, 27, 28, 29, 33, 39, 45, 48, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 62, 67, 68, 69,

71, 72, 76, 79, 80, 81, 83, 86, 87, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 98, 99, 100, 103, 107, 109, 112, 116, 131

Jesus 12, 35, 43, 73, 117

Jeú 12

Jezabel 14, 15

Jó 9, 38, 39, 102, 117, 139

João Batista 12

Joel 9

Jonas 9

Josué 8, 89

Jotão 23

Judá 15, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 31, 32, 39, 49, 51, 56, 57, 61, 63, 64, 65, 68, 70, 72, 81, 82, 83, 86, 88, 91, 92, 99, 100, 101, 104, 106, 107, 110, 111, 116, 121, 122, 127

Juízes 8, 13

L

Lamentações 1, 2, 6, 9, 53, 55, 60, 69, 70, 79, 80, 87, 88, 89, 141

lei 7, 33, 70, 127, 133

Leviatã 38

Levítico 8

M

Macabeus 68, 116, 117, 118

Malaquias 9, 16

Manassés 23

Maravilhoso Conselheiro 34, 35

Mensageiro de Yavé 16

Meseque e Tubal 107

Miquéias 9, 29

Miriã 13

Moabe 25, 59, 72, 74, 75, 96, 106, 107

Moisés 10, 11, 13, 48

Moloque 44, 62

N

Nabonido 129, 131, 132

Nabucodonosor 54, 58, 72, 75, 81, 116, 119, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132

nádegas descobertas 36

Natã 12

Naum 9

Neemias 9, 15

Noadias 15

Nova Aliança 73, 111

Novo Testamento 6, 7, 9, 10, 12, 15, 19, 22, 29, 30, 35, 42, 43, 73, 94, 99, 135, 136, 139, 141

Números 8, 14

O

Obadias 9

o Livro dos doze 9

P

Pai da Eternidade 35

poesia alfabética 84

Príncipe da Paz 24, 35

Profeta 12, 14, 15, 17, 19, 47, 51, 91, 96

Profeta de Nome Desconhecido 12

Profetas 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 14, 15, 57, 95

Profetas Anteriores 8

Profetas Posteriores 8, 9

Profetisas 15

profetismo 14

Provérbios 9, 141

Q

Quebar 97, 98

Quedar 59, 74, 75

R

Rainha dos céus 69

remanescente 34, 45, 54, 55

roupas 32, 33, 88

Rute 9, 50

S

Salmos 9

sangue 87, 105, 110, 141

Satanás 23, 35, 108, 109

sátiro 37

Saul 11

Seir 36, 37, 96, 110

Septuaginta 55, 79, 80

Serpente voadora 36

Servo de Yavé 16, 26

Servo do Senhor 41, 42, 43

sete tempos 130

Síria 21, 22

Sofonias 9

T

Tel-Abibe 97, 98

Templo 49, 51, 54, 56, 58, 68, 81, 91, 93, 96, 100, 131

Texto Massorético 55, 79, 80, 99, 130

Trito-Isaías 27, 30, 44

U

Uzias 21, 23

V

Vidente 15

virgem 22

Vulgata 79, 80

Z

Zacarias 9, 117

Zedequias 14, 49, 51, 54, 55, 57, 58, 61, 67, 72, 73, 76, 99, 101, 104, 126, 127

Índice de Palavras e Expressões Hebraicas

'abbîreykā 75

hikkêti kappî 104

'ohôlibâ 103

'abddî 72

hôy 33, 34, 143

pî yhwh 45

'almâ 22, 141, 142

'immânû 'el 21

qeren 88

'amîm rabbîm 137

'ish 'êlôhîm 16

qînôt 80

'âmôs 20

kebôd yhwh 98

rabbîm 136, 137

'âmôts 20

Ketâb 8

Rô'eh 15, 16

bâmâ 104

Ketûbîm 8, 9

śaq 88, 140

bârûk 51

kî 45

shāqad 61

ben-'ādām 16

kol 137

shāqēd 60

ben buzî 91

kol-haggôyim 137

Sheār yāshûb 21

betûlâ 22

lîlît 39

she'ôl 109

dām 110, 141

liwyātân 38

shib'â 'iddânîn 130

Dāni'el 102

Maher shālâl hāsh baz shōqēd 60, 61

dāniyye'l 115

tahiat hashshābet.i 104

Dāniyye'l 102

mal'ākî 16

Tôrâ 7, 8

debar yhwh 91

massâ' 71

tse'âqâ 33

dibbēr 45

meshiah. yahweh 89

tsedâqâ 33

'êkâ 80

mishppât 33

tsî 37, 38, 141

'el-yehiezquē'l 91

misppâ 33

tsōfeh 16

'êshet lappîdôt 13

mlk 44

Yesha'yâhû 20

gō'ēl 50

na'ar 48

yirmeyâhû 47

hâ'almâ 22

Nâbî' 15, 16

'âhab 88

hakkōhēn 91

Nebi'im 8

haya 91

'ohola 103